A DESTRUIÇAM
DE ESPANHA,
RESTAURAÇAM SUMMARIA
DA MESMA.

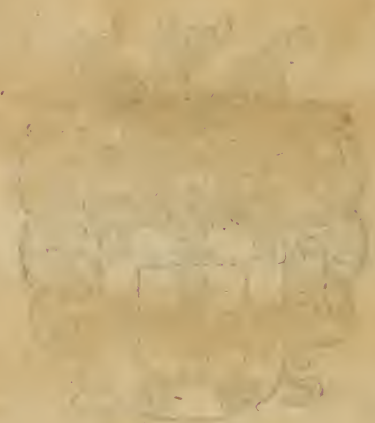
Adove

AO PRINCEPE

DOM PEDRO

NOSSO SENHOR,
Governador, & legitimo Succeſſor do Reyno
de Portugal.

*POR O DOUTOR ANDRE DA SYLVA
Maſcarenhas, do Deſembargo do dito Senhor.*

LISBOA. *Com as licenças neceſſarias.*
Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impreſſor do
PRINCEPE N. S. Anno 1671.

AO LEITOR.

SAbida cousa he, que na historia não póde haver fabulas, senão pura narraçaõ da verdade, mas na Poesia se guardão as contrarias leys, porque sua profissaõ he fingir, fabulisar, & parabulisar. & nisto se distingue o Poeta, do Historiador, conforme aquillo de Donato, lib. 3. de Arte Poetica. c. 8. de Epop. *Ibi Poeta in narrando recedat ab Historici lege, & modo.* Tito Livio ab urbe condita, lib. 1. Dec. 1. tratando de averiguar os verdadeiros principios de Roma, diz assi: *Vrbs Poeticis magis decora fabulis, &c.* Aristoteles de Art. Poet. Particula 80. *Ibi in hijs igitur patet Poetam fabularum magis, quam carminum esse Poetam juvat illud Horat.*

Pictoribus, atque Poetis
Quilibet audendi semper fuit æqua potestas.

De módo que todos os grandes Poetas compuseraõ ficções, & fabulas, he porém verdade que debaxo dessas ficçoẽs cahem utilissimos documẽtos, & oculta, & solida doutrina para as Respublicas, como o mostra Cassaneo no Cathalogo gloriæ mundi 10. par. consid. 45. vers. *Igitur sanctum.* ibi *Qui quibusdam figmentis adhumbrati multa saluberrima docent, adhortantum: sententias à penetralibus Philosophiæ depromptas sub velamento quodam inter serunt, mentes nostras optimis consilijs frequenter instruunt.* Et ibi in dicta consider. *Poetarum laudes usque ad sidera tolit.* copiosius Plato lib. 3. de legib. Poetarum. Aristot. & Donat. *ub proxime.* E mais copiosamente se mostrará no ultimo canto do Poema intitulado *Lapiada*, q̃ está para sahir a luz.

Por onde se não devem admirar os q̃ não professaõ esta arte, de acharem nesta obra fabulas, ficçoẽs, episodios, quando debaixo disso achem documentos mui uteis para a paz, & para a guerra, exhortaçaõ da virtude, extirpaçaõ do vicio, persuaçaõ de bõs costumes, conselhos, & sentẽças saluberrimas para toda a boa politica, & discriçaõ humana, & todas estas ficçoẽs, & fabulas saõ adherentes da verdadeira Historia da Destruiçaõ de Espanha, que por nossos peccados foi taõ verdadeira.

Menos se devem admirar das ficçoẽs de Jupiter, Venus, Mercurio, & Plutaõ nos seus conselhos celestes, porque nessas fabulas está a deleitaçaõ da poesia, & disso uzaõ, & uzaraõ todos os Poetas Christaõs, como se vé de Camões Cant. 1. stanc. 20. ib. *Quando os Deoses no Olympo numeroso,* & stác. 23. *Os outros Deoses todos assentados,* & ibi. *Quando Iupiter alto assi dizendo,* & stanc. 26. *Estas palavras Iupiter dizia. Quando os Deoses por ordem respondendo, &c.* & todo o 1. Canto, & os 10. Cantos vão nesta fórma, & ainda com mais larguesa. Gabriel Pereira de Castro na sua Ulysea Cant. 1. stác. 16. diz assi *Dos Deoses a divina companhia,* & ibi. *E as Deosas da prestante, &c.* & stanc. 17. *No aceno de Iupiter potente,* & stác. 18. *Com Iupiter assiste a chara esposa,* & stác. 30. *Iupiter poderoso, & sempiterno.* E todo o dito cãto, & toda a historia vai

urdida

urdida bem eſtas ficçoens, como o vão as de todos os Poetas, q̃ naõ refiro em particular, por naõ fazer leitura eſcuſada.

Mas eu por ſatisfazer ainda aos mais eſcrupuloſos, me declaro explicitamente, moſtrando, que eſtas Deidades ſaõ fabuloſas, & naõ ſervem mais que para a ficçaõ da Poeſia, no l. 1. ſtanc. 79. ibi. *A Deoſa pouco caſta de Cythèra*, & lib. 6. ſtanc. 1. ibi. *Princeſa da venerea Monarquia*, & lib. 4. ſtanc. 27. *Prometi Deoſes vãos a vòs, & a ella*, & mais claramente no liv. 8. ſtanc. 77 *Neſte Ceo criſtalino, & tranſparente. &c.* & na oit. 78. ibid. *Não moraõ neſta Patria ſanta, & pura, &c.* Nem tambem ſe devem admirar de acharem verſos, que chamão agudos, que eu muito de propoſito neſta obra ſolicitei por ſerem mais demonſtrativos do intento a que ſe apropriaõ, q̃ os heroicos, como ſe vé de Virgil. *Voluitur interea cœlum, & ruit Oceano nox.* & alibi: *Num lacrimis victus dedit, & miſeratus amantem eſt.* & alibi: *Sternitur ex animisque tremens procumbit humi bos.* & alibi: *Eole namque tibi Divum pater, atque hominum Rex.* Camoẽs. *Vaſco da Gama o forte Capitão,* & alibi:

Os livros de ſua ley preceito, ou fé. & alibi: *Das mãos do teu Eſtevão vẽ tomar,* & ibi: *No Braſil com vencer, & caſtigar, &c.* E rara he a folha em todos os Luſiadas, aonde não haja verſos agudos de dez ſyllabas. O meſmo ſe vé de Homero nas Illiadas, & Odiſeas, aonde a quinta parte ſaõ verſos agudos, o meſmo fizeraõ Auſonio, Ovidio, Silo Italico, Juvenal, Marcial, Sanazaro, Lucano, & todos os mais Poetas grandes, & Eſdruxolos, para com a variedade deleitarem, & atrahirem os leitores á curioſidade de ler, que naõ ha duvida, que ſe a hiſtoria for ſempre em hum ſer, eſtilo, & em hum meſmo verſo, de neceſſidade ha de enfadar. Fez Deos o mundo, & pudera fazer, que fora ſempre dia, ou ſempre noite, & com tudo, ſe fora ſempre noite, enfadára mais, mas para recreaçaõ dos homẽs, uſou da variedade de dia, & noite, veraõ, & inverno, Sol, & chuva, frio, & quente, claro, & eſcuro, & aſſi em todas as mais couſas creadas, porque com eſta variedade foſſem os homẽs paſſando melhor os tempos, do que paſſáraõ, ſe ſempre eſtiveraõ em hum ſer; aſſi tambẽ nos Poemas ſe deve uſar de q̃ os inſignes Poetas uſáraõ, variando nelles, como elles, & eſtes devemos ſòmente ſeguir, & imitar, como diz Staço no fim do livro Thebaidos. ibi. *Nec tu divinam Æneida tenta,*

Sed longe ſequere, & veſtigia ſemper adora.

Ariſtoteles de Arte Poetica particula 80. ibi, *ut qui ſemper circa imitationem verſetur*. E por mais que os imitemos, nunca poderemos ſer ſemelhãtes, & ainda q̃ o ſejamos, ſempre o ſemelhante, & o que imita he menor, q̃ o imitado, como diz Seneca: *in Prologo Declamationũ ſuarum*, ibi: *Semper enim veritate ſimilitudo minor eſt.* O meſmo ſe prova no trat. d. mod. ſtud. in jur. Docum. 7. ib. *Numquam par fit imitator auctori.* E ſe nós, com os imitarmos, naõ podemos ſer como elles, que ſerá não os imitando?

E poſto

E poſto, que a alguns Poetas modernos (aliás mui doctos) contente mais a opiniaõ contraria, ſei eu, que naõ haõ de negar, que ninguem bebeo tanto da agoa Aonia como Homero, & Virg. q aſſi o afirma o meſmo Caſſaneo no Cath. 10. par. cõſider. 45. verſ. *Budeus vero.* ib. *Sed inter Græcos excellentior eſt Homerus, & inter Latinos Virgilius.* E o meſmo decide por ley o Emperador Juſtiniano no §. *Sed jus.* in fin. inſtit. de jur. natur. ib. *Vt apud Græcos Egregius Homerus, apud nos Virgilius.* E para com noſco Camoẽs, a quem o dictiloco Lope de Vega no fim da ſua Arcadia chama rariſſimo, & lhe naõ puzera tal nome, ſe em ſeus verſos conſiderára algũa imperfeiçaõ.

Nem os grandes Filoſofos Ariſt. & Plataõ, & os doctiſſimos Donato, & Caſſaneo, & outros, que examinárão a arte da Poeſia, & ſuas leys, tinhaõ razão de aprovar as obras dos Poetas acima referidos, ſe nellas houvera algũa falta, & ſe taõ grandes Filoſofos, & taõ grandes Autores lhe naõ acháraõ falta, nem os Princepes da Poeſia a achárão no que eſcrevéraõ, mal ſe póde reprovar o que os maiores juizos, aſſi da Poeſia, como da Filoſofia aprováraõ. Nem ſei, q Poemas modernos haja ſem eſtes verſos, que eſcureçaõ algũa parte dos antigos.

Nem por iſſo meſmo he verdadeira a razão, q ſe dá, que Torcato, Arioſto, & outros os não fizeraõ, & que ſe Camoẽs eſcrevéra no tempo de hoje os naõ houvera de fazer, porq ſe convence cõ evidẽcia, & ſe vé, q Camoẽs eſcreveu deſpois de Torcato, & outros, & ſe lhe parecéra bem fugir de taes verſos, o fizera, mas eſtando advertido pelo Poema de Torcato, o não quiz fazer, por lhe parecer melhor imitar os grandes Poetas, q aos q os naõ ſouberaõ imitar. Nẽ tambẽ ſe deve reprovar na Poeſia ſer o verſo da hiſtoria corrente, como uſáraõ todos os grandes, & o pedio Camões ás Muſas.

Daime agora hum ſom alto, & ſablimado,
Hum eſtillo grandiloco & corrente.

E he ſem duvida, q ſendo o eſtillo corrente, ſe fórma ſuavemẽte ſentido na hiſtoria, & ſe lé curioſa, & intellectivamente, & ſendo o eſtillo puxado, & violẽto, & tirado fóra da Poeſia natural, como o tiráraõ alguns, q chamaõ cultos, he muito mao de digirir, & ainda q ſe digira, naõ ſe goſta.

Outra mais alta hiſtoria, que a da Deſtruiçaõ de Eſpanha tenho eu propoſto de compor dos milagres, que em hũa Lapa obrou aquella ſoberana Princeſa, que em outra Lapa nos deu o Rey do Ceo, & da Terra; mas como eſta divina Hiſtoria procedeu da Deſtruiçaõ de Eſpanha, fo conveniente primeiro tratar da dita Deſtruiçaõ: que ſendo aceita (como confio) em breve com o favor de Deos, darei ſatisfaçaõ ao que neſta prometo.

Do Doutor Manoel dos Reys Tavares, Epygrama Lusitanico, Latinum, in laudem Authoris, & operis.

TRistes memorias, mortes insolentes
De Hesperia infausta, ó Sylva, lamentando
Ruinas grandes cantas, imitando
De Grecia, & Italia Musas eminentes:
Altamente victorias tam florentes
Hispanicas, celebras, publicando,
Valores estupendos celebrando,
Te exaltas por tuas partes excellentes:
Pheniz vivas de fama tam notoria,
De tua Patria tam altiva gente,
Exemplar de doctrina, genio, & arte:
Es de Luso esplendor, de Hesperia gloria,
Phebo superior metricamente,
E superior bellicamente Marte.

Aliud ejusdem.

HEsperiam lapsam, reducemque, ò Sylva, rependis,
Et memoras causas, flesque canendo casus.
Dedecus illius decorat Pelagius armis
Illius, ac Orbis tu decus arte praeis:
Læta tamen plaudens tecum recreata refulgens,
Nunc ait me à lacrimis liberat iste liber.

De Gaspar Nogueira de Sousa.

DECIMA.

DOcto Sylva Censorino
Da Palestra literaria,
Que a vossa erudiçaõ varia
Nome deve peregrino:
Hoje, que impulso divino
Furia vos dà metricana,
Reconheça a gente Hispana
Melhor por vòs libertada,
Que mais, que á Gotica espada,
Deve à pena Lusitana.

De Dom

De Don Luis Coutinho.

SONETO.

NEste Epico Poema, que formaſtes,
Hiſtoria, que não viſtes, referiſtes,
E com ſer couſa antiga, que naõ viſtes,
Como ſe bem a vires, a eſtampaſtes:
A ruina de Heſperia choraſtes,
E com funeſtos verſos a ſentiſtes,
Mas ſe ſuas choraſtes magoas triſtes,
Suas glorias tambem ledo cantaſtes.
Eterna vivirà voſſa memoria
Na vida, & deſpois no Mâuſeolo,
Logrando dos dous tempos a victoria:
Admirando de hum Polo, a outro Polo,
Com verſos taes, que ſobem a tanta gloria,
Que ſendo Apolo Deos, ſois Deos de Apolo.

Da Madre Violante do Ceo, Religioſa no Convento da Roſa,

SONETO.

A Eſpanha deſtruida, & reſtaurada
Cantaes com voz taõ rara, & tão ſubida,
Que izenta da deſgraça de eſquecida,
Terá ſempre a ventura de lembrada:
Perdida foi, mas para ſer ganhada
Duas vezes, ſó hũa foi perdida,
Pois quanto a perda he bem referida,
Tanto a reſtauraçaõ he duplicada:
Porque ſe a reſtaurou a valentia
De quem ſoube mudar em rendimento
A victoria da pêrfida ouſadia;
Vòs tambem com valente entendimento
A ſabeis reſtaurar da tyrania,
Que exercita o rigor do eſquecimento.

Do Doutor Estevaõ Nunez de Barros.

SONETO.

GLoriosamente Iberia eternizada,
Vossa penna sutil deixar ordena,
Mais deve logo à vossa invicta pena,
Do que devèo à mais valente espada:
Em ser por forte impulso conquistada
Iberia, conseguio a paz serena,
Porèm de a celebrar vossa Camena,
Ficou ao mundo todo acreditada:
Perdida, & Restaurada, igual victoria
Em hũa, & outra acçaõ de vòs condina
Grangea Espanha em cèlebre memoria,
Porque he tal vossa Musa peregrina;
Que chega a usurpar igual a gloria,
Tanto do applauso, como da ruina.

De Manoel Nogueira de Sousa.

SONETO.

NA perdição, que lamentaes chorôso,
Na liberdade, que cantaes triunfante,
Publìca vossa pena de elegante,
O que logra o discurso de engenhoso:
Em hũa, & outra discripçaõ famoso
Neutraliza a razão qual mais espante,
Se o choro de Espanha lacrimante,
Se o canto do resgate glorioso.
Em o verso, & mais litteraes artes,
A coroa vos dà, vos tece o Louro,
O Louro amante da mais bella ingrata:
Em toda a parte admirem vossas partes,
De donde nasce o Sol em berços de ouro,
A donde morre em tumulos de prata.

De in-

De incerta Authora Religiosa.

SONETO.

NAs Sylvas deste bosque florecente
(De Sylva) entre espinhas escabrosas,
Se colhem varias flores, varias Rosas,
Volto o Bosque em Iardim motivamente:
Nelle cantaõ as flores docemente
As guerras, & tormentas procelosas,
Com consonancia as Aves saudosas,
Sobre as murtas entoaõ ledamente.
Os Iasmins, Goivos, Lirios, & Mosquetas,
Por faltarem Violas, & instrumentos,
Tocão as cordas dos Cravos, & Violetas:
Raros conceitos, & altos pensamentos
Deste Poema saõ as chançonetas,
Que armoniaõ florificos accentos.

De Francisco Correa da Sylva.

SONETO.

SYlva Egregio, que na Harpa sonorosa
Choraes o fim da Patria destruida,
E com musica altisona, & subida
Cantaes a que chorastes desditosa;
Qual branco Cisne, que com voz piedosa
Cantando, chora o fim da propria vida,
Mas mais que Cisne vós, porque a cahida
Choraes, & a cantaes mais gloriosa:
Tocando a doce lyra o Thracio Orpheo,
Tornou do inferno Euridice ao mundo,
Que até o inferno ao canto se rendeo:
He tal o vosso canto, & tão jocundo,
Que iguala o de Orpheo, se o não venceo,
Pois resuscita a Patria do profundo.

De Antonio Craesbeeck de Mello.

SONETO,

AS Armas com as Letras juntamente,
Abraçàraõ dous Heroes do mundo
Alexandre feliz, Iulio facundo,
Cadaqual nas acçoens Marte sciente.
Vencèraõ do Oriente ao Occidente
As terras, & o Pelago profundo,
Que Minerva com Marte furibundo
Iuntos, podem vencer o Inferno ardente.
Tudo o destes dous em vòs se encerra,
Docto Sylva, as Armas, & a Sciencia,
Pois sciente ensinaes Letras, & Guerra.
He tal vossa heroica excellencia,
Que faz postrar aos pès da Lysia terra
De Marte a lança, de Marco a eloquencia.

Do Doutor Luis do Couto Felix: do Desembargo de S. Alteza.

SONETO.

CAntaes divino Orfeo, & a doce lyra,
Que as pedras animando, prende o vento,
Là do imperio cruel do esquecimento,
A memoria de Espanha ao mundo tira:
O estrago antigo a patria não suspira,
Adormecida ao som do acorde accento,
E esse da culta mão, claro instrumento,
Do tempo encanta as leys, do fado a ira:
Mais altamente illustre Espanha agora
Se contempla na vossa historia escrita,
Que no que a libertàra, esforço raro.
Com tanto mais ventagens vencedora;
Quanto he mais, que do torpe Ismaelita
Restaurala das maõs do tempo avaro.

Do Doutor Christovão Alam de Moraes.
do Desembargo de S. Alteza.

THEMA.

O Doutor Andre da Sylva Mascarenhas.

ANAGRAMA.

Claro Norte da vida, honra das Musas.

SONETO.

TAõ bem cantaes de Espanha a antiga gloria,
Docto Sylva, aos aplausos destinado,
Que deve o illustre Heroe, por vòs cantado,
Mais do que á sua espada, à vossa historia.
Vendo a vossa Epopèa, com vangloria
Vos tem o mesmo Apolo fabricado
Hum simulacro de ouro, levantado
No altar da fama, & templo da Memoria:
Cantai pois, que com graças tão difusas,
Será vosso Poema, em culto accento,
Claro Norte da vida, honra das Musas:
E despois reduzido a fòrmas bellas,
Impresso ficarà no Firmamento,
O Ceo serà papel, tinta as Estrellas.

Do mesmo.

DECIMA.

SV libertad deve solo,
España, a vòs, y a Pelayo,
Que si él fuè de Marte un rayo,
Vòs sois un rayo de Apolo:
Del Arctico al otro polo
Será, Sylba, conducido
Su nombre, y vuestro apellido;
Pues con iguales decoros,
El la librò de los Moros,
Vòs la librais del olvido.

PODe correr este Livro. Lisboa 5. de Junho de 1671.

Diogo de Sousa. Fr. Pedro de Magalhães.
Manoel de Magalhaens de Meneses.
Dom Verissimo de Lancastro.
Alexandre da Sylva. Francisco Barreto.

TAixão este livro em doze vintẽs em papel. Lisboa 30. de Mayo de 671.

Miranda. Roxas.

A DESTRUIC,AM DE ESPANHA,

RESTAURAC,AM SUMMARIA DA MESMA.

LIVRO PRIMEIRO.

ARGUMENTO.

DElicioſamente governava elRey D. Rodrigo os Reynos de Eſpanha, & como das delicias nacẽ os vicios, deu occaſiaõ com o ſtupro de Cava filha do Conde Iuliaõ, a q̃ Plutão ſe queixaſſe a Iupiter de ſuas maldades, teve tẽçaõ Iupiter de logo o caſtigar, mas por interceſſaõ de Venus lhe dilatou o caſtigo, de q̃ indignado Plutaõ, paſſou a Africa, & fez confederar Iuliaõ cõ Iſmar Rey Mouro, a que mandaſſe exercito contra Eſpanha, que mandou, & ſe perdeu no mar com hũa grande tempeſtade. Eſcapou Iuliaõ com algũs Mouros, que o ſeguiraõ, os quaes por erro foraõ mortos pellos meſmos ſeus, junto aos muros da Cidade donde tinhaõ ſahido. Refereſe o q̃ mais paſſou Iulião com o dito Rey Mouro.

1

CAntem todos as guerras tremebundas,
As Armas, & os Varoẽs ſanguinolentos,
Longas navegaçoẽs, agoas profundas,
Tempeſtades fataes, chuvas, & ventos:
Navaes, civis batalhas furibundas,
Deſafios crueis, golpes cruentos,
Façanhas immortaes dignas de eſpanto,
Que eu sò, triſte de mim, lagrimas canto.

2

Canto lagrimas triſtes deſtiladas
Do intimo da mente piedoſa,
Porque agradão melhor magoas cantadas,
Que alegrias ſem canto em livia proſa:
As preſentes cantadas, & choradas
Saõ nacidas da ſorte deſditoſa
Da ruìna fatal da nobre Eſpanha,
Que injuſta padeceo perda tamanha.

3

De Paleſtina eſqueça a lamentavel
Ruìna, que Nabuc, Rey de Babel,
Com indomita ira, & implacavel
Obrou pello perverſo Neregel:
Eſqueça o cativeiro perduravel
No Egypto dos filhos de Iſrael,
O incendio, & caſtigo todo junto
Das Cidades de Troya, & de Sagunto.

4

Se eſta fora a ultima ruìna
De Eſpanha, ainda aſſi me conſolàra,
Por ver que hũa tormenta Barbarina
Co tempo, pouco, & pouco ſe acabàra:
Mas ah, que não ſei, não, que determina
Com noſco a fatal roda ſempre avàra,
Que ſendo jà paſſada eſta deſgraça
Com outra nos acena, & ameaça.

O Muſas

5

O Muſas ſaudoſas do Mondego,
Que com pès de criſtal por vitreas minas
Pizais do monte Herminio ao alto pègo
Os campos reveſtidos de boninas:
Borrifai neſte engenho inculto,& cego
As lagrimas da Aurora matutinas,
Para chorar cantando a ſorte ingrata
Dos Eſpanhoes com lagrimas de prata.

6

E ſe me concedeis,Ninfas ſagradas,
Que cante eſtes ſuceſſos lacrimoſos,
Voſſas agoas de aljofar marchetadas,
Que mil rios recebem deleitoſos:
Eternas ſeraõ ſempre,& celebradas
No canto de meus verſos numeroſos,
Fazendo ſepultar em o Lethes frio
De Cypro o Monte,de Arethuſa o Rio.

7

Nem menos vòs, ó Princepe excelente,
Deſprezareis de ſer ſempre cantado
No arame deſte plectro inſipiente,
Que ſò com vos louvar ſerà louvado:
Feniz unica,voz da Lyſia gente,
Das cinzas de Joaõ reſuſcitado,
Para voar veloz do occiduo Polo
Até onde no mar renace Apolo.

8

Nam ſaõ vãas eſtas minhas ſeguranças,
Por mais,que o tempo mude a varia ſorte,
Porque não pode em vós haver mudanças,
Pois mando em vòs não tẽ o tẽpo,& a morte:
Mais aſſombraõ jà voſſas eſperanças,
Que os feitos immortais de Alcides forte,
Se as eſperanças dão jà taes effeitos,
Quaes os viràõ a dar os proprios feitos?

9

O filho de Philippo, o graõ Thebano
Muitos Reynos vencèraõ furibundos,
Todo o mundo vencèo Octaviano,
Mas com modeſtia vós venceis dous mundos:
Hum o da eſtimação do fauſto humano,
Outro o da ambição dos bens immundos,
Que muito mais vòs ſò venceis na mente,
Que elles do Oriente ao Occidente.

10

Não ſois filho de Jupiter,nem Juno,
Como os antigos Heroes ſe jactavão,
Da Deoſa Venus,Thetis,& Neptuno,
Stirpes,que vaãmente fabulavão:
Mas ſois doce penhor,& charo alumno
Do Jove Portuguez,aquem tocavão
Honras mais verdadeiras,& gloriozas,
Que as Deidades fingidas fabulozas.

Sois

11

Sois filho do Leão da extrema Eſpanha,
Tenro Catulo,que ainda eſtais dormindo,
Entre as flores,que a freſca Aurora apanha,
E vos traz dos crepuſculos do Pindo:
Mas como deſpertardes na campanha
Do ſono,as aureas comas ſacudindo,
Com as garras fareis em terra,& lodo,
Não digo Eſpanha,mas o mundo todo,

12

Nos tenros annos ſois,qual foi Quirino
Na prudencia,no esforço,qual Thaumante,
Menos de humano tem,mais de divino,
Quem á idade,& annos ſe adiante:
A voſſo ſupercilio peregrino
Humilde ſe ajoelha o monte Athlante,
Como o fez a voſſos Genitores
Joaõs ſempre na guerra vencedores.

13

O esforço tomaſtes do Primeiro,
A magnanimidade do Segundo,
O zello,& a clemencia do Terceiro,
Do Quarto (voſſo Pay)valor profundo:
Dos mais Reys do Emisferio derradeiro,
Dos que perfeitos mais foraõ no mundo,
Roubàraõ pera vòs Palas,& Marte
De todos (ſem ficçaõ)o todo,& a parte.

14

A Veſpera Naçaõ, que a tudo impèra,
He a voſſo mandar,ou pouco,ou nada,
Pouco niſto vos digo;a meſma Esfera
Terreſtre,he com voſco abreviada:
Foivos eſta grandeza alta,& ſevera
Dos Biſavòs,& Pays,a vós mandada,
Que não vencéraõ ſó,nem ſometèraõ
A ſi,o que ſòmente não quizeraõ.

15

Del Rey Affonſo Sexto os Eſtandartes
Em vontade,& ventura inda florecem,
Mas ſaõ taõ ſoberanas voſſas partes,
Que junto a vòs os bons,o não parecem:
Voſſas obras ſaõ firmes baluartes,
Que ſem armas o Reyno fortalecem,
E ſe as obras ſem armas podem tanto,
Com as armas,ſerão do mundo eſpanto.

16

Por iſſo vos ſobio à Dignidade
Real,o que governa o Ceo ſuperno,
Vendo em annos taes tal Majeſtade,
Tal juſtiça,fervor,valor interno:
Bem lhe baſtava à Patria a liberdade,
Regida, ou com bom,ou mao governo,
Mas não conſentio nunqua,nem conſente
Quem não for mais que todos excellente.

Vaſſal-

17

Vaſſallos tendes taes,de tão divino
Conſelho, q̄ em quaeſquer trances de Marte,
Vereis que o ſeu esforço he de vòs dino,
E que o voſſo com elles ſe reparte;
Se elles co ſeu, & voſſo adamantino,
Unido com o meſmo esforço,& arte,
Quizerem conquiſtar o Mar, & a Terra,
Que Terra,ou Mar terà com elles guerra?

18

Mas em quanto de vós naõ digo tanto
Quanto ſe deve a voſſas obras raras,
Ouvi da Patria méſta o triſte canto,
Todo envolto em lagrimas amàras:
Vereis de Eſpanha o Rito ſacroſanto
De Mouros profanado,as ſantas Aras
Dos Martyres,brotando o ſangue em rios,
Regando os Mauros campos,& Gentios.

19

Deſte ſangue puriſſimo,& inſonte,
E lagrimas choradas triſtemente,
Vereis naſcer hũa alta, & clara Fonte,
Que ha de refrigerar todo o Occidente:
Seu principio terà no Lapio monte,
Mas fim lhe naõ verà nenhum vivente
Por ſer univerſal Fonte de gloria,
De que ha de proceder hũa alta hiſtoria.

20

E todas as Barbaricas ruìnas,
Que nos viraõ entaõ, & hoje nos vem,
Por pecados,ſaõ puras diſciplinas
Do Deos nado na Lapa de Belem:
Os golpes ſe trocáraõ em flores finas,
Que em bens nos troca o mal o ſumo bem,
Como tambem trocou tanta miſeria
Pella Reſtauração da aflicta Eſperia.

21

Governava os Reynos abundantes
Da Belatríce Eſpanha elRey Rodrigo,
Dando leis aos povos inconſtantes,
Sem guerras, nem receos de perigo:
Os tempos ſe paſſavão como d' antes,
Em feſtas,& em comedias,uzo antigo,
Sem ſe entender no meio deſtas glorias,
Quanto ſaõ as do mundo tranſitorias.

22

Eraõ co ocio vil fraco abatido
Os fortes coraçoẽs afeminados,
E o povo abraſado,& embebido
Em vicios,em torpezas,&em peccados:
De amor eſtava o Rey quaſi perdido,
Por quẽ lhe fez perder Reynos,& eſtados,
Que ſe perdem por vicios ſenſuaes,
Os bens eternos, & ainda os temporaes.

Que

23

Que a cegueira dos mìſeros amantes,
Nunqua vè os perigos eminentes,
Nem os atrozes males circunſtantes,
Senão, o que he peor, goſtos preſentes:
Naſcèrão de hũa dor cauſas baſtantes
Para a deſtruição de tantas gentes,
Co ſtupro de Cava, prenda bella,
Do Conde Julião, que era pay della.

24

Louvar ſe pòde ao Conde o ſentimento
Da offènſa de ſua honeſtidade,
Se o não vituperàra co cruento
Disbarate da Hiſpana Chriſtandade:
Se hoje ouvera ſtupros cento, & cento
Neſta noſſa infeliz laſciva idade,
Não ſe perdèra não a forte Eſpanha,
Que o crime frequentado não ſe eſtranha.

25

Por mulheres porèm ſe tem perdido
Muitos Reynos da outra, & deſta vida,
Por Eva ſe perdeo o Ceo ſobido,
Por Helena a Aſia eſclarecida:
Por Cleopatra o Egypto foi vencido,
Aſſiria por Semiramis perdida,
Por Cava ſe perdeo a forte Eſpanha,
E por Anna Bolena a Graõ Bretanha.

Vendo.

26

Vendo maldades taes o mao Plutaõ
Horrifico infernal,que nas profundas
Cavernas de Acheronte ſobe a maõ
Sobre os eſpritos maos,& almas immundas:
Naõ deixando paſſar occaſiaõ
De accuſar noſſas culpas pudibundas,
Hum pouco alevantando a voz pezada,
Para Jupiter alto ao Ceo brada.

27

Naõ ſei com que razão,com que ira,& ſanha
Me ſepultaſte aqui com furia acerba,
Sem eu nada obrar ſò por ter manha
De hũ peccado protervo de ſoberba:
Olha bem o que vai na ingrata Eſpanha,
E veràs obra tudo, & menos verba,
E conſideraràs ſe he mais razão
Quem falla caſtigar,quem obra não.

28

Na ſoberba Toledo eſtà Rodrigo
Uzando mal dos bẽs que lhe permites,
Moderando ſeu Reyno taõ antigo
Sem querer moderar ſeus apetites:
Paſſando hà tantos annos,ſem caſtigo,
Com Cava,em delicias,& convites;
Dà licença,pois es Juiz direito,
Que ſe lhe imponha a penna igual ao feito.

Ouvio

29

Ouvio isto o Padre Omnipotente,
E volvendo na mente as espalhadas
Terras, os olhos poz nas do Occidente,
Em vicios, & em torpezas innodadas:
Quiz abrazalas logo de repente
Com coriscos, & horrendas trovoadas,
Mas temeu, que o ar sacro concebesse
Chamas, & que o eixo todo ardesse.

30

Ocorreulhe tambem à sabia mente,
Que havia de vir no fim do mundo
Tempo, em que abrazasse o fogo ardente
A terra miseranda, o mar profundo:
Como isto percebèo, não quer que a gente
Pereça antes do dia tremebundo,
Em que de longe tem no pensamento
De dar premio aos bõs, aos maos tormento.

31

Estas cousas assi premeditadas
Na mente, appareceo Venus fermosa,
Com as faces em lagrimas banhadas,
Qual rosciado Cravo, ou fresca Rosa:
E com doces palavras magoadas,
Nascidas da affeição prodigiosa,
Que sempre teve à Hispana Monarchia,
Para Jupiter bravo, assi dizia.

O Prin-

32

O Principe da Esphera cristalina,
Queco aceno placido,& jocundo
Moves a Corte Olympica divina,
O Mar,& o Glolo Espherico rotundo:
Pois que tua piedade peregrina
He reger com justiça o impio mundo,
Porque has de permittir tire Asmodeu
O ser a Espanha,que elle lhe não deu.

33

Porque queres, que acabe infamemente
Hum Reyno pellas maõs sanguinolentas,
D'hũ Mouro,que por ter todo o Occidente,
Lhe tire a vida, & terras opulentas:
Não tenho là na plaga do Oriente
Vinte Reynos, Cidades setecentas,
Aonde recolherei a gente amada,
Das terras,& dos mares agitada.

34

Ou tu lhe dà caminho pellos mares
Por onde và cortando a agoa amara,
Ou manda hum rayo ardente pellos ares,
Que dos corpos lhe aparte a vida chara:
Assi dizendo,as lagrimas a pares
Vão pella fronte Angelica,& preclara
Correndo em puro fio,com que logo
Jupiter se abrasa em vivo fogo.

E incen-

35

E incendido assi na alegre penna,
Que á vista da alva Deosa padecia,
Co rostro com que o mar,& o Ceo serena
Para a querida filha assi dizia:
Não me move(ó candida Açucena)
O argumento sagaz,a raiva impia
Da besta infernal,que ha muitos annos
Me saõ muy conhecidos seus enganos.

36

Moveme a impiedade obstruza,& crua
Dos vicios sensuaes de DomRodrigo,
E do Reyno, que tenho a espada nua
Para decer sobre elles co castigo:
Mas como tanto estaes da parte sua;
E tanto vos molesta seu perigo,
Poderà a grande penna dilatarse,
Atè se ver se querem emendarse.

37

Isto Jupiter disse,& logo chama
A Mercurio,que chame o leve vento,
E vâ dizer a elRey,que a pague a flama
Venerea,ou acenda o seu tormento:
O filho,que a seu Padre tanto ama,
Toma as azas peniferas de argento,
E a vara terrivel,com que logo
Do fogo as almas tira,& mete em fogo.

Jà

38

Jà move as brancas azas,& cortando
Os ares vay da Olympica morada,
Refpiralhe galerno hum vento brando,
Em que fuftenta a penna prateada:
O corpo vai ao mar precipitando,
Rompendo os Ceos nubivagos,deixada
Atràs a Libra,o Cancro, o Peixe Aquario,
O Leáo, Hirco,Touro,& Sagittario.

39

Nas nuvẽs affentado defcendia
O gerado de Maya graciofa,
Tranando os roxos ares,quando via
Do Calpe a Serra excelfa,& nemorofa:
A ella logo o Alipede partia,
Qual precepitada ave à terra herbofa,
A Toledo dalli em breve efpaço
Se parte,& poem no tecto do alto Paço.

40

Era no tempo,quando a noute fria
Do Emifpherio Eoo afugentava,
Com fombras vãas a clara luz do dia,
E Phebo aos Antipodas queimava:
O Princepe benigno,que dormia,
Em fonhos mentirofos fe occupava,
Que à imaginaçáo,a alta idea,
Trouxe da negra praya Acherontea.

Em

41

Em ſonhos ſe occupava,& pouco tinha
Dormido,quando o filho de Cylene,
Cheo de reſplandor a elle vinha,
De graças feito Eridano perenne:
Chegando diz: Acorda infauſto aſinha
Acorda,infauſto,acorda,& não te penne
De ouvir com ledo aſpecto iſto que digo,
Que Jupiter potente eſtá contigo.

42

Bem ſabes que te fez elle ſenhor
Dos povos, que governas turbulentos,
Para ſeres hum firme guardador
Das leys,& de ſeus juſtos mandamentos:
Para fazer juſtiça com rigor
Nos homicidas,& homẽs fraudulentos,
Para caſtigar vicios,& peccados,
E enfrear aos mais deſenfreados.

43

Para juſto,& ſevero caſtigar
Os furtos,os ſtupros,& adulterios;
E ſem nenhũs reſpeitos emmendar
As injurias,& torpes vituperios:
Para tambem ſaberes premiar
Os bons,& dar aos pobres refrigerios,
E a ſoberbos pennas, ſendo exemplo
A todos os que aſſiſtem no ſeu templo.

Não

44

Não sò naõ dás castigo à tua Curia,
E Reyno,merecendo castigallo,
Mas es vivo exemplo de luxuria,
Contigo,& com a filha de hum vassallo:
Jà te esquece de Arbaces a penuria,
Com que vencèo à elRey Sardanapallo,
Sò por ser mole,fraco,incontinente,
E o que teve David,Rey penitente.

45

Ah Reys torpes Barbaricos,quam rudas
Saõ vossas confianças,& governos,
Que lanças,que farpoês,settas agudas
Vos estão esperando nos infernos:
Desenganate,ò Rey,que se não mudas
A vida,& os costumes mais internos,
Com que poluta tens tua pessoa,
Que has de perder os Reynos,& a Coroa.

46

Não saibas mais:& logo com pavores
Extrinsecos,& mostras de amargura,
Deixando a casa chea d'esplendores,
Voando,se entregou à noute escura:
Turbado,fica o Rey em seus amores,
Pois saõ causa de tanta desventura,
Quanta lhe pronostica o Nuncio santo,
A noute passa em triste penna,& pranto.

47

Jà a candente Aurora renovava
Com novo lume os montes nemerosos,
E do Croceo aposento se apartava
Nos Ethereos cavallos luminosos:
O trepidante Rey, que em vão chorava
Seus vicios,& peccados vergonhosos,
Naõ contente em lagrimas,& dores,
Passa a móres trabalhos,& rigores.

48

Depoem a Toga,& purpura Real,
O Ceptro,& todo o mais Regio exercicio,
Todo se enche de cinza funeral,
E se veste de saco,& de silicio:
Jà naõ quer mais do Imperio temporal,
Que sòmente aprazer,& ter propicio
A quelle,que lhe fez tanto favor,
Que atraz o fez tornar de seu error.

46

Tres horas tinha jà o dia andado,
E entrava nas quatro,quando a gente
Principal de seu Reyno,& alto estado
Vinha assistirlhe leda,& diligente:
E achando a seu Rey tambem trocado,
E de seus erros jà taõ penitente,
Teve grande pavor,& admiraçaõ
De ver taõ repentina conversaõ.

50

Porque elle altamente ſe acendeo
Tanto nos doens do ſonho,que gozàra,
Que levantando as mãos,& a voz ao Ceo,
Chorando,deu razão do que paſſàra:
Com ſua converſaõ, ſe converteo
O povo logo alli (mudança ràra)
Que he facil de mudarſe a plebe ruda
Para trato melhor,ſe elRey ſe muda.

51

O povo aſſi,& elRey foraõ paſſando
Alguns tempos com duras diſciplinas,
Seus vicios gravemente caſtigando
Com jejuns,& abſtinencias peregrinas:
Com lagrimas dos olhos aplacando
A quem devagar dà pennas condinas,
E tanto devagar,que aos mundanos,
Que de antes alagou,tardou cem annos.

52

A Cava moſtrou logo disfavores,
E ella lhe moſtrou deſconfianças,
Que o premio que ſe tira dos amores,
Saõ pennas dos deſdẽs, dos bẽs lembranças:
Quanto mais ſuas firmezas ſaõ maiores,
Tanto maiores ſaõ ſuas mudanças,
Que tarde,ou cedo,de affeiçoens terrenas,
Não ficaõ ſenão lagrimas,& penas,

Aos

53

Aos Ceos,& aos ſeus dà grande brado
A converſaõ delRey ao ſer primeiro,
Com que Jupiter bravo de indignado
Se torna hum manſiſſimo cordeiro:
Relaxa o cativeiro do peccado,
Deixando o vil peccado em cativeiro;
Quem dirà,que ha no Ceo tal piedade,
Que em nós ſe ponha noſſa liberdade.

54

Não pode ter mais tempo ſofrimento
O Princepe das trevas infernais,
Que vendo em vão fruſtrado ſeu intento
De Barbarìa às terras paſſa Auſtraes:
E com moſtras de dor,& ſentimento,
Diſſe,dando ſuſpiros,& mil ais,
Jà que mover naõ poſſo ao alto Ceo,
Moverei eſte povo,pois que he meo.

55

Sò eſte povo meu ſe póde armar
Com goſto,& com intrinſeco deſejo,
Para com meu favor desbaratar
Os povos do alto Douro,& freſco Tejo:
Se elle ſe quizer confederar,
E unir com Juliaõ ſoberbo, vejo
(Sendo eu Capitão)que o vencimento
Se ha de antecipar ao juſto intento.

56

E logo para o fim do caso infesto
De dar a Espanha o ultimo castigo
Toma fingidamente o traje,& o gesto
Do Arabe Xaramà do Conde amigo:
E buscandoo com rostro alegre presto
O abraça como amigo,sendo imigo,
E lhe diz,como assi passas à vida,
Com a fama,& a honra jà perdida.

57

Ou tu naõ tens discurso,nem juizo;
Ou se o tens, que causa assi te encanta
A sofreres com tanto perjuizo
Ati,& a tua filha afronta tanta:
Se tu te não vingares de improviso
De hũ Rey,q̃ a si,& a ti,& às leys quebranta,
Naõ seràs nobre,naõ,seràs profano,
Vil,& abatido tu,& elle tyrano.

58

Responde Juliaõ com confiança:
Naõ quero,naõ,vingarme,porque a Ley
De Deos nunqua permite aver vingança,
Mòrmente em hum vassallo contra hũ Rey:
A code o Rey das trèvas;essa usança
Jà naõ se guarda,& eu te provarei
Por textos,& razoẽs mui conhecidas,
Como saõ as vinganças permettidas.

A vin-

59

A vingança he virtude,& he peccado,
Peccado em quanto mal a executamos,
Virtude em quanto sò por zello honrado
As afrontas dos proximos vingamos:
Isto te mostrarà qualquer Letrado
Nos Textos,& nas Leys,que professamos,
Que elles,& nós no modo de entendellas
Somos iguaes,com nosco,o naõ ſam ellas.

60

Perdoar as injurias,que nos tocão,
Para com Deos,he obra meritoria,
Oppinioẽs a vingallas nos provocão,
Porque he a oppiniaõ commum vaãgloria:
Quantos descanços por trabalhos trocaõ
Notoriamente,os que sem notoria
Afronta vingaõ seus melindres de honra,
Naõ he assi quando he publica a deshonra.

61

Honra a vingança,quando justamente
Se toma em parte, que ao contrario afronta,
Que em tal parte a recebe o delinquente,
Que afronta mais a quem se desafronta:
Naõ se fazendo em parte conveniente
Com castigo adequado,pouco monta,
Querer entrar em maõs taõ arriscadas
Para sahir com vazas empatadas.

62

Que defina a justiça Justiniano,
Que os antigos a pintem com balança,
E sem maõs,& sem olhos o Thebano,
Moralidade tem,que bem se alcança:
Eu a defino, se me não engano,
He justiça hũa publica vingança
Da culpa,no culpado executada,
Despois que plenamente està provada.

63

Sabido tens de mim já claramente
Como a justa vingança he permittida,
E o que se naõ vinga,entre a gente
Popular, honra,& fama tem perdida:
Avistate co Principe excellente
De Africa terra santa esclarecida,
E tu o acharàs sempre disposto
Para te socorrer no gasto,& gosto.

64

Eu naõ sou Xaramà,sou Rey das glorias,
E das pennas,& estou no inferno,amigo
De mim pendem as guerras,& as vitorias,
Consigo me acharà,quem for comigo:
E quem naõ crer em cousas taõ notorias,
E nas àrduas empresas,que consigo
Mil danos passarà:& assi dizendo,
Nas trèvas se escõdeo cõ hũ grito horrendo.

Com

65

Com ſombras da virtude contrafeita,
E Rezoẽs de Plutaõ o Conde bruto
Se a viſta co Rey da falſa Ceita,
E lhe offerece de Eſpanha o graõ tributo:
A offerta o Rey barbaro aceita,
E com ella ſe alegra,& exalta muto;
Firmaõ liança,& pazes,& autos vaõs
De inimigos ſe tornaõ logo irmaõs.

66

Jà o ſoberbo Rey que Iſmar ſe chama,
Taõ poderoſo,& mao,como inhumano,
Agil manda chamar toda a Mourama
Do mar de Athlante,ao mar Mediterrano:
O Getulo,o Numida de alta fama,
O Tirio,o Tinge,& o torpe Mauritano,
E outras varias Naçoẽs,que a Barbaria
De Africa dentro em ſi ſuſtenta,& cria.

67

E porque todas venhaõ ſem detença
Sem detença dizer jà manda a todos,
Que nenhum ficarà ſem juro,ou tença
De quantos conquiſtar forem os Godos:
E que logo ſem mais outra ſentença
As terras,que ganharem por ſeus modos
Seraõ proprias dos meſmos tomadores,
E dellas ficaràõ livres ſenhores.

68

Com eſte injuſto,& perfido decreto
Incitatrìs de empreza taõ cruel
Convida o falſo Rey,& a dura Alecto
Os torpes deſcendentes de Iſmael:
Ajuntaſſe o exercito inquieto
Nas prayas ardentiſſimas de Argel,
Em tanta multidaõ,que parecia,
Que o mundo todo alli junto ſe via.

69

Soberbos eſquadroẽs de gente armada,
Com gram ferocidade vaõ marchando
Pellos campos Barbaricos,& agrada
Ver tanta multidaõ tudo aſſombrando:
Os dous Cabos da gente convocada,
Se vaõ n'hum corpo myſtico ajuntando,
Aſſi como os dous Conſules fizeraõ,
Quando os Carthagineſes os vencèraõ.

70

Para contar o grande ajuntamento,
Que alli ſe vio da gente Mauritana,
Me era neceſſario o inſtrumento
Da Homerica Muſa,& Mantuana:
Naõ achão pella larga terra aſſento
As aves,tudo occupa a gente inſana;
Volteaõ pello ar em negros bandos,
Fazendo ſombra aos Barbaros nefandos.

Mouros

71

Mouros duzentos mil eraõ pedeſtres
De armas,& veſtes ſericas ornados,
De plumagẽs,de trunfas, & os equeſtres
De marlotas,capuzes variados:
Das ordens de Mafoma quinze Meſtres,
E duzentos de campo bem armados
Alferes,Capitaẽs,que não aponto,
Por não terem nem numero,nem conto.

72

O Vento com ſeu ſopro revolvia
As plumagẽs,bandeiras,& pendoẽs:
O Sol que tudo vè,reſplandecia
Nos peitos do aço fino,& murrioẽs:
O exercito em giro todo ardia,
Movendoſe os ferozes eſquadroẽs,
Parecendo de longe o ferro duro,
Que era prata bornida,ou ouro puro.

73

Aſſi como na freſca Primavera,
Quando os campos eſtão de varias cores,
Zephiro brandamente move,& altèra
Os candidos jaſmins,& as roxas flores:
Ferve toda a campina,& ferve a mera
Fragancia dos herbaticos odores;
Tal fervia o campo variado
De armas,& varias cores adornado.

Por

74

Por ſer tão numeroſo o povo vaõ,
O exercito em dous elRey reparte,
De hum delles faz Perfeito a Julião
Deſleal,& do outro a Zuleimarte:
Ambos ſaõ de invencivel coraçaõ,
Conhecidos por taes em toda a parte,
Tão fortes,& de engenho tão facundo,
Que qualquer conquiſtar pudera o mundo.

75

Eſtava o torpe Rey na fortaleza
Mais alta vendo o grande ajuntamento,
Recreandoſſe em ver ſua grandeza,
Imperio delitado,& o pulento:
Jà manda dar ſinal para eſta empreza,
Que todos ſe recolhaõ n'hum momento
Aos navios,com todo o neceſſario,
Poſto que o ſalſo mar ſeja contrario.

76

Já Amete com hum corno retrocido,
A cavallo correndo,o ſinal dava,
O ſom alto,& canoro foi ouvido
Por todo o arrayal que eſparſo eſtava:
Cada hum ſe recolhe ao permettido
Navio,com as ordens,que levava,
Com tantas municiões quantas convinhão
Ao horrendo poder,que armado tinhaõ.

Hia

77

Hia jà neſte tempo o Sol ardente
Tingindo no alto mar ſeus rayos de ouro,
Tràs elle vinha andando a noute humente,
Cobrindolhe com ſombra o roſto louro:
Toda a noute immolàraõ triſtemente
Victimas a Mafoma (infauſto agouro)
Queimando o mole Incenſo, que das veas
Chorando brotaõ as lagrimas Sabeas.

78

A Lua, & as Eſtrellas ſcintilavão
Sobre as agoas ceruleas de Nereo,
Nas meſmas ſe eſculpiaõ, & figuravaõ
Os Signos, & Planetas do azul veo:
Pello que o Ceo, & o mar ſe trasformavaõ,
Mal ſe via qual era o mar, ou o Ceo,
Porque nas agoas trèmulas fingia
Hum, o que realmente o outro a via.

79

Vendo tanta inſtrução da Olympia ſala
A Deoſa pouco caſta de Cythera,
Chea de grave dor deſta arte fala
A Jupiter ſeu, pay, ſenhor da Eſphera:
Quem podera cuidar, que a fraca àla
Dos biſnetos de Agar tanto pudera,
Que quizeſſe intentar couſa tamanha,
Como he deſtruir a nobre Eſpanha,

Vejo

80

Vejo,que ſem vergonha, medo,ou pejo,
Querem lograr os campos abundantes
Do Betis,do Mondego,Alva, & Tejo,
E delles lançar fóra aos meus amantes:
Deſtruir voſſa ley,ſó com deſejo
De eſtenderem ſeus idolos errantes,
Para que Plutaõ ſeja obedecido
Na terra muito mais,que o Ceo ſobido.

81

Ha muito poucos dias,Padre amigo,
Me prometeſtes vós,que ſe inda ouveſſe,
Emenda,abrogarieis o caſtigo,
Sem que Eſpanhol algum mais ſe perdeſſe:
Elles(como ſabeis)trazem conſigo
Tanta dor,quanta nelles ſe conhece;
Se iſto aſſi he,que penſamento
Vos pode aſſi mudar de voſſo intento.

82

A iſto lhe reſponde o Pay ſuperno
Taõ brando,quanto póde imaginarſe:
Muito bem ſabeis vòs,que o meu governo,
E palavra jà mais pòde mudarſe:
Que ſe permitto ao Mouro là do interno
Coraçaõ da grande Africa abalarſe
Com exercitos dous deſvanecido,
He para brevemente o ver perdido.

Aſſi

83

Assi dizendo, manda aos Elementos,
Que como se estender na agoa salgada
A armada dos Caens sanguinolentos,
Se alague, & abraze logo toda a armada:
Ajuntamse os trovoẽs, chuvas, & ventos
Na mais occulta, & intima enseada
Do Guaditano mar, & alli sossegaõ,
Em quanto os bravos Mouros naõ navegaõ.

84

Jà Phebo do ardentissimo Orizonte
Pello mundo seus rayos esparzia,
Tirando o negro vèo da branca fronte,
Por distinguir da noute o claro dia:
A Moça de Titaõ na fresca fonte
De Anphytrite raucisona se via
Dar aos ares luz, às ervas cores
Pasto os animaes, à terra flores.

85

Tanto que o claro dia se mostrou
Sereno, & sem temor, a grande frota
Se armou seguramente, & preparou
Para logo seguir sua alta rota:
As anchoras qualquer logo apanhou
Com força varonil da praya inmota,
Qualquer delles gritando se despede
Do Rey falso, & do falso Masamede.

Jà

86.

Jà Zulei nas naos tinha os resolutos
Mamis,homens de gram ferocidade,
Os fragosos Solimas,que com brutos
Leoens,tinhão provado a liberdade:
Os Zaires,Abassis,& outros mutos,
A quem esconde a negra antiguidade,
Escolhidos por rara valentia
Entre todos,em toda a Barbaria.

87

Cheas as naos por hũa,& outra banda
Da vil canalha, perfida,inconstante,
Logo o Capitaõ soberbo manda
As vèllas dar ao vento respirante:
Jà vai a gente Barbara,& nefanda
Sulcando o salso pelago espumante,
Geme Thetis debaixo d'agoa,& geme
O graõ Neptuno,o mar ferido treme.

88

Nadão as naos untadas pello argento
Das salebrosas agoas Neptuninas;
As vèllas do alvo linho dando ao vento,
Como aves as azas turturinas:
Perdendo a vista vão do patrio assento,
E de todos os montes,& campinas
Da doce terra amada,& patrios lares,
Sem nada verem mais,que Ceos,& mares.

89

Eſtava a agoa do mar mui criſtalina,
E quieta em ſeus placidos aſſentos,
Quando o rouco Tritaõ com hũa buzina
De alva concha, convoca os negros ventos:
Vem todos là da plaga Ultramarina,
Donde eſtavão metidos, mui violentos
Noto, Aquillo bravo, Africo forte,
Arrebatando o pó do Sul ao Norte.

90

Voando Euro vem mui carrancudo,
Pellos ares batendo as negras azas,
E dellas dando agoa, & vento mudo,
Chovendo nos telhados, & altas cazas:
E entrando no mar com ſopro agudo,
As ondas, que atè então eſtavão razas,
Se igualão aos montes, & aos outeiros,
Sendo na terra, & mar puros chuveiros.

91

Com alarido grande a gente impura
Grita, & toma as vèllas crepitantes;
O mar ſe involve todo em noute eſcura,
Com ſombras, rayos, fogos coruſcantes:
Paſma com medo toda a creatura,
Paſmão os miſeraveis navegantes,
Os Tubaroẽs, Golfinhos, & Balèas
Se vem no ar, & logo nas arêas,

Vendo

92

Vendo Zulei, que a armada se perdia,
Sem lhe poder valer, taõ de repente
Revolvendo na amara fantesia
O bem atrâz passado, & o mal presente:
Com gemidos o ar, & o Ceo feria,
Acompanhandoo o mar, & a bruta gente
A forma de Mafoma, que alli estava
De giolhos postrado, assi clamava.

93

De casa, & meus penates apartado,
E do bem, que eu miserrimo là tinha,
Fiando da agoa os gostos, hei deixado
Da bem ditosa, & chara patria minha:
Desgraciado eu, pois fui tirado
De vida taõ alegre, taõ asinha,
Para me ver agora sem sossego,
A pique sepultar no inmenso pego.

94

Se foi livre das ondas inconstantes
Deucalion, & Pirra, esposa amada,
Justos ambos, & ambos observantes
Da justiça na terra pouco uzada:
Como o não serão hũs navegantes,
Que por acrecentar a lei louvada,
Que aos Mouros deste vão sofrendo
Os trabalhos que estàs tu mesmo vendo.

95

O tu Profeta grande que eſcolhido
Foſte do noſſo Alab na graõ Mourama
Inclina teus ouvidos ao gemido,
E lagrimas que eſta armada em vaõ derrama:
Aſſi dizendo os mares, & o zonido
Dos ventos, & das ondas ao Ceo brama
Inchaſſe a mortifera procella
Com os grandes trovoẽs que eſtão ſobre ella.

96

Os manheiros quaſi deſmayados
Co eſtridor da horriſona tormenta,
Mal reparaõ os maſtos jà quebrados,
Nem lanção fóra a agoa turbulenta:
As taboas, as armas, & os ſoldados,
E Miniſtros da armada fraudulenta,
Nadando ſobre as ondas inſofridas,
Vomitão no amargoſo as doces vidas.

97

E Vencidos dos ventos, & dos mares,
Algũs navios vaõ a pique ao fundo,
Levão os meſmos ventos pellos ares
As vèllas com zonìdo tremebundo:
Os navios, & naos quebraõ apares,
E apares vão decendo ao profundo
Do mar, & do inferno, aonde logo
Da fria agoa ſe volvem em vivo fogo.

97

Os Mouros inimigos da verdade,
Vendo as naos entre ſi todas quebrarſe
Com tam tempeſtuoſa eſcuridade,
Não ſabem com rezão determinarſe:
Cuidão que eſtá alli toda a Chriſtandade
Contra elles navalmente a impugnarſe,
Pelejão hũs com outros,ſendo amigos,
Cuidando ſer armada de inimigos.

98

Aſſi como nos vaõs Reynos Cocitos,
Entre as chamas inferias trabalhoſas
Pelejão cruelmente os maos eſpritos,
Sendo amigos,nas ſombras tenebroſas:
Feremſe hũs aos outros,& daõ gritos,
E gemidos,com dores amargoſas,
Aſſi no alto mar nimboſo,& eſcuro
Se matava entre ſi o povo impuro.

99

Conſideray,ó miſeros humanos,
Quam poucos dias hà,que eſtes ſoldados
Nas Barbaricas prayas tanto ufanos
Por ſeu esforço,& arte eraõ preſados:
Vede da natureza os deſenganos,
E em quam breve emfim foraõ tornados,
Em cinza,& em agoa,em pó,& em terra dura
Servindolhes o mar de ſepultura.

Que

112

Que Deos contra potenciasas Argelinas
Pode dar tal incendio,& tanto fogo
Sobre as cerulas ondas Neptuninas,
Para nos abraſar a armada logo:
Vi lanças,& alabardas de aço finas,
E outras mil invençoẽs do Marcio jogo
Decerem ſobre nós,& nos matarem
Hum,& hum,& a todos afogarem.

113

E o que mais ſenti na triſte armada,
Foi dar hum Viſcainho Gil Vandoma
Huma fera,& acerba bofetada
Nas faces da imagem de Mafoma:
A mão ficou na face afigurada,
E ſe lhe conheceo logo hum ſyntoma,
Com que o Mouro Propheta entriſtecido
De nos naõ ſocorrer fiquou corrido.

114

Outro poder mayor,outro Propheta
De mais ſólida,& firme Divindade,
Devia de obrar com mão ſecreta
Neſta noſſa fatal calamidade:
Como dos males vi a extrema meta,
E os eſtragos da armada,& tempeſtade
Com tanto morticinio,& fim nefando,
Fui recolhendo o povo miſerando.

116

Com poucos pouco, & pouco fui ſahindo
Da peleja aſperrima, & naval,
O mar para meu mal me eſtava abrindo
Caminho em ſeus campos de criſtal:
O reſto que ficou me foi ſeguindo,
Eſcapando de hum mal, a outro mal,
Que aonde imaginamos termos vida,
Ahi quaſi a de todos foi perdida.

117

Chegamos a eſte teu ſereno porto,
Da morte quaſi jà reſuſcitados,
Eſperando ter nelle algum conforto
Dos naufragios do mar atraz paſſados:
O deſventura grande, ò caſo abſorto
O culpas, ó caſtigos, ò peccados,
Que avendo de falar lingoa Africana,
Falei ſem têr cautella a lingoa Hiſpana.

118

Imagináraõ os teus aſtutamente,
Que era Chriſtáa a gente deſte armada,
Que a conquiſtar Argel falto de gente
Vinha com intençaõ deliberada:
Com armas, & com fogo asperamente
Se avençàraõ a nós gente coitada,
Que nem armas, nem fogo nem maõs tinha
Para ſe defender do mal, que vinha.

Tudo

100

Tudo quanto ha na vida miſeravel
He cinza, he pó, he lodo, he ar, & he vento,
Húa ruina acerba, & lamentavel,
Hum precipicio, hum pègo de tormento:
Hũa apparencia vaã, hum ſonho affavel,
Hũa ſombra ſem ſer, hum penſamento,
Hum ramo, que em nacendo jà florece,
E de repente ſéca, & em murchece.

101

Por impulſo das agoas Juliaõ
Com vinte, ou trinta mil torna à Cidade
Donde ſahido tinha o eſquadraõ,
Que padecèo no mar tão larga clade:
Entrando pella fòs do rio Amaõ
De noute, jà ſem Lua, ou claridade,
Começa de bradar aos altos muros
Os Recolhaõ, que alli naõ eſtão ſeguros.

102

Como o Conde falaſſe Caſtelhano,
E não ſoubeſſe incauto precatarſe,
Cuidão que ſaõ Chriſtaõs, que com engano
Vem com armada alli para vingarſe:
Sem outro mais diſcurſo o povo inſano
Começa todo às naos precipitarſe
Com inſtrumentos de armas, com que logo
Os abraſaõ crueis a ferro, & fogo.

103

Torna a escapar de tão tragico mapa
Bem mal ferido o Conde Juliaõ,
Que hum ruim de ordinario sempre escapa,
Ate em fim lhe chegar occasiaõ:
Descalço, sem punhal, espada, ou capa,
As maõs atrás, concreto o coraçaõ,
Com oprobrios, & escarnios he levado
Aos encontros perante o Rey malvado.

104

Elle taõ liberal, como insolente,
Co engano da nova lisongeira,
Pagando erradamente à sua gente
Para Juliaõ diz desta maneira:
Que infortunio, que fado pestilente
Te trouxe sem juizo à mais guerreira
Cidade da grande Africa invencivel,
Para teres sucesso taõ terrivel.

105

Que Princepe, senhor, que Rey Christaõ
Pode na Europa aver tão atrevido,
Que mandasse aos fins de Tutuão
Tentar o Mauro Imperio tam temido:
A isto lhe responde o Conde vaõ,
De todos, & de si desconhecido,
Nem Rey Christão, fortuna, ou vil contraste
Me trouxe a ver Argel, tu me mandaste.

Eu

106

Eu já fui Juliaõ,hoje ſou nada,
Pois os fados em nada me tornàraõ
Contra Eſpanha com força ſublimada
Os mares por teu mando me levàraõ:
Taõ boa conta dei da tua armada,
E de quantos comigo ſe embarcàraõ,
Neſtas prayas de Argel em o mar eſquivo,
Que ſendo tantos nòs,ſó eu ſou vivo.

107

Vivo eu,ſem viver,porque viver
Com a honra,& fama jà perdida,
He cem vezes peor,do que morrer,
Que a morte,ſe he honroſa,entaõ dá vida:
Partime deſta praya com o poder
Da armada taõ potente,& guarnecida,
Que o meſmo mar,parece que gemia
Co pezo intoleravel,que em ſi via.

108

O mundo parecia hum breve ponto,
Quaſi indiviſivel a eſta armada,
A multidaõ de Xerxes no Heleſponto
Ficava ao comparar tornada nada:
Os navios,& naos eraõ ſem conto,
E a conta de tudo era dobrada,
Temendo eſtava Eſpanha eſta conquiſta,
Que mais aſſombra a fama,do que a viſta.

109

Indo nós jà no meio desses mares,
Dando ao vento as vaâs vèllas de estopa,
Repartindo as terras,& os lugares,
Como quem tinha jà fortuna em popa:
Hum chuveiro medonho pellos ares
Da parte Occidental da grande Europa
Se escurece tão feo,que duvida,
Cada hum jà de si,todos da vida.

110

Os mares pouco,& pouco se encrespavão,
Os nubiferos ventos pareciam,
Que dos pólos mais altos derribavão
Coriscos,com que os mares se acendiaõ:
De longe as ondas horridas bramavaõ,
As de perto,parece que gemiaõ
Co pezo da tromenta,& co ruido,
Que o mar fazia em rayos acendido.

111

Com esta graõ tormenta juntamente
Deu sobre nòs a armada Lusitana,
Como rayo,que dece de repente
Para abrasar a Maura furia insana:
Os ventos,& os mares co esta gente
Fizeraõ fraternal liga vessana,
Para nos acabar nestes perigos
Sendo os homẽs,& o mar nossos imigos.

Vencèraõ,

119

Vencèraõ,& por fim foraõ vencidos,
Porque aquelles que ſangraõ em ſuas veas,
Seus membros deixão logo enfraquecidos,
E o valor ſe augmenta nas alheas:
Laſtima era ouvir tantos gemidos
Dentro nas naos,& fora nas areas,
E mais laſtima foi ficar eu vivo,
Para contar hum caſo taõ nocivo.

120

Tem por certo,ò inclyto Monarca,
Que a Deos dos Chriſtaõs não eſtà agravado,
Porque ſe o eſtivera,a dura parca
Dera na Eſpanha o golpe inopinado:
Em quanto o Sol,o Ceo,& o Mar abarca,
Com ſeu giro Eſpherico,& dourado,
Não teràs,nunqua não os Ceos propicios,
Se cahir não tornarem em ſeus vicios.

121

Ouvindo iſto o Rey bravo,& ſedento,
Em ordem a ſeu coſtume taõ profano
Se levantou feroz do Regio aſſento,
E rompeo ſeus veſtidos,quaſi inſano:
Deu gritos,& gemidos vaõs ao vento,
E lagrimas ao coro ſoberano
Dos Anjos, c'hum gemido taõ profundo,
Que ſe compadeceo delle o Mar,&o Mundo.

Foi

122

Foi logo o meſmo povo reſpondendo
Com hum triſte,& luctiſono mugido,
Sôa no alto Paço o choro horrendo,
E o repete o ecco entriſtecido:
Logo que falar pode o Rey verendo,
E ſe foi quietando o alarido,
E ululato da gente derradeira,
Para todos falou deſta maneira.

123

Quem confia do tempo,& da ventura,
Quam breve perde aquillo,que confia,
A roda da fortuna mal ſegura,
Facilmente ſe muda,& ſe varìa:
O bem ſempre vem tarde,& pouco dura,
O mal vem hum ſobre outro em perfia,
E hum ſobre outro veio neſta armada
Para de todo ſer logo acabada.

124

Perverſa,& mal nacida eſperança,
Mãy da calamidade,& da miſeria,
De hum ſó parto de ti,mal,& mudança
Naceo com permiſſaõ da Deoſa Egeria:
A que fim ſeguraſte a confiança
Da ſojeição velòz da terra Iberia,
Para me cumulares tantos danos,
Quantos agora vejo,ſendo enganos.

Não

125

Naó hà como tu tal enganadora
Para agenciar mal aos desditosos,
Pois com sombras de palma vencedora
Os lanças em monturos afrontosos:
Pompeo contra ti lamenta,& chora,
Holophernes dà gritos amargosos,
Annibal te blasfema,& o astuto
Antonio,Catelina,& Casio,Bruto.

126

Dos mesmos companheiro me fizeste,
Agora no abalo deste Imperio
Para se perder tudo quanto neste
Reyno,se ajuntou com vituperio:
Em quanto o Ceo volubil,Norte,& Lèste
Reluzir neste Arctico Emispherio,
Sempre teràs de mim,& gentes minhas
As queixas que ora tens, & d' antes tinhas.

LIVRO

LIVRO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

CHama elRey Mouro os ſeus, a conſelho ſobre ſe mandar ſegunda armada contra Eſpanha, em vingança da perda paſſada: Dão os Mouros, & o Conde Iuliaõ ſobre iſſo diverſos pareceres. Reſolve elRey, que o dito Conde com algũs Mouros vá disfarçado a Eſpanha, & veja o eſtado della, & a gente, que para a conquiſtar ſe requere. Parte o dito Conde com algũs Mouros; & deſpois de verem nos Ceos ſinaes claros de ſeu vencimento, & no mar outro notavel auspicio do meſmo vencimento, lhe ſucedem no mar, & na terra varios caſos, & infurtunios, que o Conde venceo com a ſagacidade em que o inſtruio em ſonhos ſeu amigo Plutaõ. Fala Iulião com ſua filha Cava inflamaſſe a ira, & a vingança: Faz o meſmo Plutão conſelho no Inferno ſobre a deſtruição de Eſpanha, & executa o que nelle reſolveo. Livra Cava da priſaõ aos Mouros companheiros de ſeu pay, & voltaõ todos alegres, & ſem caſtigo, nem perigo a Africa.

I

IA a Aurora com riſo, & alegria
No Indico jardim cheo de roſas,
Alegre entre criſtaes reſplandecia,
As ſombras desfazendo tenebroſas:
Sem ſe ſentir de noute, que chovia,
Pingando eſtavão as flores mais cheiroſas
Gotas de aljofar, & agoas borrifadas
A maneira de lagrimas choradas.

2

O Mahometano Rey todo embebido
Na vingança da perda atràs paſſada,
Iracundo provoca o mal regido
Povo a ordenar ſegunda armada:
O vulgo em mil ſentenças dividido
Naõ ſabe a que rezão ſe perſuada,
Se a fazer guerra viva à forte Eſpanha,
Ou a diſſimular perda tamanha.

3

Levantaſe Salim, homem na Corte
Aſſàs exprimentado, ſabio & velho,
Que em ſua mocidade foi mui forte,
E deſpois muito mais com ſeu conſelho:
Muito viſto nos trances de Mavorte,
E tambem nos do nautico aparelho,
E dis aſſi; ò Rey alto, & ſupremo,
Diante quem fallar receyo, & temo.

4

Parece que he rezão ſincera, & pura,
Que ſe torne a ſeguir o patrio Marte,
Com tresdobrada força, que a ventura
Não eſtà ſempre poſta de hũa parte:
Para iſto, ſenhor, logo procura,
Que o Conde Julião com modo, & arte
Va dar volta a Eſpanha, & conſidere
A gente, que para ella ſe requere.

E ſe

5

E se o seu Deos està inda por elles,
Como o mesmo Conde já tem dito,
Ou se o vicio os tem jà feito imbelles,
E lhe tem enervado o alto sprito:
E tudo visto bem por elle,& aquelles,
Que consigo levar do Mauro rito,
Façaõ relação certa com sua vista,
Doque se deve obrar nesta conquista,

6

A todos contentou o que o cossario
Salim bem sabiamente proferio;
E com asseno,& voz,assenso vario,
De todos geralmente se admittio:
Só Maluço Mulei pello contrario,
Em tal proposiçaõ naõ consentio,
Antes alevantando carregado
A cabeça,& a voz,disse enfadado.

7

Na razão de Salim,mais sem razão,
Do que justa razão se conhecèo,
Dizer que torne o Conde Juliaõ
A ganhar o que fraco jà perdèo:
Não se sabe mui bem,que elle he Christaõ,
E que professa a Ley do Nazarèo,
Que com mente sagaz se faz amigo,
Para acabar de dar tanto castigo.

8

Que ſe ſaiba ſe eſtà da ſua banda,
 Ou favores lhe faz inda o ſeu Deos,
 Que importa,o q̃ não cremos,no Deos q̃ anda
 Fóra do Calendario dos Judeos:
 Se Cava,ſua filha miſeranda,
 Stupro padeceo dos meſmos ſeos,
 Và elle com os ſeus meſmo a vingallo,
 Não queira ao noſſo Rey disbaratallo.

9

Mas nem elle tem filha,nem ſe eſconde,
 Que elle tem com ſeu Rey grande privança,
 E que buſca o favor,& auxilio donde
 Devèra exprimentar toda a vingança:
 A iſto lhe reſponde o ſabio Conde
 Com firme,& com ſegura confiança,
 Não nego ſer Chriſtaõ , nem negarei
 O Baptiſmo,& a Fè,que profeſſei:

10

O mais que dizes nego,& mais te digo,
 Que ſe eſte Deos Homem incomprehenſivel,
 Que por nos deſviar todo o caſtigo,
 Quis padecer na Cruz morte terrivel,
 Dos Chriſtaõs naõ eſtiver hoje inimigo,
 Sua parte ſerà ſempre invencivel;
 E poucos dias hà,que aſſi o viſte
 No miſerando fim da armada triſte.

Bem

11

Bem ſei que me teràs em pouca conta,
Em me pòr contra as leis do Rey do Ceo
Antes devéra ter a vida pronta
Para o dar vezes mil por quem ma deo:
Mas foi taõ exceſſiva a grande afronta
Do Caſtelhano Rey,que me offendeo,
Que me fez eſquecer do mayor bem,
Por me vingar do mal,que me entretem.

12

Se eſta fè,que em mi tanto deſprezas
Náo fora bem nacida de alta ſanha,
Náo entregàra eu as fortalezas
A eſte Reyno,que ſaõ da forte Eſpanha:
Prova bem clara he eſta das grandezas,
De que tenho uzado em terra eſtranha,
Mas ſe ainda naõ baſta eſcolha elRey
O que mais fór conforme a ſi,& a ley.

13

Como iſto diſſe: o Mouro imperioſo,
Aſſenando co roſtro ſe ajuſtou
A ſentença do Conde deſditoſo,
E do Solio Real ſe alevantou:
Logo preparar manda ao mar undoſo,
Embarcaçaõ,que o mar meſmo ordenou
Para eſte,& outros caſos ſemelhantes,
Em que poſſaõ paſſar cem navegantes.

Eſtava

14

Estava hum Bargantim que ha poucos dias
C' hum sopro o vento Sul avia gerado,
Azas, & pennas tinha corredias,
Que em dote o mesmo Pay lhe avia dado:
Neste se embarca o Conde, & Mamelias,
Piloto em Argel mui celebrado,
Com mais cem companheiros, & partindo
As agoas vaõ ligeiros dividindo.

15

Cobrindo com seu manto a noute escura
Vinha horrida os miseros mortaes,
Eis que vendo a celeste architectura
Se vem nos Ceos horrificos sinaes:
Ferver esquadroẽs em guerra pura,
Desfazeremse em sangue os arrayaes
De Mouros, & Christaõs, & em fim de tudo
Prevalecer da Lua o torpe escudo.

16

Brada o piloto todo alvoroçado:
Vede amigos, & irmaõs esta visagem,
Que promete sucesso sublimado
A todos os que vam nesta viagem:
Temos o Ceo por nòs, & o mesmo irado
Està contra os Christaõs; franca passagem
Teremos todos, & o mar seguro,
Que quem tem Deos por si tem forte muro.

17

A luz da manhãa roſcida ſurgia
Dos altos montes de Africa, o mar claro
Campeſtria de boninas parecia,
Matizada co a cor do eſmalte amaro:
Forão as vellas dando aquelle dia,
E o ſeguinte, com goſto grande, & raro,
Caminhando no mar taõ brandamente
Como em hum jardim freſco, & excellente.

18

E ao terceiro dia navegando,
Jà mui longe da terra em mar remoto
Sucede hum caſo triſte, & miſerando,
Que foi morrer de ſubito o Piloto:
Todos os companheiros vaõ chorando,
Por ſe verem em pégo taõ ignoto,
Sem ſaberem onde eſtaõ, ou onde eſtà
A terra, que ſem tino buſcaõ jà.

19

O bargantim ſem meſtre, & com receo
Vai para onde o leva o vento irado,
Aſſi como cavallo, que ſem freo
Segue ſò ſeu furor precipitado:
Giros, & voltas dà no meſmo enleo,
E torna a navegar o navegado,
Outra vez torna a andar por onde andou,
E desfaz o que feito jà deixou.

Vendoſe

20

Vendose neste extremo,& variedade
O Conde indigno erguédo as mãos aosCeos,
Começa de acusar sua maldade,
Seus erros, & delitos contra Deos:
Porque sendo sequàs da graõ verdade
A verdade deixàra,a si,& aos seus,
Sò por seguir a Mouros inimigos
Causas tudo de seus grandes castigos.

21

Hum Mouro,que chamavão Alboacente,
Vendo a Juliaõ tam agastado,
Lhe diz,senhor naõ temas,que eu sómente
Te levarei ao porto dêsejado:
O piloto trazia huma patente,
Ou agulha do mar,papel prezado,
Por onde governava a nòs,& assim
Os ventos,& o mar,& o bargantim.

22

O mesmo farei eu,que elle não tinha
Mais juizo, nem arte,do que eu tenho;
Assi dizendo, busca,& colhe asinha
A causa instrumental de seu desenho:
Suspende Juliaõ a dor mesquinha
Por hum pouco fiado em seu engenho,
Entendendo,que tem remedio certo,
No que assegura o Mouro pouco experto.

23

Quando o mesmo Mouro na maõ toma
A carta do mar,& ar,que he laberinto,
E diz,eis aqui França,eis aqui Roma,
Alli està Carthago,alli Corintho:
O lago abominavel de Sodoma,
O mar Egypcio todo em sangue tinto:
Faltanos só achar a Hispana terra,
Com que todo o medo se desterra.

24

E se a achamos neste protocolo,
Como he certo,estar nelle todo o mundo
Figurado de hum ao outro polo
A Terra,o Ceo,o Ar,& o Mar profundo:
Antes que vezes tres o louro Apolo
Perlustre co seu coche o Ceo rotundo,
Estaremos nós nas terras do Occidente,
Porque esta escritura nunqua mente.

25

Nella pintando vi Cea,& Abiul,
Terras em Portugal ao Meio dia,
Elle olhava o Ceo,que estava azul,
E todo com o dedo o revolvia:
E dizia;o vento he Norte Sul,
Orça marinheiràs,orça tal via,
Tange a nao por detràs a mão do Leste,
E guarte do Levante,& Sudueste.

Eis

26

Eis aqui,eis aqui jà ſe deſcobre
Valença,& Aragaõ,& o largo giro,
De Eſpanha fertiliſſima,que encobre
Os theſouros,aquem fazemos tiro:
Vendo tanta ſimpleza o Conde ignobre,
Arranqua hum altiſſimo ſuſpiro,
Do intimo do peito,& as queixadas
Foraõ logo com lagrimas banhadas.

27

E cahindo no chaõ c' hum deſvario,
Do cerebro,& hum mortifero accidente,
Por muito tempo eſteve morto,& frio,
Palido,& ſem cor de homem vivente:
E eſtando aſſim, eis que hum navio,
Vinha andando pera elles brandamente,
E poſto,que temiaõ ſer cativos
Mais temiaõ no mar morrerem vivos.

28

E no meio de tanta deſventura,
Deziaõ entre ſi,todos chorando,
Melhor ſerà morrer com gente pura,
Do que impuros morrer co mar lutando:
Cos braços,& cos lenços de miſtura,
De longe vaõ bràdando,& aſſenando,
Atè,que foraõ viſtos dos contrarios,
Que no modo moſtravão ſer coſſarios.

29

Tanto que hũs,& outros ſe aviſtàraõ,
E conſtou claramente ſerem Mouros,
Mil vezes hũs,& outros ſe abraçàraõ,
Renegando de Eſpanha os vaõs theſouros:
Com lagrimas ſeus males precontàraõ,
Dizendo mal de ſi,& ſeus agouros,
Porque eſtiveraõ poſtos no mais raro
Ponto da deſventura,& deſemparo.

30

Com palavras iguaes os conſolava,
O Capitaõ pirata,& com preſteza,
As meſas, & manjares pór mandava,
Para redintegrarem a natureza:
Hum moço com toalha,& agoa lava,
As maõs çujas da Maura,& vil bruteza,
Aſſentamſe com goſto,& alegria
Comem,bebem,& paſſaõ niſſo o dia.

31

Baxar,meſtre da nao,mal inclinado
No meio do comer ledo,& contente,
Vendo a Juliaõ eſtar proſtrado,
No laſtro,com o atraz dito accidente,
Pergunta,que homem era,& porque fado,
Sem fala eſtava alli morto,ou doente!
Hum de ſeus companheiros lhe reſponde,
Eſte he Juliaõ,em Eſpanha Conde.

 Meio

32

Meio morto cahio neſte lugar,
Quando conſiderou noſſo deſtroço,
Obrigaçaõ nos corre de o guardar,
Pois deixou de ſer ſeu,ſò por ſer noſſo:
Muito melhor ſerà lançallo ao mar,
Diſſe o outro,c'hum pezo ao peſcoço,
Porque nunqua farà couſa bem feita,
Huma vez,que naõ ſegue a noſſa Ceita.

33

A todos contentou o que o patrono,
Da nao julgou de ſeu diſignio vão,
E houvera de morrer,ſe em ſeu abono
De ſeu Rey lhe naõ fora à letra à maõ:
Eſperta neſte tempo do alto ſono,
Attonito o miſeravel Juliaõ,
Mas naõ imaginou,que vivo eſtava,
Se naõ q̃ ao outro mundo ſe paſſava.

34

E quando os mares vio,& o ar jocundo,
Meſas, & de comer,& a leda gente,
Diſſe:nunqua cuidei,que no outro mundo
Avia mar,nem Ceo,nem Sol luzente:
Se o que vejo naõ hé ſonho profundo,
Illuſaõ, ou phantaſma, differente,
Modo ſe acha cà do que os humanos
Là contão deſtes Reynos tão profanos.

35

Riramſe diſto os Mouros,vendo o Conde,
Taõ alheado,& fora de ſeu ſizo,
E logo qualquer delles lhe reſponde,
Naõ cuide tal,& torne a ſeu juizo:
Que eſtá vivo como elles na naõ onde
Lhe deu o accidente de improviſo,
Que queira deſterrar a ſede,& fome
Com elles ſem mais rogos bebe,& come.

36

E porque o tempo ſe hia jà paſſando,
Ao pirata pede o Conde vão,
Lhe queira dar Piloto ſabio,& brando,
Que os leve à Hiſpana povoaçaõ:
Tudo lhe dà,& logo as vellas dando,
Se deſpedem com moſtras de affeiçaõ,
Cada hum ſegue a via permittida,
Nos mares taõ incerta,como a vida.

37

Não tinhãõ muitas agoas ainda andadas,
Quando de longe olhando apparecêraõ
Tres ondas, que as eſtrellas borrifadas,
Deixàraõ cos açoutes,que lhe deraõ:
Com ſombras outra vez repreſentadas,
Da morte taõ finitima ſe houveraõ
Por perdidos em barca taõ pequena,
Aonde qualquer onda dàva penna.

Chegando

38

Chegando vinha a negra escuridade,
Das ondas junto aos miseros perdidos,
Quando a estupenda tempestade
Se desfaz toda em gritos,& alaridos:
Retumba,& soa a graõ concavidade
Dos mares,hũs com outros combatidos,
E todo aquelle furor do mar undoso,
Se converte n'hum monstro temeroso.

39

Hum Rey se lhe aprezenta muito azinha,
Coroado de verdes espadanas,
Hum Platano por sceptro na maõ tinha,
Com que amançava as agoas quasi insanas:
A verde vestidura,que convinha,
Era de verde lyrio,& verdes canas,
Entretecido tudo,a face chea,
De escamas de Saboga,& de Balea.

40

E olhando com rosto mui sereno,
Com que os mares,& ventos abrandava,
Lhe disse,não temais povo Agareno,
Nem de mim,nem do mar a furia brava:
A Espanha chegareis com vento ameno,
E de livre a fareis ser vossa escrava,
Padecendo porém graõ vituperio,
Primeiro,que se renda o alto Imperio.

Os traba-

41

Os trabalhos com tudo seraõ flores,
Porque naõ póde haver flores sem danos,
E mais nobres sereis por vencedores
De Espanha,que por serdes Africanos:
Nos mares,que saõ meus,quantos favores
Se podem imaginar achareis lhanos,
E as agoas sempre firmes nesta empreza,
Posto,que no alto mar não ha firmeza.

42

Assi dizendo,logo as redeas larga
Dos ceruleos cavallos,que tem prezos,
Não sente o lento coche a doce carga,
Porque o leva o mar,& os ventos tezos:
Pellos campos maritimos se alarga,
Escumando os cavallos de ira acezos;
Escuma a modo de onda em força suma,
Atè se naõ ver mais,que branca escuma.

43

Assi como na noute mais escura
Do verde mez de Mayo o Deos Vulcano,
De longe entre trovoês bravos murmura,
Ameaçando à terra hum grande dano:
Desfazse a nuvem negra em agoa pura,
Naceo o Sol summamente alegre,& ufano,
Mostrando,que elle he o Autor do dia,
O medo atràs se volve em alegria.

Ato-

44

Attonitos,& alegres co a visaõ,
Que tantas liberdades lhe promete,
Os Barbaros de Argel cantando vão
Louvores mil ao torpe Mahomete:
Levaõ sereno mar,rica monçaõ,
Qual nunqua jà levou mestre,ou grumete,
Jà vão chegando à vista da mui nobre,
Espanha,que de longe se descobre.

45

Chegão ao monte Calpe celebrado,
Que antes colunna foi de Alcides forte,
Em sinal de que o mundo era acabado,
No estreito entre o Abila consorte:
N'hum concavo penhasco bem cercado,
De arvores sylvestres,faz se aporte,
Julião o baixel do povo impuro,
Por ficar escondido,& mais seguro.

46

E logo aos sequaces do Alcorão,
De o que devem seguir dà ordens varias,
Que não sayão da leve embarcação,
Pois deixa as vitualhas necessarias:
Que não pesquem no mar largo,que não
Pilhem gados nas terras adversarias,
E que guardando tudo justamente,
Serà com elles todos brevemente.

Des-

47

Despedesse o Conde,& salta em terra
A maneira vestido de Ermitaõ,
Com contas ao pescoso,urdindo guerra,
Aos seus com disfarce,& com treição:
Caminhando vai sò por huma serra,
De escuro mato,& espessa solidão,
Ouvindo tristemente os cantos graves
De Bufos,& Curujas,& outras aves.

48

Feras silvestres diferentemente,
Pellos incultos matos se enxergavão,
Fazendo trepidar todo o vivente,
Quanto mais a quem culpas trepidavaõ:
Jà se hia neste tempo o Sol ardente,
Recolhendo aos Paços,que se lavão
Com as agoas gentìs do mar de Athlante,
Para da hi passar mais adiante.

49

Estende largamente a noute escura,
Pello Arctico globo o negro manto,
Cheo de confusaõ,tristeza pura,
Ficou o vaõ Romeiro pouco santo:
Encostasse com intima amargura,
Varia imaginaçaõ,& oculto pranto
Ao tronco,& ao pé de huma azinheira,
Que lhe servio de cama,& cabiceira.

Não

50

Náo tinha o desleal muito dormido,
Quando Plutaõ em ſonhos lhe apparece,
De fumo, & negras ſombras reveſtido,
Gala, que para os ſeus curioſo tece:
E lhe diz, Juliaõ filho, querido,
Que cauſa aſſi indigna te entriſtece,
E faz naõ dar repouſo aos canſados
Membros de caminhar debilitados.

51

Mui de vagar ſe acaba hum bem tamanho,
Lança logo de ti todo o temor,
Que eu denoute, & dedia te acompanho;
Naõ temas pois, que tens tal protector:
O mal conſtante, & perfido rebanho
De Mouros, que trouxeſte de Azamor,
Ha de ir no navio, que eſcondeſte
Contra as leis, & preceitos, que lhe déſte.

52

Ha de roubar nas prayas arenoſas,
Todos, quantos por ellas caminharem,
E nas ondas do mar tempeſtuoſas,
Quantos barcos aos olhos ſe aviſtarem:
Seraõ ſuas maldades taõ famoſas,
Que os Chriſtaõs, que alli juntos ſe acharem,
Deſpois de lhe moverem hum graõ caſtigo
Preſos os levaràõ a Dom Rodrigo.

Advirtote

53

Aduirtote primeiro, porque quando,
Vires teus companheiros maniatados,
Eſtejas com coraçaõ ſereno, & brando,
Sem temor, que mais ſejão maltratados:
Por meu alto conſelho venerando,
Que entaõ te iufluirei, ſeràõ tornados
Ao navio, ſem mais ſe divertirem,
Para nelle contigo ſe partirem.

54

Na terra tens a mim, ſe em mim te fias,
Para te dar victorias ſingulares,
E no mar tens a quem ha poucos dias
Benigno te ofreceo todos os mares:
Se o mar, & a terra tens, que deſconfias?
Nem de ti, nem das gentes populares?
Ea, ſegue animoſo o bravo aſſunto,
Que tudo o que te digo hàs de achar junto.

55

Como iſto diſſe o Rey da treva impura
Na noute, & nos penhaſcos ſe emboſcou,
Gritando entre os ramos da eſpeſſura,
Que na paſſagem impio atropellou:
Apanha neſte tempo à noute eſcura
A tarrafa das ſombras, que eſpalhou,
Pello Mundo reſurge à manhãa clara,
Incitando o trabalho à gente avara.

Levan-

56

Levantase Juliaõ todo admirado,
Da turbida visaõ, que em sonhos vira,
Sem fala,& co cabello arripiado,
Da arvore funesta se retira:
Sua viagem segue acelerado,
E cego do que disse Plutaõ,tira
Segura confiança,& força rara,
Para flagello ser da patria chara.

57

Vai proseguindo alegre seu caminho,
Por donde o Alquibir os campos lava:
Ajuntaselhe alli Martim de Espinho,
Que tambem a Toledo caminhava:
Natural de Jaem, mas jà vezinho
De Sevilha argentifera , & levava,
Certo aviso a elRey muito em segredo,
Que o que não sabe a feė,ensina o medo.

58

O disfarçado Conde astutamente,
Desejando saber tudo o que avia,
Se finge hum simplicissimo innocente,
Que nada conhecia,nem sabia:
Martim com este engano simplesmente,
Lhe vai contando tudo o que entendia,
Como o Conde Juliaõ estava enojado,
Em Africa,& dos Mouros muito amado.

Por

59

Por causa da brutesca violencia,
Que fez a sua filha elRey Rodrigo
Tinha entregue jà toda a potencia,
Dos fortes de alem mar em graõ perigo:
E que se a divina Providencia,
Desviar naõ quizesse este castigo,
A doce,& chara terra,em breves annos,
Seria de perversos Mauritanos.

60

Porque a filha do Conde exasperada
Do mal que padeceo,com peito astuto,
Se finge com engano enamorada,
Do Rey,a quem amor tem feito hum bruto;
E lhe diz,naõ consinta mais espada,
Ou arma,com que Eba,& Sisibuto
Contra elle armarse possaõ,& desta sorte,
Terà sempre seguro o Reyno,& forte.

61

Em ordem a isto o Rey tem publicada
Hũa lei vergonhosa incompassiva,
Que nenhum seu vassallo traga espada,
Adaga, ou qualquer arma offensiva:
Toda a Espanha està jà desarmada,
Sem força offensiva,ou defensiva,
E cuida se assegura elRey Rodrigo
Naquillo em que tem certo o castigo.

Agora

62

Agora o grão Conselho Sevilhano,
Representa a elRey com gram desgosto
O perigo,o castigo,a perda,& dano,
A que elRey,& o Reyno està exposto:
Turbado o Conde fica,& quasi insano
De ouvir todo o seu mal,& ver disposto
O povo a encontrar seu louco intento,
Dà consigo gemidos vaõs ao vento.

63

Fluctùa o coração, voa ligeiro
No que farà,& vesse em pura treva,
Como apanharà ao companheiro
As cartas,& os papeis,que a elRey leva,
E assentando em si,por derrãdeiro
No que mais lhe convem,& lhe releva,
Hè naõ matar a quem delle se fia,
Mas furtarlhe as cartas que trazia.

64

Dos outeiros mais altos vem decendo
Com tardo passo as sombras tenebrosas,
E o dourado sol vai recolhendo,
O seu coche nas ondas amargosas;
Martinho,& Juliaõ jà naõ podendo
Mais aturar as calmas rigurosas,
Se estendem na margem de hum piscoso,
Rio,virente,ameno,& deleitoso.

E Quam

65

Quam neſcio hé dos homens o cuidado,
Quam firme,& quam conſtante o deſvario,
Quem dirà,que ha de ſer logo afogado
Martinho no criſtal deſte alto rio?
Eſtirados em fim na relva,& prado
Se entregaraõ ao ſono falſo,& pio,
Mas naõ que Juliaõ cauto dormiſſe,
Sòmente, que dormia ſe fingiſſe,

66

E como vio ao triſte carregado
De ſono,que altamente reſonava,
Lhe tomou eſtando o pobre inopinado
Os papeis,& as cartas,que levàva:
A manhece,& acorda o desgraçado
Martinho,ſem cuidar no que faltava,
Mas revolvendo os olhos,vé bolido
O alforje,& o ſeu porte conſumido.

67

Bem entendeo,que o ſocio inconfidente
Do rapto dos papeis a culpa teve,
Com lagrimas lhos pede piamente,
Que a pedirlhos á força naõ ſe atreve:
Irado Juliaõ lhe diz que mente,
Que ſe naõ fora ſer homem tam leve,
Caminheiro de cartas,vão bugio,
O havia de lançar no undoſo rio.

Ven-

68

Vendosse assi fraudado o vil Martinho
De hum homen, que atè alli tanto servira,
E que andar naõ podia seu caminho,
Sem papeis, nem tornar donde partìra:
Mal dizendo de si, triste, & mesquinho,
Louco, desesperado, a cessò em ira,
Com as sombras jà proximas da morte
Para Juliaõ falla desta sorte.

69

Onde poderà haver hoje verdade,
Onde poderà acharse hum firme amigo,
A vista de tam grande falsidade,
Como sem causa usaste aqui comigo:
Humilde peço à Suma Magestade
Do Ceo, que este miserrimo castigo,
Que em mim vés voluntario, em ti o vejas
Violento, & dos teus roubado sejas.

70

Assi dizendo, irado insano, & cego
Dando vozes chorosas se arrojou
As sussurrantes ondas do alto pego,
Onde a voz co a vida se acabou:
Fica Juliaõ triste, & sem sossego
De ver hum caso tal, que naõ cuidou
Jà nunqua mais de ver com tanta pena,
Por causa taõ singella, & taõ pequena.

71

Vè do Conſelho as cartas,& acha certo
Tudo o que o companheiro referira,
Vè todo ſeu engano deſcuberto,
E o mais,que na idea preſumira:
Vè atalhado tudo,& vè o aperto
Com que o Conſelho a elRey perſuadira,
A ſe armar contra os duros Sarracenos,
A terem armas grandes,& pequenos.

72

Decreta de afogarſe na agoa viva,
Aſſi como tambem o fez martinho,
Huma vez,que a fortuna,& ſorte eſquiva
Lhe tira a direcçaõ de ſeu caminho:
Mas a pectorea ſetta vingativa,
Que no coraçaõ lhe he pungente eſpinho,
Lhe dicta,que o morrer vem a ſer nada,
Sem ſe vingar da injuria divulgada.

73

E que tambem rompendo aquelle aviſo,
Que o portador morto a elRey levava
Lhe naõ fica cauſando prejuiſo,
Como com a paixaõ ſe lhe antolhava:
Tudo lança no rio de improviſo,
E afoga,onde ſeu dono ſe afogava,
Sem ſe afogar aſi,ſalvando a vida,
A viagem proſegue permitida.

Mas

74

Mas neſte tempo os Mouros,que ficàraõ,
Eſcondidos nas intimas entranhas
Do monte Calpe audaces ſalteàraõ,
Muitos homens nas ſerras,& campanhas:
Que por mais,que co Conde aſſentàraõ,
Não ſahir do navio,as Mauras manhas,
Não ſe podem perder,inda,que a vida,
Perigue,ou no perigo và perdida.

75

Matavão muitos homens,& mulheres,
Tomandolhe o dinheiro,que levavaõ,
Deſpojandoos de todos ſeus averes,
Carneiros,boys,& vacas , que encontravão:
Havia nos Chriſtaõs mil parceceres,
Sobre maldade tal,& naõ achavão,
Sinal,ou raſtro de quem tal fizeſſe,
Eſcondeſſe a maldade,& intereſſe.

76

Eſtava tudo quieto,& recolhido,
No navio,que naõ ſe deſcobria,
Quando hũa vaca dà dentro hum mugido
Saudoſa de ſua companhia:
Deſcobreſe o baxel mal eſcondido,
E as rapinas tambem ao claro dia,
Enveſtem os Chriſtaõs aventureiros,
Com os Mouros,trucidamſe os primeiros.

77

Outros levão cingidos com pezadas
Cadeas de aço puro,& duro ferro,
Com algemas as maōs levão atadas,
Principio do castigo de seu erro:
Os que escapaō de mortes indignadas,
O naō fazem de açoutes,& desterro,
Que sempre a Ley Christãa justa castiga
A malicia Barbarica inimiga.

78

Chegado pois o Conde finalmente,
A suá antiga casa,& patria chara,
Sem poder conhecerse jà da gente,
Que na mesma com elle se criàra:
Com sua filha fala ocultamente,
A qual lhe conta tudo o que passàra.
Com Rodrigo,imflamase o castigo,
Mais do que se inflamou em amor Rodrigo.

79

Com ira neste tempo inveja,& sanha
O Inferno,que aos bons naō deixa verse,
Vendo em tal discrime a nobre Espanha,
Que poderà perderse,ou naō perderse:
Chama com rouca tuba a mais estranha
Ala Eumenida(se he digno de crerse)
Soa por todo o Inferno o ecco horrendo
Do cavernoso som rouco estupendo.

No

80

No meſmo inſtante o Anjo mais fermoſo,
Que de ſeu reſplandor o nome tinha,
Que por ſoberbo,torpe,& caviloſo,
Trocou glorias por pennas taõ aſinha:
Sobindo a ſeu trono tenebroſo,
Que em colunnas de fogo ſe ſoſtinha
Se encoſta ao docel,que mal ſe ſofre
De chamas,alcatraõ,fumo,& enxofre.

81

Toma na mão o ſceptro marchetado,
De faiſcas de fogo,& a Coroa,
De ferro candentiſſimo eſmaltado
Com cobras,da Acherontica lagoa:
Dos ſpiritos maos todo cercado,
Co fogo,que os magòa,& o magóa,
Com tridentes farpoẽs lançando em terra
As almas,que por paz quizeraõ guerra.

82

Eſtavão junto ao trono irreverendo,
Aſſentados em ſellas de alcatraõ
A Soberba,a Enveja, o Odio horrendo,
A Luxuria,o Engano, & a Treiçaõ:
De cada qual o vulto era eſtupendo,
Mas aprehenſo nas maõs,tudo era vão,
Logo em menos aſſento eſtava a Ira,
A Vingança,a Vangloria,& a Mentira.

83

Em cadeiras mais razas assentada,
A multidão estava, que deceo
Do Ceo a terça parte bem contada
Dos Cidadaõs, que Deos criou no Ceo:
Que por torpe tambem, & rebellada,
A quem tais bens lhe fez, naõ mereceo
Tão claros, & riquissimos assentos,
Se não pennas, castigos, & tormentos.

84

Os Pontifices logo, & Reys do mundo,
Sem Coroas, nem Sceptros, nem Theàras,
Vinhão mordendo os maõs, & c'hũ profundo
Choro lançando lagrimas amàras:
A estes se seguia o bando inmundo,
Dos Duques, & Marquezes, que por raras
Maldades, que no seculo fizeraõ,
Muito asi, & aos seus esclarecèrão.

85

Apoz estes com tógas revestidos,
Algũs, que cà julgaraõ, estão chorando,
Dando suspiros vaõs, brados perdidos
Das bocas fogo, & fumo exhalando:
Vem logo dando ays, & vaõs gemidos
Os que armas governàraõ mal logrando,
As rapinas, & furtos, que admittìrão,
E os que a seus soldados consentìrão.

Os

86

Os mesmos seus soldados tanto amigos,
Que cà na vida tanto os adoravão,
Que nos gostos da pâz,& nos perigos
Da guerra tão affectos se ostentavão:
Jà voltos em tyranos inimigos,
Os coraçoẽs,& entranhas lhe arrancavão,
Virando cà da guerra os artificios
Para formal castigo de seus vicios,

87

Vinhão logo das gentes populares
Legioẽs,que contarse não podiaõ,
Freiras,Fràdes,Aroẽs,Capitulares,
Das Sès, que indignamente enriqueciaõ:
Vinhão bruxas,& adulteras a pares,
E outras mais,que honrradas se fingião,
Sem o serem,& todos juntamente
Abrazados no Inferno em fogo ardente.

88

Seguese logo grande confusaõ,
Grandes estrondos,gritos,& alaridos
Das almas condenadas,que se vão,
Meter na neve,& fogos accendidos:
Abrindo a boca està obravo Cão,
E despois de ter todos submergidos,
Outra ves os vomita,de tal sorte,
Que o eterno se sente,mais que a morte.

89

Para contar o obſcuro laberinto,
Dos caſtigos, que vão no inmundo lago,
No homicida todo em ſangue tinto,
No ladraõ, no adultero, & virago;
No falſario, no rico, & no faminto,
A quẽ ſempre atormenta o grande Drago,
Seria deſpejar o mar inmenſo
C'huma pequena concha em vazo intenſo.

90

Juntos todos aſſi na inferia falla,
Em conſiſtorio pleno, & fraudulento
Do trono Satanàs aos ſeus falla,
Com moſtras de paixaõ, & ſentimento:
Toda a Corte Hiſpanica ſe a balla,
A padecer por Deos penna, & tormento,
E naõ querem tomar outro exercicio,
Mais que ſaco, açoutes, & ſilicio.

91

Mui bem ſabeis, que em quanto aſſi ſe obrar,
E ſe não abraçar o que ora digo,
Sem duvida nenhuma ha de parar
Man ul nas vinganças de Rodrigo:
Muito convem, ó meus, ſem dilatar,
Que ſe chame, & abrevie eſte caſtigo,
E que os Chriſtaõs ſe acabem, & ſe deſterrem,
E as ſagradas Imagens ſe ſoterrem.

Para

92

Para isto os melhores pareceres,
Que se podem tomar em taes emprezas,
Saõ enganar a muitos com mulheres,
A outros com regalos,& riquezas,
A outros com os does da flava Ceres,
A outros com peccados,& torpezas,
A outros com soberbas,& enganos,
E a outros com cargos soberanos.

93

E tornados aos proximos peccados,
Como hè certo alguns ham de tornar,
Seràõ pello seu Deos bem castigados,
Porque só elle sabe castigar:
Portanto,filhos meus mui estimados,
He justo,& necessario esforçar
Para empreza taõ ardua,& tamanha,
Como hè destruir a grande Espanha.

94

Assi dizendo,o povo adulterino,
Com gritos,& alaridos se inclinou
Ao que disse o Anjo mais mofino,
De quantos o alto Deos no Ceo criou;
Sò hum Diabo trasgo pequenino,
Coxo das pernas ambas replicou,
Outras cousas maiores, do que he esta,
Fis eu zombando jà,dormindo a sesta.

Man-

95

Mandas, que com aſtucias, & enganos,
Vamos fazer peccar a Hiſpana Curia,
Para fazer peccar a Caſtelhanos,
A Soberba ſó baſta, ou a Luxuria:
Pouco fias de noſſos mais que humanos,
Poderes, & da mais humilde furia
Do Inferno, pois fazes clauſtro pleno,
Para hum baixo negocio taõ pequeno.

96

Juntamente os ſpiritos inmundos,
E Lucifer com elles juntamente
Com gritos, & alaridos fremebundos,
Se ſahiraõ ás terras do Occidente:
Buſcão a ſeu intento os mais profundos
Modos de enganar a Hiſpana gente,
E as almas deixão preſas no eterno
Cativeiro, & maſmorra do Inferno.

97

Por hũa parte os monſtros infernaes,
Por outra Juliaõ, monſtro de Eſpanha,
Vão obrando, & fazendo couſas taes,
Que ſe provoca o Ceo a ira, & ſanha:
Os homens, como brutos animaes,
Deixando a dulciſſima companha,
Dos Anjos tutellares, que os guardavão,
A vicios, & a peccados ſe entregavaõ.

Ven-

98

Vencida a forte Eſpanha finalmente,
Do Homem do Diabo,& das torpezas,
Preſagio,que o ſeria facilmente
Nas Cidades tambem,& fortalezas:
No tempo Juliaõ vendo preſente
As futuras tiranicas bravezas,
Com o Conde Rechilla renegado
Da patria,jura,& firma o aſſentado.

99

E ambos com aſtucia,& com disfarce,
Por mais diſſimularem divididos,
Por varias vias trataõ de juntarſe
Com os Mouros,que eſtavão eſcondidos:
Para todos dahi logo embarcarſe,
E darem os alvitres permittidos,
Sahindo pois turbados pellas ruas
Na mente urdindo vaõ vinganças cruas.

100

Eis que chegando às portas da Cidade,
Que todas vem eſtar de gente cheas,
E entre ellas vem vir ſem liberdade
Os ditos Mouros preſos com cadeas:
Deſejão de ſaber a novidade,
Mas temem deſcobrirſe, nas ideas,
E nos olhos ſòmente communicaõ,
E cos affectos da alma sò praticão.

Torna

101

Torna a volver o Conde Juliaõ
Dar conta a ſua filha da deſgraça,
Porque para paſſar o Tutuão
Sem gente,nem navio naõ tem traça:
E o que teme mais,que os Mouros vão
Por medo,ou caſtigo,& ameaça
Contar toda a cilada a dom Rodrigo,
E nelle ſe execute hum gram caſtigo.

102

A filha taõ fermoſa como as flores,
Que por belleza rara foi corruta,
Lhe diz, naõ temais pay nenhũs rigores,
Porque do cego amor a força he muta:
Cuida elRey,que ainda os meus amores
Duraõ,eſtando a mente tão poluta,
Como ſabeis,com tudo facilmente
Darà embarçaçaõ à Maura gente.

103

Adornaſſe a riquiſſima Donzella,
Que antes foi,& ainda o parecia
Na viveza das cores,que inda nella,
Como Ouro,& Marfim reſplandecia:
Entrando no alto Paço aſſi taõ bella,
Quanto a humana fórma o permittia,
Pede a elRey,que queira concederlhe
Aquillo, que inda pòde merecerlhe.

E diz

104

E dizlhe aſſi bem ſabes,Rey benigno,
Que eſte geſto,& ſer,que Deos me deu,
Poſto que ſempre foi adamantino,
Para ti ſempre foi teu,& naõ meu:
Rezão tambem ſerà que ſeja dino
De alcançar,& gozar o favor teu,
E que ſe ſaiba jà no que te peço,
Que me ſabes pagar o que mereço.

105

Eſtes Mouros,que aqui preſos,& atados
Te trazem,ſem te ati fazerem guerra,
Por ſerem taõ ſómente naufragados
Co impeto do mar na Calpea ſerra:
Tenho goſto,que ſejão revocados
Na ſua embarcação à patria terra,
Se aſſi mo concederes,como eſpero,
Que me queres, crerei, o que te quero.

106

O Rey enamorado,que ſe inflama
No antigo ſuſcitado,& novo fogo,
Que de novo a cendida ſente a chama
No coraçaõ ferido,& mutuo jogo:
Reſponde alegremente à linda Dama,
Que os Mouros Africanos partaõ logo,
Porque aſſi o pede a juſta ley,
Que o Reyno mande emfim quẽ mãda o Rey.

O juizo

107

O juizo mundano, ò graõ desgosto,
O gosto infernal precipitado,
Que sentencee hum Rey com tanto gosto
A perda universal de seu estado?
Juliaõ, que a tudo està disposto,
Como està na vingança assegurado
Do Reyno, & da pessoa de Rodrigo,
Cos Mouros passa o mar, sem ter perigo.

LIVRO TERCEIRO.

ARGUMENTO.

VOltādo a Africa o Cōde Iuliaō achou ser morto el-Rey Ismar, q́ o tinha mandado a Espanha a ver o estado della. E governava já ē seu lugar Miramamolí cō seu filho Vlit, os quaes tinhão dado ao velho Muça o governo de Tingitania, & outras partes; Cō este fala o dito Conde, & lhe facilita a cōquista. Toma Muça os pareceres dos Principaes: Emcontra o Mouro Abdalá fazerse guerra a Espanha. Tarif mostra, q́ he cōveniente fazerse a dita guerra. Cōformase Muça cō o seu parecer, e lhe pede, q́ para melhor instrucção declare o modo da guerra Antiga, e Moderna, e elle o faz pintando a forma della, & dos exercitos, quaes Phalanges, quaes Legioēs, como se formavão, de que armas uzavão, como se pagava, donde se dominou a Milicia, donde o Exercito. Qual a guerra Nautica, & Terrestre, qual Architectura, que cargos avia, como se nomeavão.

I

ABri agora, ó Ninfas do alto Douro
As portas a taó alto, & triste canto,
Assi leveis do mundo a palma, & louro
Como leva de Arcadia o Erimanto:
Assi o claro Sol cos rayos de ouro
Imprima em vosso centro aljofar tanto,
Que vençaó vossas Nayades a fama
Das agoas estrangeiras de C,uama.

Era

2

Era jà morto Iſmar Rey deſditoſo,
E governava entaõ em Berberia
O Miramamoli taõ venturoſo,
Quanto o atrás deſgraçado em demaſia:
A Muça velho jà mas valeroſo,
Em conſelho de paz,& guerra,havia
Deſpachado elRey em Mauritania
Para governar toda a Tingitania.

3

A eſte fala o Conde com reſpeito,
E modo induſtrioſo,arte,& manha,
Moſtrandolhe o caminho mais direito,
Por onde domar poſſa a nobre Eſpanha:
E dislhe aſſi ſenhor tem no conceito,
Que o Deos dos Chriſtaõs tem ignea ſanha
Dos meſmos por ſeus vicios repetidos,
E que os deixa jà como perdidos.

4

Cos Mouros com que Iſmar Rey de Trudante
Me mandou ver de Eſpanha os disbarates,
Por toda ella andei vago,& errante
Tudo vi,breves ſaõ della os combates:
Por tanto em monçaõ tão importante,
O Regedor ſublime,naõ dilates
Os effeitos da proſpera fortuna,
Não volva de oportuna em importuna.

Muito

5

Muito bem me parece a embaixada,
Que trazeis, disse Muça altivo, & velho,
Facil cousa serà mandar armada
Contra Espanha com todo o aparelho;
Sem conselho porém, não faço nada,
Que hé pay do bom sucesso o bom conselho,
Quem com elle operou sempre vencèo,
Sem elle sempre em tudo se perdèo.

6

Quasi sem armas, & com elle obrando
As façanhas de mais difficuldades,
Bastante exemplo vai ao mundo dando,
De que os conselhos bons daõ Magestades:
Se formos definindo, & ponderando
De qualquer bom conselho as qualidades;
He hum discurso bem considerado
Do que deve, ou naõ deve ser obrado.

7

Todas as cousas universalmente,
Que participaõ de difficuldade
Com bom conselho, de varão prudente,
São vencidas com graõ facilidade:
Conselho, & armas, com dinheiro, & gente
Os quatro membros saõ da potestade,
A maior, que hé conselho, se só sobra
Sem os tres, este, grandes cousas obra.

8

Pede o conſelho para ſer perfeita
A deliberação de executallo,
Que haja muita prudencia em quem o aceita,
Fè,& lealdade,em quem ſò ſabe dallo:
Não ſe ha de dar conſelho a quem o engeita,
Que he mui difficil o ſaber tomallo,
Cheos eſtão os livros mais prezados
De perdidos por mal aconſelhados.

9

Hum bom conſelho importa huma Cidade,
Hum Reyno,huma ſoberba Monarquia,
Que a reſtaura em qualquer adverſidade,
Em qualquer afliçaõ a alivia:
Ao revès em qualquer proſperidade
O mao conſelho, como a mà ſangria
Mata,ſepulta forças,moços,velhos,
Que ſaõ peſte do mundo os maos conſelhos.

10

A todos nos parece,q̃ podemos
Aconſelhar,& mil conſelhos damos,
E para nós tomalos naõ ſabemos
Quando delles no mal neceſſitamos:
De lõge os Reais conſelhos reprehendemos,
Sobre as rezoens de Eſtado diſcurſamos,
Por moſtrarmos em tudo ſutileza,
Groſſeiro he,quem de ſutil ſe preza.

Como

11

Como cavallo aſpero de freo
Hé o duro em deixar aconſelharſe,
Pois ſe naõ dobra ao bom,nem tem receo
De não parar ſe vai a deſpenharſe:
O mundo eſtà de maos conſelhos cheo,
Que não quer pellos bons jà governarſe,
Para ter hoje hum bom conſelho effeito,
Primeiro a muitos maos ha de ir ſojeito.

12

Aſſi dizendo,à Curia chamar manda
Todos os Principaes daquelle Emporio,
E os que habitaõ de hũa,& outra banda
Da Tingitania,& ſeu alto pretorio,
Jà acompanhia Barbara,& nefanda
Com Muça ſe ajuntava em conſiſtorio,
Propoem o meſmoMuça,o caſo abſordo,
E o manda conſultar com todo o acordo.

13

Abdalà Mouro antigo,& de mui rara,
Sciencia,& experiencia do paſſado,
Que muitas vezes armas governàra,
E tambem dellas fora governado:
Hum pouco carregandoſe na cara,
Lhe diſſe,ſenhor meu muito prezado,
Não te mova qualquer falſa apparencia
Movate tua ſólida eloquencia.

14

Facil cousa, senhor, hê fazer guerra
A Princepes, & Reys, & a Potentados,
Assi por mar, como tambem por terra,
Mas vencella pertence só aos Fados:
Na Provincia Hispanica se encerra,
Todo o valor dos povos dilatados
Da formidanda Europa, & em seu berço,
Se criaõ os senhores do universo.

15

Se mandares exercito a Espanha,
He certo; que Espanha ha de moverse,
E que com gente sua, & gente estranha.
Ha de offenderte, & hâ de defenderse:
E quando a afliçaõ seja tamanha,
Que sem te offender queira renderse,
Com que dinheiro, & gente persuades
A poder guarnecer tantas Cidades.

16

Ou tudo em breve tempo ha de arriscarse:
Com grande afronta tu da gente tua,
Ou a terra Africana despejarse,
Por povoar a alhea, vaga, & nua:
Tudo isto mui bem pode escuzarse
Com guardar cada hum a terra sua,
E renegar a alhea, & a cobiça
De cousas taõ contrarias à justiça.

Se na

17

Se na dilatada Africa ſe encerra
De todo o Univerſo a terça parte,
Para que apetecemos ter mais terra,
Se a que temos naõ temos quem a farte:
Emfim pella aurea paz,queremos guerra,
E por Mercurio emfim queremos Marte,
Trocando os deſcanços,& as riquezas
Por trabalhos,por mortes,por pobrezas.

18

Que theſouos,que fauſtos ſoberanos,
Imaginas achar na occidua plaga?
Tudo quanto imaginas ſaõ enganos,
Que quāto a guerra apanha,a guerra eſtraga:
Della reſultaõ ſò perdas,& danos,
Incendios,furtos,raptos(dirá praga)
Pois não dà mais que males ſempiternos,
Tributos,oppreſſoēs,mortes,& infernos.

19

Iſto dito com tanto fundamento,
Tarif forte,& invencivel Capitaõ
Se levanta com grande acatamento,
E oppoem contra Abdalà ſua rezão:
Aprova no primeiro documento
A antiguidade,& ſer do velho cão,
No ſegundo,que he licito haver guerra,
Para maior augmento, & bem da terra.

20

E diz aſſi,bem ſei quam reſpeitada
Deve ſer a idade,& antiguidade
Por ſua gravidade venerada,
Por ſua veneranda gravidade:
Dos velhos a tenção he mui pezada,
A dos moços ſó pende de vontade,
Mas ha moço, que he velho ſabiamente,
E ha velho,que he moço em o que ſente.

21

Tem a velhice hum mal,que debilita
A toda a couſa,que animada crece,
Ao rico enoja, ao pobre neceſſita,
Gaſta a belleza,as forças enfraquece:
As arvores robuſtas decrepita,
As feras vagaroſas entorpece,
Erva lhe não eſcapa,ou flor ſuave,
Nadante peixe,ou volatil ave.

22

He com tudo por ſabia induſtrioſa,
Que muito importa do aſtuto velho
Em qualquer ocaſião calamitoſa,
Que ſe offreça,o maduro,& bom conſelho:
A idade reſpeitada,a barba annoſa
He da verde puericia claro eſpelho,
E faz fazer aos moços veteranos,
Por expertos,que ſaõ moços nos annos.

Bem

23

Bem conheço Abdalá por mui ſezudo,
E que lhe crece o ſizo co a idade,
De robuſto vigor, de ingenho agudo,
De pouco fauſto,& grande authoridade:
Com elle o auditorio fica mudo,
Quando com repouſada gravidade
A boca abre em couſas neceſſarias,
Mas do mundo as rezoẽs ſempre ſaõ varias.

24

Da beliçoſa Europa as naçoẽs fortes,
De Africa os guerreiros eſtandartes,
Em varios tempos,& por varias ſortes
Ocupàraõ de Eſpanha varias partes:
Turmas, legioẽs, phalanges,& cohortes,
Deidades, invençoens, aſtucias,& artes,
Que introduzìraõ por tirar riqueza
Da Hiſpana domeſtica ſimpleza,

25

Hião de ferro,& de cobiça armados
Habitar os ſeus campos abundoſos,
Com pès de pez eſtranho a cautellados,
Faceis de pór, de erguer difficultoſos:
Augmentavão com iſſo os ſeus eſtados,
E a ſeus Reys fazião glorioſos,
Que no Reyno, onde agente não milita,
Incerta a dita he, certa adeſdita,

A ſci-

26

A ſciencia militar,livre ſciencia,
Que por todos os ſeculos florece,
Se aprende com difficil experiencia,
E com deſcuido facil preſto eſquece:
Conſiſte na deſtreza,& obediencia,
Eſtriba no valor,que honra apetece
Ajudaſſe das ſciencias, que a ruina,
Suſtentaſſe da paga,& da rapina.

27

Separa amigos,& inimigos liga
A cquire,perde,eſtraga,acerta,& erra,
Por ſer açoute com que Deos caſtiga
A falta de juſtiça que ha na terra:
Se Barbara,ſe Hereje,ſe inimiga
Gente faz contra nòs proſpera guerra,
He açoute com que Deos Mouros moleſta,
Que ẽpreſta a ſciencia a quẽ o açoute ẽpreſta.

28

Contudo he neceſſaria,& por momentos
Se faz em tudo quanto o mundo encerra,
Guerra tem entre ſi os Elementos,
E os bons Anjos,& os maos ſe fazem guerra;
Ao mar tranquillo aſſaltaõ os feros ventos,
Tremenda tempeſtade enveſte a ſerra,
Peleja a infirmidade co a ſaude,
O bem co mal,o vicio co a virtude.

De

29

De unhas,cornos,& dentes privinidos
Os animaes ſe enveſtem cada inſtante,
Mataõſe feros,feremſe atrevidos
O Leão co Tigre,Abada co Elefante:
Urſos,com Javalìs,Libreos fornidos
Com Lobos,Touros,pello ſexo amante,
Feras naõ ha que vivão ſem perigos,
Nem homens,que naõ tenhaõ inimigos.

30

No mar cheo de monſtros imprudentes
A Balea peleja co Eſpadadarte,
E o voraz Tubaraõ com ferreos dentes,
Com eſcamas os peixes traga,& parte;
Nos claros rios,braços tranſparentes
Do tumido Neptuno,reyna Marte,
Aſſalta ao Barbo velho a Lontra aſtuta,
A Enguìa à Boga,ao Bordallo a Truta.

31

Guerra exercitão,ſem que pazes tratem
As livres aves,que no ar volteão,
As nocturnas,& diurnas ſe combatem,
Os Oſſifragos,& Aguias ſe guerreão:
Garças das nuvens os Falcoẽs abatem,
Todas as aves de outras ſe receaõ,
Que aos mais ſimples,& leves paſſarinhos
Rouba o Cuco aleivoſo os charos ninhos.

Se no

32

Se no Mar,ſe no Ar,& ſe na terra
Os peixes,aves,& animaes guerreão,
Não he muito,que os homens fação guerra,
Se com ella huns aos outros ſenhoreaõ:
Eſta ancia de mandar,que a paz deſterra,
Fas com que os campos tragicos branqueaõ
Com oſſos de infelices mas honrrados,
Que andaõ cobrindo,& deſcobrindo arados.

33

Por ſer aguerra hum mal,que não ſe eſcuza,
Quando injuſta o cruel a move injuſto,
Juſtamente da juſta hoje ſe uſa,
Que a todo o injuſto nunqua falta hum juſto:
Se ao primeiro hum irmaõ injuſto acuſa,
E em campo o mata,entaõ por mais robuſto,
Quem naõ pelejarà contra o inimigo,
Se opelejar no mundo he taõ antigo.

34

Noé teve a Nembrot por competente,
Sem,& Cão,ſendo irmaõs ſe maltratàraõ,
Abrahaõ movéo guerra injuſtamente,
Muito Iſac,& Iſmael ſe enemiſtàraõ;
Jacob foge a Eſaù,& o teme abſente
Com Jozeph ſeus irmaõs as maõs violàrão,
Saul vexou David por muitas vias,
Faraò a Moyſés,Achàs a Elias.

Contra

35

Contra o Turco combate o Persa artista,
Contra todo o Christão o Mouro enveste,
Contra o Romano Imperio o Grego alista,
Contra o Assirio o Medo as armas veste:
Sobre o mar hum Cossario outro conquista,
Porto naõ ha, que a guerra naõ moleste,
Dobrando os mais remotos Cabos, & Ilhas,
Com brancas vellas, & com negras quilhas.

36

Toda a nação de guerra he fatigada,
Milicia chamão os Santos nossa vida,
Como a de quem milita atribulada,
Que attribula a milicia mal regida:
A pouca obediente exercitada,
A muita mal composta, & distrahida,
Huma sempre peleja firme, & forte,
A outra he sempre exposta para a morte.

37

A resoluçaõ grande, & o valor
A guerra, o incremento furibundo,
Trombetas saõ, que espalhaõ graõ terror
Por todas as Naçoẽs do vasto mundo:
O que sem guerra passa, & sem temor
No ocio aos covardes tão jocundo,
Este sempre a bomina a dura guerra,
Por não perder o vão ocio, & a terra.

38

Ditas eſtas rezoẽs,o ſabio velho
Muça,que de as ouvir ſe naõ fatiga,
Lhe pede,& juntamente o mais conſelho,
Que queira declarar a guerra antiga:
E a moderna do fogo,& aparelho;
E a tudo Tarif logo ſe obriga,
E na guerra antiga começando,
A moderna,& o mais vai declarando.

39

He amalicia antiga acomodada
As armas,que ſe ham de ir reprovando,
Na moderna,que em ſogo eſtà fundada,
Como os noſſos Profetas vaõ moſtrando:
Do numero de mil foi derivada,
Quando Roma na infancia titubando
Separou mil ſoldados,que a guardavão
A quem Miles,& Milites chamavão.

40

Seus exercitos eraõ de duas ſortes
Phalanges,& Legioẽs,eſtas conſta vão,
De Centurias,Manipulos,Cohortes
As Turmas de ſeis mil homens paſſavão:
Com ſetecentos trinta,& dous mui fortes
Cavallos jà bardados,que as guardavão;
Menor era a Phalange,& ſeu governo,
Quadro era quaſi do eſquadram moderno.

Cada

41

Cada Cohorte tinha mil ſoldados,
De quinhentos,& menos as havia;
Cento as Centurias,de que ſaõ treslados
Os noſſos Capitães de infantaria:
A Turma trinta & dous acubertados,
Ou ligeiros cavallos comprehendia;
Os Manipulos vinte & ſinco infantes,
Em tudo aos Cabos de hoje ſemelhantes.

42

De ordem redonda Orbe,& globo armavão
Differentes ſómente,em que era cheo,
No meo globo o que naõ uzavão
No Orbe,que era ſempre vão no meo:
Cuneos,& prolongados aſſentavão,
Eutre alas,alas ſòs de lança,& freo,
E ſubſidios tambem,a que os preſentes
Socorros chamaõ,ou ſobrecelentes.

43

As armas offenſivas mais uzadas,
De que nunqua podiaõ despojarſe,
Fora de ſeus reaes,erão eſpadas,
Sempre eſpada ſe uzou,ſempre ha de uzarſe;
Lanças,ſaricas,maças mui pezadas,
Dardos para inveſtriſe,& retirarſe
Com arcos,frechas,fundas,béſtas,ſetas,
Que eraõ ſeus arcabuzes,& eſcopetas.

As

44

As armas defenſivas,capacetes
Com maſcaras de ferro por vizeiras,
Couraças jazerinas,caſſoletes
Grevas,pavez,manoplas,barceleiras:
Iguaes eraõ as ſellas dos ginetes,
Porque naõ tinhão arçoês, nem eſtribeiras:
Sem ellas com preſteza as ocupavão,
Porque deſta maneira cavalgavão.

45

Encoſtavaõſe à coma,á noſſa uſança,
E com a eſquerda maõ pegavão nella,
Com a direita bem ſuſpenſa a lança
De pulo facil hiaõ ſobre a ſella:
Não corrião com tanta ſegurança,
Mas com mais ligeireza,& mais cautella,
Uſando jà entaõ de eſpora,& freo,
Coſtume,que antes dos eſtribos veo.

46

Tambem de artilheria eſtranha uzavão,
Trabucos com que hum forte muro abrião,
Onagres, & baleſtras,que deitavão
Pedras de dous quintaes onde queriaõ;
Torres que de madeira fabricavaõ,
E ſobre fortes rodas as movião,
Com pontes levadiças,que ſeguros
De ſobre ellas deitavão ſobre os muros.

Eſ-

47

Eſcorpioens, Catapulas fabricadas
Eſtes, & aquelles com tam gram deſtreza,
Que grandes pedras, lanças empenadas
Tiravão com gram furia, & gram preſteza:
Nos centros das Cidades mais muradas
Sacodião tambem com ligeireza,
Artificios de fogo, que onde davão
Viveres, gente, & cazas abrazavão.

48

Para as picar, ou eſcalar taes vezes,
Uzavão de teſtugens, com que ouzados
Mui juntos, & cubertos dos pavezes,
Grandes, & como eſcamas aſſentados:
A lanças, dardos, paos, pedras, & arnezes,
Que deitavão ſobre elles os cercados
Se oppunhaõ com tais forças os melhores,
Que as mais vezes ſahiaõ vencedores,

49

Outras teſtugẽs arietarias tinhaõ,
Em torno dos trabucos reforçados
Para ſua defenſa, ſe os detinhão,
Com vigas, & artificios, os cercados:
E quando aos muros arrimando as vinhaõ,
Eram preſto de artifices minados,
Pondolhe as picas, que deſpois queimavão,
Com que muros, & torres arruinavão.

50

As que de pedra inda agora achamos,
Eram mais,que as cortinas levantadas,
Ao revés de epiphareas,que hoje uzamos
Mais baixas,& mais bem deſcortinadas:
Que alem de que melhor terreplenamos
Noſſas cortinas ſaõ mais franqueadas,
Porque he de praças militar ſentença,
Quanto maior travès,maior defenſa.

51

Muito melhor que nôs ſe entrincheiravão,
Porque mais gaſtadores conduziaõ
Seus reaes cada manham preſto arrazavaõ,
E de tarde mais preſto outros faziaõ:
Com gram conta,& pericia os eſquadravaõ,
E de groſos torreoẽs os guarneciaõ,
Abrindo o foſſo quem o tinha a cargo,
Quatro covados alto,& quatro largo.

52

Quatro pontes,& portas nelle avia
Dentro praças,& ruas compaſſadas:
E onde o terreno hum pouco mais ſe erguia
O aliſavão mui preſto pàs,& enxadas:
Mais poderoſas ſaõ,que artelharia,
Eſtas em todo o tempo,& guerra uzadas,
Mudou a guerra de armas,& ordenança
De pàs,& enxadas nunqua fez mudança.

De

53

De noute dobres guardas,& vigias
Metiam,quanto ouzados vigilantes,
Amanhecendo hiam dar bons dias
A ſeus Centurioens todos infantes:
De grave acatamento,& corteſias,
Todos os mais miniſtros obſervantes
Para dallos ao Conſul juntos hiaõ,
E de ſua boca as ordens recebiāo.

54

Era ſua tenda como hum templo, & tinha
No centro dos quarteis certas medidas,
As outras todas por direita linha
Formavāo ruas largas,& compridas:
A chamada quintana a quatro vinha
Cruzando para terem mais ſahidas,
A tenda Conſular,& as do Legado
Armentario,tribunos,& mercado.

55

Naõ podiam comer em todo o dia,
Senaõ quando a trombeta aſſinalava,
Nem dormir, ſe naõ quando ſe tangia
A ſilencio,que grande ſe guardava:
A horas de marchar ſe naõ fazia,
E ouvido cada qual ſe preparava:
Tocavaſſe a arrazar o alojamento,
Deſarmavāoſe as tendas n'hum momento.

56

Tudo em breve desfeito a vez terceira
Tocava a eſtar o exercito formado,
Metida em ſeu lugar toda abandeira
Se punha o Conſul do direito lado;
Perguntando eſtà jà poſto em fileira,
Diſpoſto a combater todo o ſoldado,
Reſpondiaõ,que ſi,alto gritando,
E a compaſſado paſſo hião marchando.

57

Grande era a ſomma de animaes,que avia
Diſpoſta à conducção de embaraçoſa
Tripulaçaõ inmenſa,que fazia
Mover a reflexão tarda,& penoſa:
Sómente o pezo armigero opprimia
A eſpadoa calejada.& vigoroſa,
Que a carga militar,poſto que he nobre,
Sempre foi, & ha de ſer honrada,& pobre.

58

Quando a rios chegavam mui depreſſa
Deſpojados das armas,& veſtidos,
Envoltos no pavès ſobre acabeça
Os paſſavão ligeiros,& a trevidos:
Hyperbole não ha com que encareça,
Quanto foraõ nas marchas privinidos,
Que a ſeus Tribunos antes de marcharem ,
Juravão de marchando naõ roubarem,

O meſmo

59

O mesmo o Turco està hoje observando
Com o probrio geral da Christandade,
Que por donde suas armas vaõ marchando,
Estragos vaõ marchando,& crueldade:
Do Tamorlão se escreve,que alojando
Com tremendo poder em huma herdade
Pomifera,ao partirse donde estava,
Nem tam sòmente hum pomo lhe faltava.

60

Divisa era a batalha mais galharda,
Em tres Hastarios,Princepes,Triarios,
Quaes Vanguarda,Batalha,& Retaguarda,
De agora,antes de oppostos aos contrarios:
Os Hastarios formavão a vanguarda,
Taõ juntos como os nossos ordinarios,
Esquadroẽs,conhecendo em tal defesa,
Que nos piques està toda a firmesa.

61

Os Princepes na cauda dos Hastados
Costumavão formar menos unidos,
Ou para os soccorrer,quando afrontados,
Ou para os receber,quando vencidos:
Que todos como os nossos reformados,
Eraõ exercitados,& atrevidos,
E por ser gente a pelejar disposta,
Facilmente compunha a descomposta.

62

Na retaguarda os Triarios ſe formavão,
Muito mais largos para o meſmo effeito;
E quando os tais apelejar chegavaõ,
Jà duas vezes o campo era desfeito:
Dos cavallos em tanto pelejavaõ
Alas no corno eſquerdo, & no direito,
E os vilites tal vez interpolados,
Os hião ſocorrer na fronte,& lados.

63

Eraõ os vilites como aventureiros,
Ou infantes perdidos de Franceſes,
Armados à ligeira com ligeiros
Murrioẽs,caſoletes,& paveſes:
Com péllas,bèſtas fundas os dianteiros
Feriaõ de travès,porque traveſes
Dos eſquadroẽs,que bem ſe diſciplinão,
Aquellas mangas ſaõ,que os deſcortinaõ.

64

Era a Grega nação,bem que guerreira
Ao revés da Romana exercitada,
Que afronte conſervava ſempre inteira,
Sem fazer a Phalange retirada,
Das fileiras de dentro era a fileira,
Que batalhando eſtava reforçada,
Coſtume,que o Suecaro inda obſerva,
Com que izento de ſceptros ſe conſerva.

Em

65

Em toda a Eſpanha,quando a invadìrão
Gregos,Carthagineſes,& Romanos,
Eſta velha milicia introduzìraó,
Como nòs a moderna aos Africanos,
De ſós Phalanges,& Orbes ſe ſervìraõ,
De Globos,& de Cuneos os Luſitanos,
Até que por Sertorio introduzida
Lhe foi toda a milicia referida.

66

Quando Auguſto imperou Legioẽs quarenta,
E quatro,em varias partes ſe entretinhão,
Que a ſeis mil peoẽs duzentos,& ſeſſenta,
E quatro mil armigeros continhão:
Pagos a tres eſcudos(como aſſenta
Budeo) por mes no anno aſomar vinhão
Nove milhoẽs a fóra os ordenados,
E quinhentos,& quatro mil cruzados.

67

Quarenta, & quatro vezes ſetecentos,
E trinta,& dous cavallos,que ſeguiaõ,
Cada legiaõ trinta dous mil ſeiſcentos
E oito,a nove eſcudos ſoccorriāo:
Que ſomão tres milhoẽs, & quatrocentos
Seſſenta,& oito mil,& inda excediāo,
Quatrocentos ſeſſenta, & quatro eſcudos,
Soma,que agora admira aos mais ſezudos.

68

Sem que metidos vaõ, como parece,
Nella os ſalarios da primeira plana,
Com que hoje todo o Princepe impobrece,
Talvez enriquecendo a quem o engana:
Donde mui claramente ſe conhece,
Qua em hum anno a Republica Romana
Com ſalarios, & gaſtos que fazia,
Mais de quinze milhoẽs diſpenderia.

69

Com poder tam inmenſo, & dilatado,
Naõ hê muito, que o mundo ſujeitaſſe,
E que o Romano Imperio ſublimado
De todo o univerſo triunfaſſe:
Temos em breve viſto o antigo eſtado
Das armas, ſem que muito o dilataſſe,
A poz eſte veremos o moderno
Do Sulphureo fogo do Inferno.

70

A nova guerra, de que algũs avizaõ,
Que ha de ſer infernal (peſſimo jogo)
Segundo os noſſos Vates profetizaõ,
Toda hé, & hà de ſer fundada em fogo;
Eſta ſulphurea guerra emfim diviſaõ
Da guerra antiga, que atropella logo,
Mas eu pello que alcanço, & tenho lido
Direi della o que ſei, & o que he ſabido.

Sempre

71

He ſempre,ou offenſiva,ou defenſiva,
Tal vez ſe alterna,& ſe abaixa,ou crece,
Muitas vezes ſe muda em offenſiva,
Poſto que defenſiva ſe comece:
De exercitar o exercito diriva,
E da dirivaçaõ bem ſe conhece,
Que he quando a multidao grande,& regìda,
E bem armada vai marchando unìda.

72

Divideſſe eſta ſciencia,que ſe apura
Com ſangue em duas, Nautica, & Terreſtre,
Eſta conſta de quatro, Architectura,
Artilheria, Infantìl,& Equeſtre;
Separadas eſtaõ, bem que as miſtura
O General,que as governa,& Meſtre,
De Campo General,cuja pericia
He todo o moto,& alma da milicia.

73

A Architectura honra as outras artes,
Muros, Portas, Surtidas, Eſplanadas,
Cavaleiros, Reductos, Baluartes,
Rebelins, Cavas, Pontes, Eſtacadas:
E outras mil invençoens em varias partes,
Fabrìca com primor deſcortinadas,
Toda ſe aplica à guerra defenſiva;
Nos ſitios participa da ofenſiva.

Tem

74

Tem General à parte a artilheria,
Em defenſas,& offenſas proveitoſa,
Em campanha naõ tem tanta valia,
Mais he que neceſſaria,embaraçoſa:
Eſpanto lhe chamou da covardia
Baraxà Rey,por ſer mais eſpantoſa,
Que util,em praças bem terreplenadas,
Donde mais que ella valem pàs,& enxadas.

75

Toda a cavallaria he governada
Por General,que a avança,& a refrea,
Hoje melhor,que nunqua eſtà apurada,
Quem mais tem,mais campanha ſenhorea:
Toda a Perſa,& Polaca he tão verſada,
Que a Turca com ſer mais,muito a recea,
Obrigada de infantes O tomanos,
Que naõ uzão Polacos,nem Perſianos.

76

Regem Meſtres de Campo a infantaria,
Sem aqual ſe não rende fortaleza,
A fortaleza faz da picarìa,
Que nos piques eſtà toda a firmeza:
Moſquetarìa,& arcabuzarìa
São ſuas barbacãs,porque a defeza
Dos muros,& eſquadroẽs conſiſte agora
No deſcortino,que lhe daõ por fora.

Deſtes

77

Deſtes cargos,& de outros inferiores
De cavallos,peoens, & artilheria
Se vé,que quaſi os meſmos ſuperiores,
Que agora hà , antigamente havia:
General era o Conſul,ou Pretores,
E Perfectus caſtrorum ſe dezia,
O cargo aquem os que hoje militamos
Meſtre de Campo General chamamos.

78

Tambem Perfectus fabrum ſe chamava,
O que era General da artilheria,
Pello que de madeira fabricava,
Com que fortes muralhas abatia:
O que a cavallaria governava
Meſtre de cavaleiros ſe dezia
Meſtre de Campo então menos prezado,
Perfeito de Tribuno era chamado.

79

Hoje domina aos Sargentos Móres,
Officio,que os antigos não fiavão
De ninguem,porque o Conſul,ou Pretores,
Que eraõ os Generaes,o exercitavão:
Os Legados,Tribunos,& Queſtores,
E outros cargos,que é pàz,& guerra uzavão,
Hoje incluſos eſtão nas Vedorias
Tenencias Generaes,& Auditorias.

De-

80

De ſorte,que hà mui pouca differença
Nos Cabos da moderna,& velha uſança;
Mas nas armas,na offenſa,& na defença,
Ha de fazer o fogo graõ mudança:
Naõ porque o fogo mais mate, ou mais vẽça,
Que o contrario dos Magicos ſe alcança,
Porque as armas antigas conquiſtavão
Mais terra,& muita mais gente matavão.

81

Antigamente ſobre graõ batalha,
Grande Reyno mui preſto ſe perdia;
E agora em torno dequalquer muralha
Mezes,& annos a loja a infantaria;
Muito trabalho dà, pouco trabalha,
Em batalha campal a artilheria,
Que logo ſe o contrario avança a ella,
E ſeu dono ſe poem a defendella.

82

Ou ſe perde,ou gram perda fica dando
Aos ſoldados,que involve,& deſordena;
Porém ſe em deſcuberto eſtà vigando,
E livremente as balas deſempena:
Entaõ fica os contrarios deſtroçando,
Mas poucas vezes eſte mal ſe ordena,
Que em quatro mil batalhas,que leremos,
A penas quatro exemplos acharemos.

Deſtas

83

Destas razoens,& de outras claramente
Se verefica,& fica bem provada
A razaõ, de que sendo mais vehemente,
A ignea guerra he menos arriscada:
Custava a guerra antiga muita gente,
Por quanto pelejava mais chegada
A de fogo como ao largo se combata,
Muita polvora gasta,& poucos mata.

84

Despois de jà ficar tranquilla Espanha,
Para as escollas della se passàraõ
Italia,França,Flandres,& Alemanha,
Para sua desdita as conservàraõ:
Os Mestres della que com sciencia estranha
A milicia moderna reformàraõ,
Conforme aos Profetas que hoje temos,
Parece conveniente,que apontemos.

85

Purgarlheá Alberico muito vicio,
Esforcia,& Peciano a faraõ clara;
Cordova a dirâ,& no exercicio
Carlo,Alva,Vasto,Fontes,& Pescara:
Parma,Vandoma,Spinola,Mauricio
A poràõ em feiçaõ polida,& rara:
E no fim de todos com tremendo susto
Gustavo o Sueco,& Luis o Justo.

86

Os homens,como as plantas,se cultivão,
Que incultos os produz a natureza,
Sò por sciencias,artes,& armas privaõ;
Sem as quais os deslustra a rustiqueza:
Da pericia as sciencias se dirivão,
Porque he o valor inutil sem destreza,
Mais util he,mais val de qualquer sorte
Perìto debil, que imperìto forte.

87

Muitas forças o sabio tempo involve,
Entre as agoas do nescio esquecimento,
Porque as possue quem se não resolve
A seguir o beligero instrumento:
Nenhum por falta de o achar se obsolve,
Que he pequeno da terra o elemento,
E sempre a seus discipulos poz Marte,
Escolla,ou em huma, ou outra parte.

88

Esperar entre as portas a ventura
He manha de ignorante,& perguiçoso,
Que quem se não arrisca a desventura,
Não pòde ser por armas venturoso:
O valor como rayo em cousa dura,
Enfraquece ao mais difficultoso,
Poucas vezes se engana o bom guerreiro,
Quem primeiro investio,vencéo primeiro.

Mais

89

Mais corpulento he forte,& prudente
O Elefante,que outro nenhum bruto,
Não he tam grande o Leão,nem tam valente,
E he ſeu ſuperior por reſoluto:
Ao Cocodrillo mata ouſadamente
O pequenino Cindros por mais aſtuto,
Pois ſe deixa por modo extraordinario
Tragar,para eſtragar a ſeu contrario.

90

Acquireſſe a gram fama em gram perigo,
Sem o qual pellas armas não ſe alcança,
Que nas maõs de tam barbaro inimigo
Delle pende a fragil eſperança:
Em huma o premio tem,n' outra o caſtigo
A vida,& morte tràs poſta em balança,
Que aſſi ſe ganha,& aſſi vai bem ſuado
Todo o pam que do Rey come o ſoldado,

91

De que ſerve o valor,ſe não procura
As armas o que dellas o deſterra
Seu ſangue a patria afronta, que ſe apura,
No fogo o ouro,& o valor na guerra:
Eſtà no aventurar toda a ventura,
Quem de terra naõ muda a fama enterra,
Porque o valor, que grandes feitos ama
Se perde o premio, nunqua perde a fama.

LIVRO QUARTO.

ARGUMENTO.

APprova o Governador Muça o discurso, que Tarif fez sobre as armas, & conquistas de Espanha, & lhe em comẽda a empreza. Dalhe vinte mil homẽs. Parte Tarif com Iuliaõ. Desembarca no mõte Calpe. Faz pratica, & paga aos soldados. Toma Gibraltar, & Alguezira, e vai destruhindo parte de Estremadura, Peleja tres vezes cõ elle Sãcho sobrinho de elRey, e morre no ultimo congresso. Recolhese Tarif, & Iuliaõ a Africa, Iupiter chama os Deoses a conselho; decreta a Destruição. Voltaõ Tarif, e Iulião a Espanha com innumeravel exercito. Preparasse elRey cõ outro quasi semelhante. Chama os Grãdes; Dá Pelayo insignes documentos sobre a guerra, approvaos elRey, encõtraos Gotfredo, seguesse a oppiniaõ de Gotfredo. Reprovãose as rezoẽs de estado, e as emula çoẽs. Despedese elRey da Raynha cõ amorosas lagrimas, & palavras.

I.

ASsi dizendo, o inclyto, & subido
Tarif, taõ guerreador, como eloquente,
He do conselho impio applaudido
Por forte, por facundo, & por sciente:
Muça o leva nos braços bem cingido,
E approva seu discurso preeminente,
E lhe encomẽnda a empresa o velho Arabe,
Que quem bem sabe obrar, fallar bem sabe.

De

2

De vinte mil o numero taxado
(Fraco poder)o Mouro lhe concede,
Que com ſer poder fraco ,aniquilado
Tarif a domar Reynos ſe lhe expede:
He aſſi,que quando Deós eſtá indignado
O mais poder co menos ſe não mede,
Que póde o muito menos,muito mais,
Que numeroſas hoſtes,& arrayais.

3

Jà as marinas aves exitiares
Pellos campos aquaticos nadando,
As brancas azas vão abrindo aos ares,
Que com ſereno ſopro as vão levando,
Paſſa Tarif em breve eſpaço os mares,
Do Eſtreito de Gades,& chegando
A Herculana ſerra celebrada,
Nella deſembarcar manda a armada.

4

Hiaſſe neſte tempo recolhendo,
O Sol ardente aos paços do Oceano,
E os tardos jugaes vinhão trazendo
De Cynthia o nocturno coche ufano:
Os miſeros mortais enfraquecendo
Co grande pezo do trabalho humano
Se encoſtavaõ canſados pellas terras,
E os brutos animaes nas altas ſerras.

H Em

5

Em toda a noute o forte Capitão,
Esteve sem dormir considerando
No perigo de sua opinião,
Que em terra alhea o estava jà esperando:
Medìta no invencivel coraçaõ
Dos Godos,& em seu Reyno formidando
Na vil gente,que tràz,& jà lhe peza,
De se haver offerecido a tanta empreza,

6

Mas assi como a Aurora prateada,
As douradas madexas penteou,
Tarif convocar manda toda a armada,
E a todos gerálmente assi fallou:
Filhos esta facção he arriscada,
Mas tambem vós o sois,& eu o sou;
E nestes dous extremos sempre Marte
Dos estranhos socorre a menor parte.

7

Quando a guerra se faz em terra estranha
Se tem sempre o invasor por mais potente,
E huma vez posta a gente na campanha
Ajunta a dividida facilmente:
Mas à vista das patrias acompanha,
Seus estandartes,muito mal a gente,
Foge do campo,& as muralhas salta,
Acode às pagas,aos rebates falta.

Quando

8

Quando a moleſta o frio,ou calma abraſa,
Cada qual com licença,ou ſem licença,
Vai,& vem cada dia a ſua caſa,
Sem ſe lhe dar que vença,ou que não vença,
Hum foge do caſtigo, outro ſe caſa,
Tacha he antiga,que o favor diſpenſa,
Mal ſe ſe ſofre;peor ſe ſe caſtiga,
Quem na patria governa armas,o diga.

9

Com Muito mais preſteza a code à guerra,
Com muito mais firmeza ſe reſolve
Na terra alhea,que na propria terra,
O que por achar fama o mundo involve,
Porém entre eſte bem hum mal ſe encerra,
Que os coraçoẽs mais bélicos revolve,
Que he terſe perdida a eſperança
De ſocorro na ſorte,& na mudança.

10

He nota de covardes a galinha,
Que ſoçorre a ſeus filhos animoſa,
Tanto lhe quer,que a quanto ſe avezinha,
Se atreve,& ſe arremeſſa impetuoſa:
A mais ſimples,& tìmida Avezinha
A ſocorrer ſeus filhos vai furioſa,
Todo o animal feroz aos ſeus ſocorre,
E tal vez por lhe dar ſocorro morre.

11

Sempre o ſocorro foi na guerra uſado,
Ajudamſe as naçoens,& Reys amigos;
E muitas vezes por rezão de eſtado
Socorro daõ os proprios inimigos:
Tem o ſocorro hũ mal, quando he mal dado,
E he que em vez de evitar dobra os perigos,
Porque ſe acaſo o vencem os cercadores,
Logo faz deſmaiar aos defenſores.

12

Se apparece no campo a quem o eſpera,
Peleja o inferior maìs atrevido,
E tanto que ao contrario não ſupera
Se anima,& deſanima o ſocorrido;
Quem ſocòrros com impeto acelera,
Sem conſelho,& ſem ordem vai perdido
Muito ſe ha de fazer por eſcuzallos,
Que não honrra o pedillos,ſe honra o dallos.

13

Os que grandes ſoccorros aos poſſantes
Pedem grandes temores imaginão,
E entre exemplos mil os ignorantes,
Emperadores Gregos no lo enſinaõ:
Metendo em noſſa Africa arrogantes
Turcos,que inda o melhor della arruìnão;
Tambem Italia, & França inadvertidas,
Foraõ por tais ſocorros deſtruìdas.

Se

14

Se bem confiderarmos os Romanos,
Acharemos,que em quanto miliciares,
Em todas as facçoẽs feus veteranos,
Eraõ mais, que os focorros auxiliares:
Temos effa excellencia os Mauritanos,
Que em varias terras,& por varios mares
Muitas vezes a muitos focorremos,
E focorros dos outros naõ queremos.

15

Por onde companheiros meus,& amigos
Não ha fahida em trance taõ amargo,
Porque eftão de huma banda os inimigos,
Da outra os altos muros do mar largo;
He forçado romper pellos perigos
Dos combates,que eftão a noffo cargo,
Sem efperar foccorros contra os Godos,
Que emfim nòs fós baftamos para todos.

16

Affi dizendo,o forte Capitão
Toma conta de todos os foldados,
Manda fazer feis pagas de antemão,
Que pagas fazem os fraços esforçados:
Sem ellas nunqua pòde aver facçaõ,
Que a fome,os mais valentes,faz coitados,
Altamente os incita à gram virtude,
E a todos faz mudar,fem que fe mude,

17

Cometem a Cidade de Heraclea,
A quem logo Tarif mudou o nome,
E Gibraltar agora ſe nomea
De Gebel uſurpando o ſobrenome:
De nada o bravo Mouro ſe recea,
Que tudo lhe obedece, ſem que o dome,
Dali ſe parte logo a Alguezira,
E rendida a Cidade, avante aſpìra.

18

Era eſta expediçaõ no fertil anno
Setecentos, & treze, & mais hum dia,
E vendo elRey Rodrigo o grande dano,
Que o torto Abenzarca lhe fazia,
Ajunta hum grande exercito Hiſpano,
Que maior que o do Mouro parecia,
Com elle a ſeu ſobrinho Sancho manda,
Homem de experiencia admiranda.

19

Era Sancho mancebo eſclarecido,
E pelejou mil vezes contra o torto
Abenzarca, mas ſempre foi vencido,
E finalmente foi vencido, & morto:
Ficou Tarif entaõ mais atrevido,
E o exercito ſeu com mais conforto,
Vão deſtruindo toda a Eſtremadura
Tarif, & Juliaõ, & a gente impura.

Guian-

20

Guiandoos o mesmo Juliaõ,
Por toda Andaluzia junto aos mares,
E por terra tambem queimando vão
As terras,& Cidades,& Lugares:
Não guardam os sequaces do Alcoraõ
A velhos,ou mininos,mas apares
Os vão com crueldade espedaçando,
Gentes,cazas,& Templos abrazando.

21

Assi como na serra virolenta
Do excelso Erminio celebrada,
Desce de improviso huma tormenta
Desfeita em chuva,pedra,& trovoada:
Leva comsigo quanto se aprezenta
Diante,bosques,gados,boys,& arada,
Pasmão os Pastores vendo a tempestade,
Assi pasma a Hispana Christandade.

22

Com tam feliz,& prospero successo
Volve Tarif a Africa,& consigo,
Leva o Conde com todo o aderesso,
Em final,que he leal,& que he amigo:
Recebeos o alto Muça,& tem em preço,
A destruiçaõ grande,& o castigo,
Que deram à terra Betica, & procura
O numero augmentar da gente impura.

23

Com tudo consultar quiz logo a pique
A elRey Miramolim, que as ordens dava,
E ao filho Ulit de Abomelique,
Em cujo nome Muça governava:
E para que aos Reys melhor aplique
A fé de Juliaõ muito abonava,
Convem todos se forme outra campanha,
Tarif, & Juliaõ voltem a Espanha.

24

Em quanto isto se passa na Africana
Terra, entre agente execranda,
Jupiter là na Corte soberana
Celeste os Deoses todos chamar manda:
Toda a Deidade nova, & Veterana
Concorre leda de huma, & outra banda,
Para a sala Real do gram Tonante
Chea toda de assentos de Diamante.

25

Elle com Magestade alta assentado
N'hum assento micante de ouro fino,
De Rubis, & Çafiros esmaltado,
Que rayos mil scintilla de contino:
Manda pòr o Concurso consagrado
Cada hum no lugar de que era dino,
E placado, & quieto o murmur todo
A todos representa deste modo.

Sois

26

Sois Deoſes teſtemunhas da verdade
Com que ſempre amei a Hyſpana gente,
Avizos que lhe dei com piedade
Por Mercurio,que ahi eſtà preſente:
Que quizeſſem deixar ſua maldade,
E emmendar ſua vida incontinente,
Tudo elRey,& o povo com clemencia
Aceitou mas com ficta penitencia:

27

Intercedeo por elles Venus bella,
Que ahi tambem eſtà dando fiança
A que ſe emendaria ſua eſtrella,
Se ſe lhe abrogaſſe eſta vingança:
Prometi,Deoſes vaõs,a vòs,& a ella
De o fazer com eſta ſegurança,
Mas quem fia em palavras de mulheres
Quer perder apalavra,& os poderes.

28

Agora vejo bem,que eſtão peores
Do que eſtavão no tempo,que atràs digo,
Laſcivos,aſſaſſinos,roubadores
Indignos do perdam,não do caſtigo:
Os caſtigos maiores,& menores,
Que lhe tenho taxado aqui comigo
Saõ entregar o Reyno,a gente,& a terra,
A gente que os domine em paz,& em guerra.

Pella

29

Pella que de Cocito corre,& mana,
Eſtigia lagoa juro ardente,
Que não deſiſtirei da furia inſana,
Até não deſtruir todo o Occidente:
Ouvindo iſto Deoſa Cypriana,
Aceſa de furor,de ira tumente,
Brava mais,do que Jupiter eſtava,
A elle,& ao Conſelho aſſi fallava.

30

Bem alcanço,& conheço,pay ſuperno,
Teu deſamor,pois claro vejo agora,
Que admites conſelhos do inferno,
E deixas as razoens de quem te adora:
Se nunqua foi mudavel teu governo,
Como agora ſe muda de hora em hora,
Não te lembra por ti,que me foi dada,
Abſolvição da culpa jà paſſada.

31

Se a caſo os miſeraveis naturais
De Eſpanha foraõ à culpa reduzidos,
A culpa foi das furias infernais,
E não delles,que foraõ induzidos:
Caſtiga Juliaõ,Plutão,& os mais,
Que em guerra vaã vencèraõ aos vencidos,
E não caſtigues juſtos,& innocentes,
Por razoens impias,falſas,& apparentes.

Notas

32

Notas com desigual dessemelhança
Da palavra feminea o pouco pejo,
Mais se pòde notar tua mudança,
Qual nunqua cuidei ver,& agora vejo;
Mas jà que minha errada confiança
Acaba agora aqui com meu desejo,
E meus filhos acabaõ,& o meu bem
Minha Deidade acabe aqui tambem.

33

Assi dizendo,irada,& lastimosa
Se levantou do Solio refulgente,
Em que estava assentada,& furiosa,
Quis fugir do Conselho preheminente:
Mas dos Deoses a Feria gloriosa,
Conhecendo seu mal,& dor vehemente
Lhe abrandão com razoens seu louco intento,
E a tornaõ a repor no mesmo assento.

34

Mercurio,que attento a Deosa ouvia,
E servia aos Deoses de Correo,
Despe as azas douradas,que trazia
O Caduceo,& o mais ethereo arreo:
E com acatamento,& cortesia
Para Jupiter diz:Senhor bem creo,
Que as palavras de Venus sa͂õ de modo,
Que vos podem mover,& ao Ceo todo.

Mas

35

Mas como bem ſe vé eſtà riguroſa,
E ſaõ ſuas razoens mui affectadas,
E a paixão iracunda,& furioſa,
Não deve de pizar rozoens provadas:
Eu de voſſa vontade eſpecioſa
Deci voando às terras celebradas
Do Occidente,& falei com Dom Rodrigo,
Que quizeſſe evitar voſſo caſtigo,

36

E emendar a mole incontinencia
Sua,& dos vaſſallos arruinados,
Todos com huma falſa penitencia,
Em breve ſe tornàraõ a ſeus peccados:
Se atêgora dormio voſſa clemencia,
Deve acordar pois forão aviſados,
E poſpuzeraõ avòs ſeu Rey benino
Por outro,que os engana de contino.

37

Mui bem ſe vé,que hè pura paixão
A que Venus induz por ſua parte,
Que tenha a culpa o perfido Plutaõ,
Pois todos enganou por modo,& arte;
Culpa tem,& elles mais, pois ſemrazaõ,
Quizeraõ mais ſeguir ſeu eſtandarte,
Que o vòſſo,& aſſi não mudeis nada
Da alta reſoluçaõ,que haveis tomada.

Quiz

38

Quiz Venus replicar com geſto iroſo,
E com ella as Deoſas Mercenarias,
Mas o demais conſelho induſtrioſo
Brádando as perturbou com razoens varias:
Qual nò juizo atroz contencioſo,
Falão as partes,& logo as adverſarias
Rebatem com razoẽs a acção verboſa,
De cide o Juiz a cauſa duvidoſa.

39

Aſſi Jupiter vendo o argumento,
Que entre o povo Olympico ſe atea,
Deliberou com penna,& ſentimento
Contra o goſto da bella Cytherea:
Pellas cauſas qve havia,& juramento,
Feito da negra praya Acherontea,
Que naõ podia jà retrogradarſe,
Foi força a linda Deòſa acomodarſe.

40

E para a conſolar o pay piedoſo,
Sem perjuizo algum da jura inſana
Lhe affirma,que o Imperio deſditoſo,
Ha de tornar aos proprios donde mana:
Que naõ perderà a terra o nome honroſo,
Eſpanhol,nem a gente a lingoa Hiſpana,
Nem menos perderà o antigo rito,
Por mais que queiraõ os Deoſes de Cocito.

Com

41

Com eſtas razoens pias Venus bella
Algum tanto desfaz a interna pena,
Que huma razaõ pacifica, & ſingella
Obra mais que qualquer força terrena:
Jupiter, reſoluta a gram procella
Das diſſenſoens, que Erimnis ſempre ordena,
Se levantou veloz do Regio aſſento,
Sem ira jà ſem penna, ou ſentimento.

42

Os outros Deoſes todos ſem detença
Se levantam com geſto alegre, & grave
Porque nunqua jà mais ſe deu ſentença,
Que não alegre a huns, outros aggrave;
A todos permittida jà a licença,
Se deſpedem com muſica ſuave,
E conſonancia rara aos ouvidos,
Para os apozentos conhecidos.

43

No anno do Deus Vero ſetecentos,
E quatorze, Tarif volta a Caſtella
Com tanta gente, & tantos inſtrumentos
De guerra, que he ſem duvida o vencella:
Tudo lhe obedece o Mar, & os Ventos,
E o que lhe obedece encontra a ella!
Oh juizos do Ceo, como quereis,
Que fieis ſejaõ ſervos de infieis.

Era

44

Era o vernal Solſticio,& ſe tingia
O Ar,& o Ceo de nuvens,que obumbravaõ,
Os Polos,& os trovoens,& artilheria
Celeſte com os ventos ſe alternavaõ:
Toda a ſerra de neve ſe cobria,
E com chuvas os vales ſe alagavaõ,
Porque grandes ſe vem nos dias breves
Ventos,Chuvas,Trovoens,Nuvens,& Neves.

45

Naõ acha a Cabra,que roer na ſerra,
Nem tem a Ovelha,que tozar no prado,
Nem o Cavallo,que fazer na guerra,
Nem o Boy que intender com o curvo arado;
Nem pòde a Mulla andar de terra,em terra,
Que tudo tem o Inverno embaraçado,
Porque de baixo eſtaõ de colmo,& telhas
Mulas,Cavallos,Bois,Cabras,& Ovelhas.

46

Paſſando foi taõ largo,& riguroſo,
Que fes aos Godos eſquecer da guerra,
A Tarif naõ,que ſempre cuidadoſo
O trouxe a furia,que no peito encerra:
Vemlhe muitos ſocorros , & aſtucioſo
Os reparte por huma,& outra terra;
Das que eraõ mais vezinhas ao Eſtreito,
Que jà do anno atràs tinha ſujeito.

Eſtava

47

Eſtava na alta Cidade de Toledo
Hum Palacio Real ſempre fechado,
De tempo muito antigo,que com medo
Os Reys para ſeu mal tinhão guardado:
Em huma madrugada muito cedo,
Eſtando o povo todo inopinado
O abre elRey,cuidando achar theſouros,
E dentro acha ſó triſtes agouros.

48

Hum pano acha pintado,que continha
Figuras Arabeſcas(couſa eſtranha)
No meio humas letras tambem tinha,
Que quando ſe viſſem acabaria Eſpanha:
Entrando mais adentro na cozinha,
Ouvio grandes eſtrondos de campanha,
E outros mais ſinais,que denotavão,
Que os Arabes tudo conquiſtavão.

49

Vendo iſto o miſerrimo Rodrigo,
E a vinda do peſtifero Abenzarca,
E Juliaõ,cuidando no perigo,
Que a ſeus olhos moſtrava a dura parca:
Meditando em tamanho inimigo,
E nas letras, que vio,treme o Monarca,
Mas vendo Eſpanha em riſco de perderſe,
Se reſolve a defendella,& defenderſe.

Chama

50

Chama a todos ſeus ſabios conſelheiros:
Vivendo ſem conſelho hũ Rey taõ pio,
Querer no fim conſelhos verdadeiros,
E viver ſem conſelho he deſvarìo:
Juntos emfim da Corte os Cavalleiros
Brioſos huns,& outros ſem ter brio,
Que lho tiravaõ as ſombras vaãs da morte,
Rodrigo lhes fallava deſta ſorte.

51

Tarif ſoberbo eſtà na noſſa Eſpanha
Senhoreado jà de alguns lugares,
Convem logo ordenar huma campanha,
Que poſſa atropellar ſeus aduares:
Tanto na guerra val a arte,& manha,
Como valem os feitos ſingulares,
He preciſo buſcar por toda a parte
Fidalgos de valor,de manha,& arte.

52

Niſto conſiſte todo o vencimento,
E ſó ſe acha em proſperos ſenhores,
Que quem para ſobir teve talento,
O terà para açamar caens ladradores:
A boa,ou mà fortuna tudo he vento,
Não ſe falle em peaens,nem em paſtores,
Nem em gente vulgar,porque a fortuna,
Foi ſempre pera os grandes opportuna.

53

Do anno atràs a guerra foi enſayo
Para a que ora ſe urde taõ cruel,
Em que ha de cahir o fatal rayo
Sobre os vaõs deſcendentes de Iſmael:
Ouvindo iſto o inclyto Pelayo,
De todos os fieis, o mais fiel,
Lhe dis, não deſconfies da ventura,
Nem fies ſó nos grandes, que he locura.

54

Nos grandes ſò conſiſte a vaidade
Filha legal daquella aquem chamamos,
Em lingoa vulgar proſperidade,
A diſpoz quem os mais em vaõ canſamos:
Todos pella alcançar com brevidade,
Sem nunqua deſcançarmos, trabalhamos:
O miſeria mortal, que naõ deſcança,
Se naõ com ſe cançar, ſe em vaõ naõ cança.

55

Poucos ſem ſe cançarem proſpèraraõ
Porque ſe muitos proſperos nacèraõ
Por Imperios ampliſſimos, que herdàraõ,
Por eſtados, que os pays lhe merecéraõ:
Ou com grande trabalho os conſervàraõ,
Ou com vìs ignominias os perdéraõ,
Que aquantos grandes Reynos poſſuìraõ,
Sempre grandes cuidados opprimìraõ.

Não

56.

Não se pòde chamar prosperidade,
A que de antes naõ for purificada
No fogo de qualquer adversidade,
Com que fique despois mais sublimada:
Que a cousa que com mais difficuldade
Foi acquirida, sempre he mais prezada,
Nenhuma muito facil se sublima,
Que o que pouco custa naõ se estima.

57

Nem com te ver em tal prosperidade
Contra Eba, & Sesebuto estou contente,
Nunqua foi firme gram felicidade,
Subiste, has de decer naturalmente;
Não te fies no bem, que he vaidade,
Naõ desmayes no mal, que he de imprudente,
E guarte de Abenzarca torto, & creme,
Que temo muito, o muito que te teme.

38

Tornando pois às causas positivas,
Digo, que nos Imperios, nos Estados,
Nas guerras defensivas, & offensivas
Se escolhem sempre os bem afortunados:
Que se vexados saõ por varias vias
Dos grandes de quem saõ sempre invejados,
Que naõ procuram mais que derriballos
A guerra, & o perigo faz buscallos.

59

Quem por atalhos ſobe adignidades,
Quem naõ merece,quer precipitarſe
Por rodeos de mil difficuldades.
Sobe,o que nellas ſabe conſervarſe:
Os que ſabem buſcar adverſidades,
Os que ſabem ſupperar,& acreditarſe
Nos grandes poſtos,que invejar devemos,
No Eſpanhol Viriato exemplo temos.

60

Foi em aprimavera de ſeus annos
Paſtor,& caçador,na patria ſerra,
Que eſtes dous exercicios quotidianos
Tem muita ſimpatia com a guerra:
Soldado victorioſo dos Romanos,
Da patria por livralla ſe deſterra,
Pellos rodeos dos ſerviços hia
Obedecendo a quem mandar podia.

61

Sofreo emulaçoens,calamidades,
Exprimentou trabalhos,& perigos,
Que quem naõ exprimenta adverſidades,
Não ſabe pelejar contra inimigos;
Tolerando,& compondo inimizades,
Tratando os inimigos como amigos,
Fabricou ſua fortuna altiva,& rica,
Que tambem a fortuna ſe fabrica.

Eſta

62

Esta,que foi de antigos adorada
Por Deosa, & inda agora engrandecida,
Em tanta prosa,& verso he celebrada,
He bem,que tambem seja diffinida:
Hum todo he,que não importa nada,
E hum nada,de que tudo se duvìda,
Reliquia vil da gram Gentilidade,
Que inda em parte venera a Christandade.

63

Peremne chiste de invençoens fingidas,
Invencivel imagem da mudança,
Hum concurso de cousas sucedidas
Com maravilha fòra da esperança:
Que attributa,ou prospéra nossas vidas,
Porque se cança a huns,outros descança,
Cada qual em seu tanto se lhe humilha,
E mais que em tudo em letras,& armas brilha.

64

Inda os Christaõs idolatramos nella,
Porque os males,ou bens, que possuimos
Por castigo,ou merce de quem nos vella
A boa,ou mà fortuna attribuimos:
Sua roda foi sempre a vaã rodella,
Com que nos disculpamos,& cobrimos,
Que se o Ceo nos castiga,ou favorece,
Respondemos,que a roda sobe,ou dèce,

65

Neste sentido em que a defino, erguidos
Muros, humildes tem a Reaes Estados,
Não maravilhaō tanto os abatidos
Della, que caem presto os levantados:
Espanta com razão vermos subidos
Os que nacendo humildes, & acanhados,
Foraō despois Monarchas absolutos,
Porque destes celebra a fama a mutos.

66

Agatocles foi filho de hum oleiro,
Em Cizilia imperou, & em Berberia,
O Emperador Gordio foi boyeiro
Da aguilhada sobio à Monarquia;
O Tamorlão famoso foi porqueiro,
E de estribo o gram Turco lhe servia,
Chegou Bonoto à honra Imperatoria,
E seu pay mestre foi de palmatoria.

67

Arsaces de mui pobre, & desterrado
Dos Partos foi por Rey obedecido,
Primislao de pastor de manso gado
Ao sceptro de Bohemia foi erguido,
Giges foi de pastor Rey aclamado,
E Servio de huma vil serva nacido,
E de outra Archelao Reys soberanos
Foraō de Macedonios, & Romanos.

Hy-

68

Hyperbolo, que teve o ſenhorio
De Athenas, filho foi de hum lenterneiro,
E Telephanes Rey tambem gentio,
Antes que em Lydia o foſſe, foi cocheiro;
Se dos Perſianos Rey ſe vio Dario,
Filho de Hidaſpes, foi algoz primeiro,
Moço de mullas foi o Conſul Baſſo,
Que dos Parthos triunfou em breve eſpaço.

69

Dos Lomgobardes foi bom Rey Lamiſio,
Que expoſto ſe achou em vil fuſcina;
Zemiſces imperou, que a todo o vicio
De jogo dera peſſima doutrina;
Emperador ſe vio tambem Mauricio,
Que antes famulo fora de Propina,
Juſtino Emperador era porqueiro,
E o Emperador Mandro foi barqueiro.

70

Foi o Emperador Valentiniano,
Filho de hum cordoeiro mal criado,
Paſtor foi Phtolomeu Rey Egypciano,
Filho de Logo homem deſprezado,
Artaxerxes de pobre a Rey Perſiano
Sobio avendo os Partos debelado,
Foi cativo a Bizancio humildemente
Baſilio, que imperou nella potente.

71

Por mais notaveis estes sós relato,
Sem que a tratar de Papas me intrometa,
Que ergueo de infima plebe,& baixo trato
A Theara illustre lucido Planeta:
Caçador,& Pastor foi Viriato,
Pastor era David Rey,& Profeta
De bom Pastor o Rey dos Reys se aclama,
E primeiro que os Reys Pastores chama.

72

Ditoso o mundo,quando em seus albores
Pobre de inveja foi, rico de gados,
Quando todos os Reys eraõ Pastores,
Sem sahirem do campo seus cuidados;
Pastores saõ os Pappas superiores,
Pastores se intitulaõ seus Prelados,
Pastores foraõ muitos Patriarcas,
Pastores de homens saõ os bons Monarcas.

73

Antiga he dos Pastores a nobreza,
Por pobre,mais que todas desprezada,
Sendo assi,que naõ ha maior riqueza,
Que a mediocre honesta,& descançada;
Bem como rayo,que por menos teza
Deixa saã a vainha,& quebra a espada,
Fortuna ao Pastor deixa, ao Rey destorça,
Que onde ha resistencia,faz mais força.

Os esta-

74

Os eſtados de proſperos ſenhores
Fortuna extingue, muda, ſobe,& dece,
Por menos invejado o dos Paſtores,
Em ſeu primeiro eſtado permanece:
Eſtes ſabem ſofrer ſempre os rigores
Da guerra,& a fortuna os favorece,
Como aos mais,que ſe criaõ na dureza
Da vida, ſem aqual naõ ha firmeza.

75

Os maiores ſenhores ſaõ criados,
Em deleites,que ignaros apetecem,
Por iſſo nunqua ſaõ tam calejados,
Que deleites os fortes enfraquecem:
Não nego,que ha alguns,que tem dobrados,
Eſpritos,& valor,& que merecem
Ser nos bèllicos feitos immortais,
Eſtes ſe ſaõ alguns,naõ ſam os mais.

76

Principio moſtra ſer de deſventura,
Rey ſublime,buſcar nobres ſenhores
Para a facção cruel da guerra dura,
E deſprezar os Nobres,& Paſtores:
Huns,& outros,ſenhor,ſempre procura,
Que juntos os melhores cos peores
Compoem hum corpo aſperrimo, & venuſto,
Que co bom ſempre o mao ſe faz robuſto.

Hum

77

Hum Filosopho affirma, & assegura,
Que misturàra ferro a natureza
Aos que havião de andar em guerra dura
Para sofrer das armas a aspereza:
E misturàra ouro, & prata pura
A aquelles, que governão a redondeza,
Das terras, estes mandem cà na terra,
Sirvão os que naceraõ para aguerra.

78

Muito bem, senhor inclyto conheço
Meu erro, & meu mal dado parecer,
E que o dizer muito não tem preço,
Se bem sòmente o tem pouco dizer:
De minha demasia perdão peço,
E na guerra o espero merecer,
E quando o não mereça, a penna emfim,
Se deve mais ao zello, do que amim.

79

A isto lhe responde elRey Rodrigo
Involto em gram cuidado penna, & dor,
Pelayo meu sobrinho, & meu amigo
Tudo em vós he prudencia, & he valor:
O conselho nas cousas de perigo,
Quanto mais largo he, tanto he melhor,
Resta saber que cousa o valor seja
Porque por elle só tudo se reja.

O Valor,

80

O Valor, o Valer,& a Valentia,
Diz Pelayo,tem muita ſemelhança,
Na ſignificaçaõ antipatia,
Ou diferença grande ſe lhe alcança.
Porque o Valor conſiſte na ouſadia,
O Valer no dinheiro,ou na privança,
A Valentia em forças riguroſas,
Timidas humas,& outras animoſas.

81

Sem forças pode ſer muito animoſo
O velho,o debil,de que exemplos temos,
E pòde hum homem ſer muito forçoſo,
E ſer covarde como em muitos vemos:
Muto vai de forçoſo a valeroſo;
Que homens de grandes forças conhecemos,
Fracos na guerra com o temor da morte,
Reconhecendo o ferro por mais forte.

82

Mas o valor foi ſempre huma excellencia,
Que todas as naçoens muito eſtimàraõ,
E o que o faz illuſtre he a ſciencia,
Poucos ſem eſta nelle ſe illuſtràraõ:
Claramente o enſina a experiencia
Das naçoens,que mais letras abraçàraõ,
Porque todas ſenhoras ſe confeſſaõ
Do valor das que letras não profeſſaõ.

Nunqua

82

Nunqua Egipcios,Caldéos, & Israelitas
Foraõ em quanto scientes conquistados
De Assirios,Médos,Persas, & de Scitas,
Posto que mais valentes,& esforçados:
Nunqua os Gregos,Armenios,Moscovìtas,
Foraõ às leis do Turco sojugados,
Em quanto nas sciencias florecéraõ,
Antes parte do mundo entaõ vencèraõ,

83

Isso mesmo os Romanos presentiaõ,
Quando domàraõ o Arctico Emisferio,
Que assi como as sciencias floreciaõ,
Florecia igualmente o alto Imperio;
Todos estes de nòs entaõ se riaõ,
Tratandonos com grande vituperio,
Vendo nossa rudeza,& nos amàraõ
Despois que letras,& artes cà passàraõ.

84

Do Ceo,da Terra,& Mar o Regedor
Tudo governa com sciencia eterna,
Do mesmo modo o mundo inferior,
Pellas segundas causas se governa:
Sem sciencia,o valor he hum furor,
Aquelle que naõ tem sciencia interna,
Mal pòde bem reger pazes,ou guerras,
Que indoctos,nunqua bem regèraõ terras.

As

86

As Letras, & as Armas juntamente
Unidas, & concretas n'hum sojeito,
Fazem hum homem forte, & eloquente,
E dos perfeitos mais, o mais perfeito:
Sem Letras mal se pòde ser sciente,
Sem Armas mal se póde criar peito;
O que as Letras tem, & as Armas trata
Hum Capitaõ perfeito em si retrata.

87

He verdadeiramente valeroso
O que sciencia tem à força unida,
O que naturalmente he animoso
De coraçaõ, & prodigo da vida:
Da morte contemptor, o que he piedoso,
Que piedade he a força mais luzida,
Porque todo o valor santo, & gentio
Foi sempre, & ha de ser felice, & pio.

88

Tenho dito, senhor, para o intento
Tudo o que dizer pòde hum servo amigo,
Mas além do que ordenas acrecento,
Que era bom divirtirse o inimigo:
Com armada por mar, com hum violento,
Impeto, que a vingança tràs consigo
Picandoo por huma, ou outra parte,
Que sempre a quem obrou ajudou Marte.

Roma

89

Roma convalecèo jà quasi morta,
E tantas vezes rota na campanha
Com saber divirtir o mal da porta
Guerreando a Carthago por Espanha:
Antidoto Marcial, que tanto importa,
Quasi todas as guerras acompanha,
E as demais diversoens mostra a experiencia
Saõ de menos empenho, & mais sciencia.

90

Quantas guerras se vem contra potentes
Tudo saõ diversoens à força unida;
Porque a furia dos ràpidos torrentes
Se abranda, se com arte he divertida;
Que diversoens maiores, que as presentes,
Em toda a Europa, dellas opprimida,
Pois sem que nellas pàre a fatal roda,
Com guerra universal se abraza toda.

91

As guerras, se as bem consideramos,
Ou defensivas sejaõ, ou offensivas
Como as plantas estendem muitos ramos
De diversoens a grandes Reys nocivas:
Estas como sangrias aplicamos
Tal vez a partes menos sensitivas;
Que toda a diversaõ, como a sangria,
Dos membros principais o mal desvia.

Satis-

92

Satisfizeraõ muito estas razoens
De Pelayo a ElRey,& a toda a Corte,
Mas como sempre ouve emulaçoens
Gotfredo as contradisse desta sorte:
Tudo ham de ser letrados Scipioens?
De Plaucios ha de ser toda a cohorte
De Fabios doctos,que à força de arte
Divirtaõ Hannibaes a outra parte?

93

Excellentes razoens seriaõ estas,
Se Tarif estivera alêm dos mares,
Ainda em suas terras,mas naõ nestas,
Queimandonos Cidades,& Lugares:
Razoens pareceràõ mais manifestas
Grandes,Nobres,Peoens,& Populares
Romperem por conselhos,& perigos,
E rebater com pressa os inimigos.

94

De obras se pagaõ os Reys,naõ de rethorica,
Porque toda se julga por heretica,
Não siguas naõ,senhor,esta theorica,
Porque da desdita naõ seja profetica:
Sigue minha firmeza,que he marmorica,
Mais firme quando de esperar frenetica,
Tendo qual Edora entre golfos tumidos,
Aceso o coraçaõ,os olhos humidos.

Queria

95

Queria replicar o claro Infante
Pelayo, mas elRey, nem a Nobreza,
O naõ deixàraõ hir mais por diante,
Seguindo de Gotfredo a vil bruteza:
Era Gotfredo altivo, & arrogante
De altos avòs, & Regia nobreza,
Que de grande eſtadiſta ſe prezava,
E de Pelayo as couſas encontrava.

96

E como os Reys por miſeravel fado
Sò em eſtado fundaõ ſeu governo,
Sempre ſe perdem por razoens de eſtado,
Que chamar pòdem ſem razoens do inferno:
Fomentando o favor de algum privado
Jà bem antigo por Chriſtaõ moderno,
Que neſta parte, ó cegos deſvarios
Ha Gentios Chriſtaõs, Chriſtaõs Gentios.

67

Que antiga he jà no mundo, & que enganoſa
A louca emulaçaõ, que a tantos dana,
Que hypocrita, que neſcia, que invejoſa,
Quem mais preſume facilmente engana:
Que altiva, daſabrida, eſcandaloſa
Foi ſempre agente Hiſpana, & Luſitana,
Que antes ſe quer perder ſoberba, & cega,
Que ſojeitarſe a igual, que a mandar chega.

Da expe-

98

Da experiencia propria examinado,
Se em verdadeira conta entro comigo,
Chego a julgar do tempo castigado,
Que este da patria he o mòr castigo:
Todo o homem,que mandou,foi emulado;
Todo o que bem servio teve inimigo,
Metamos bem a maõ na consciencia,
E acharemos ser falta de obediencia.

99

Tudo naturalmente reconhece
Perpetua vassalaje,a senhorio,
Todo o animal tem Rey de que estremece;
Raynha as Aves, que lhe humilha obrio;
As Abelhas tem Rey;tudo obedece,
A Pedra ao centro,ao Mar salso o Rio,
A Nuvem ao Vento,ao vazio o cheo
A Nao ao Leme,& o Cavallo ao freo,

100

As Cegonhas,& Gralhas se sojeitaõ
A huma,que as governe,& ponha em via,
Dormindo humas estão,& outras espreitaõ
Sempre alguma ha de estar posta em vigia:
Sòmente os homens muito mal aceitam,
Que os sojeite o poder,reja a maiorìa,
Todos querem mandar,todos reprendem,
Mais emulando os que peor se intendem.

101

Parece competiaõ em Castella,
Meritos sem dinheiro, ou preço certo,
E de ordinario se antepunha nella
Todo o rico bisonho ao pobre experto:
Tanto dar, tanto pode empobrecélla,
Que de Corte chegou a ser de serto,
A donde falta o premio a quem milìta,
Não habita a rezaõ, nem gente habìta.

102

Quando Marte repousa sossegado
Bem sofre a paz, o que naõ sofre aguerra,
Que bem fraco pastor governa o gado,
Se de lobos està segura a serra,
Mas que, quando solicito indignado
Estupendo revolve o Mar, & a Terra
Se prefiraõ bisonhos a peritos,
Vesporas saõ de estragos inaudìtos.

103

Fez a temeridade muitas vezes
Com forças inferiores bons acertos,
Vencendo a muitos, poucos Portuguezes,
Mas eram Portuguêzes muito expertos,
Que sabiaõ romper muros, & arnezes,
E pelejar a peitos descubertos:
Muitos buscam por brio o inimigo,
Poucos sahem com honra do perigo.

He

104

He natural em nós o destemello,
Antiga a emulaçaõ de procurallo,
Frequente a presunçaõ de acometello,
Covardia a prudencia de evitallo:
Chegando (ó grande mal) a conhecello,
Quando jà naõ podemos remediallo,
Não he melhor antes, que o mal succeda,
Não ir à luta, que levar à quéda.

105

Lute quem sabe, & quem naõ sabe aprenda,
Antes que saya a publico terreiro,
Que quem aprende donde se arrependa
Não he de valeroso, he de grosseiro:
Aprender, & mandar ninguem o emprenda,
Que he novo potro, & novo cavaleiro,
E nace deste naõ saber regello
O não saber aquelle obedecello.

106

Obedeçamos bem, & saberemos,
Ensinar, & mandar quando nos cabe,
Que em guerra, quando a bem consideremos,
Quem sabe obedecer ensinar sabe:
Com emulaçoens nescias acabemos,
Antes que seu contagio nos acabe,
Notando no presente quantos danos,
Emulaçoens causàraõ aos Hispanos.

107

Seguindo pois Rodrigo, & toda a Corte
De Gotfredo o conselho temerario,
Se entregàraõ nas maõs da dura sorte,
Varia sempre, aquem sempre foi vario:
E com sombras jà proximas da morte,
E temor de soberbo adversario,
Rodrigo, que em mil partes se reparte,
A sua Esposa fala desta arte:

108

Mais me penna (pulcherrima Raynha),
O inminente fim de minha vida,
Por a vida mais ser vossa, que minha,
Do que por minha parte ser perdida:
Mas se o Fado quer, que taõ azinha
Seja esta alta liança desunida,
E de todo se acabem nossos gostos,
E todos se convertam em degostos.

109

Seja assi como quer a triste sorte,
Pois Deos por meu peccado o quer assim,
Duas padecerei, corporal morte,
A outra por vos ver fiquar sem mim;
Se com tudo, charissima consorte,
Eu escapar de trance tam ruim,
E vos achar co a vida desejada,
Mil Reynos, que perder, terei em nada.

Com

110

Com lagrimas de aljofar derramadas
Pello Eburneo rosto a Reyna bella,
Responde às despedidas namoradas
Do alto Rey, que em vella se desvella:
Queixas poderei dar justificadas
Ao claro Ceo de minha triste estrella,
Porque me fez senhora, & fez Raynha
Para maior desdita, & penna minha,

111

Qualquer outra mulher de baixa sorte,
Que aganharse, ou perderse se dispos
Nunqua perde, nem ganha mais que a morte,
Mas eu perco hũ graõ Reyno, & perco a vòs:
A vós só meu miserrimo consorte
Temo eu de perder, porque vos pós,
Em tanto risco a sorte variada,
Que sô receo avòs, ao Reyno nada.

112

Dizeis, que vossa vida he toda minha,
E que por mim temeis de aver perdida,
Por vossa a temo eu, & mais asinha
Morrendo vivirei, tendo vós vida:
Coitada de mim misera, & misquinha,
Que sem vos ver huma hora estou perdida,
Que será sem vos ver jà nunqua mais,
Senão suspiros, lagrimas, & ays.

113

Levaime à campanha Eſpozo amigo,
Para morrer com noſco juntamente,
Que mais quero morrer neſſe perigo,
Do que viver ſem vòs taõ triſtemente:
Dito iſto,a Raynha,& Dom Rodrigo
Moſtram pàlida a cor com hum accidente
Amoroſo,que aſſi como mal trata
A guerra,aſſi tambem Cupido mata.

114

Mal condiz tanto amor,tanta fineza
Com obras,que naõ tem perſeverancia,
Tempo cedo virà que eſta Princeza
Moſtre o fio de ſua inconſtancia;
Quam mudavel foi ſempre a natureza
Das mulheres,quam firme a ignorancia,
Chorando,rindo,olhando,ou cantando,
Eſtaõ ſempre a ſi,& a todos enganando.

115

Mais leves ſaõ que fumo,ou leve vento,
Folha ſeca volatil,pena breve,
Sopro ao ar, ligeiro penſamento,
Mais que tudo a mulher ſempre he mais leve:
Quem diſſo tem algum conhecimento,
Ou noticia,naõ ſei como ſe a treve
A crer,que ſó ſerà deſenganado,
Quando o primeiro Adam foi enganado.

Não

116

Não falo nas Lucrecias, que morrérão,
Nem em outras, que forão coroadas
Por virtudes mui raras, que tiveram,
E por outras razoens qualificadas;
Fallo nas que ſem modo algum nacèrão,
E foram tanto ao luxo, & ocio dadas,
Que deſpois que mil lagrimas choràrão,
De hum Cupido a outro ſe paſſárão.

LIVRO QUINTO.

ARGUMENTO.

Sáe da cidade de Toledo el'Rey Dõ Rodrigo cõ numeroso exercito, aposenta o arrayal nos cãpos do Rio Guadalete defronte do exercito de Tarif, formaõse os exereitos. Tocãose trombetas, & tambores. Cerraõ os dous exercitos, morre de parte aparte gente sem conto. Referesse o valor do Portugues Ioaõ Guterres. Cerraõ segũda vez os exercitos cõ innumeravel perda de gente, retiraos a noute. Cerraõ terceira vez os exercitos rõpẽ os Godos os Hastarios, defendemse os Mouros, & volvem sobre os Christaõs. Defendeos, & animaos el'Rey, & peleja valerosamente. Cerraõ quarta ves os exercitos, fica a vitoria duvidosa. Pelejasse até o outavo dia, vencem os Mouros. Retira Pelayo a Rodrigo. Declarase qual seja a verdadeira Victoria. Qual seja a Rota, & qual a Retirada.

I

DEixando pois Rodrigo a sua Espoza,
Sem saber que a deixava eternamente,
Mas com vaã esperança, & duvidosa,
Que no mal sempre he certa, e no bem mente:
Começa de agitar a poderosa
Armada juvenil armipotente,
Cobremse os campos todos, & os outeiros,
De soldados peoens, & cavaleiros,

Para

2

Para ver erá a grande, & forte armada
Tendida pellos campos deleitosos,
De plumagens, & cores variada,
De ouro, seda, jaezes preciosos:
A canora trombeta horrenda brada
De longe pellos vales cavernosos,
E nas armas o Sol, que naõ sossega
Com repercussa luz a vista cega.

3

Hiaõ de Aragaõ dez mil soldados,
Trinta mil de Castella, & de Valença,
Vinte mil, mui valentes, & esforçados,
Que às armas se arrojàraõ sem detença:
Outros sessenta mil foram chamados
Dos mais Reynos de Espanha em recõpensa
Dos que do anno atràs foraõ vencidos,
Todos varoens mui fortes, & atrevidos.

4

N'hum coche de Marfim hia a pessoa
De Rodrigo, que a todos excedia,
Levàva na cabeça huma coroa
De ouro fino, & rica pedraria:
O sceptro do metal que vem de Goa
Na sestra maõ sublime refulgia,
De purpura a insigne vestidura,
Entretecida de ouro, & prata pura.

Logo

5

Logo Junto ao coche hiam Gotfredo,
E Pelayo,& outros ſeus parentes
Com hum valor a cerrimo,& ſem medo
Dos Agarenos torpes,& inſolentes;
Tambem ſurgia o Biſpo Sinderedo
Armado de armas brancas reluzentes,
E outros grandes da Hyspana Monarquia
Baſtantes para toda a Barbaria.

6

Coitados de nôs miſeros humanos,
De noſſo falſo ſer,& parecer,
Que aproveitaõ exercitos uſanos,
Quando o Regedor dos Ceos naõ quer:
Tomada eſtà jà a conta dos profanos
Feitos de Vuitiza,& ſeu viver,
E tambem das torpezas de Rodrigo
Não ha jà que eſperar,ſenaõ caſtigo.

7

Por iſſo neſte lacrimoſo canto
Ultima ſcena da tragedia amàra
Alenta ò Muſa a meu choroſo pranto,
Que em pranto o mais alegre goſto pàra:
Palor funeſto,temeroſo eſpanto,
Eſpectaculo horrendo,& fatal ára,
Que o theatro occupaõ,& a turbar começaõ,
Mal ſe podem cantar,ſem que enrouqueçaõ.

Inſ-

8

Inſpira em mim para chorar cantando
Harmonia de Ciſne laſtimoſa,
Que ſuas vaâs exequias celebrando,
Morrendo entoa muſica ſaudoſa:
Saudoſo accento, grave, & miſerando
Conſole com piedade artificioſa
A viuva patria, que tal filho perde,
Convertendo em Cypreſte o Louro verde.

9

Os patrios Montes aſperos gigantes
Pellos olhos das Fontes o choràraõ,
As Plantas braços ſeus tremendo amantes,
Parece, que de longe lhe acenavam:
Entre ſeus pès nos Valles viridantes
As Agoas murmurando ſe queixavam,
Que Agoas, Plantas, Montes, Fontes, Valles
Preſagios ſaõ de ſeus futuros malles.

10

As Flores pellos campos eſparzidas,
A ſe murcharem logo ſe condenaõ,
As cafilas volateis encolhidas,
Com os bicos as pennas deſordenaõ;
As Ovelhas das ervas eſquecidas
Aos Ares balam, porque naõ ſerenaõ
Que Ares, Ovelhas, Ervas, Flores, Aves
Retratando lhe eſtam prodigios graves,

As

11

As terras,em que mais o feſtejavaõ
Com triſteza maior o deſpediaõ,
Porque todos os roſtos ſe infiavaõ,
Todos os olhos lagrimas vertiaõ:
Os coraçoens nos peitos ſe alteravaõ,
As lingoas ao falarlhe emmudeciaõ,
Que Lingoas,Coraçoens,Olhos,& Roſtos
Adevinhaõ ſeus fados,& deſgoſtos.

12

Sobreveo mao tempo aos bons ſoldados
Por campinas de lodos impedidas,
Que empreſas, q̃ ham de ter fins deſaſtrados,
Muito de atraz começaõ de ir perdidas:
Hiaõ de agoas,& ventos moleſtados,
Mal alojando em terras mal providas,
Que quando mal começa huma jornada,
Nunqua mais pòde ſer bem acabada.

13

Porém como na guerra jà acendidos
Poſtos a deſprezar commodidades,
Do bom Rey,& ſenhor favorecidos,
Sopportavaõ quais quer adverſidades:
Os que hiam de doenças affligidos
Ficavaõ nos preſidios das Cidades,
Sempre augmentando,& naõ diminuindo
O tremendo poder, que o vai ſeguindo.

Che-

14

Chegando pois o Principe infatal
Com Legioens ao todo vinte,& ſete,
Apoſſentou o inclyto arrayal
Junto às agoas do rio Guadalete:
Não eſtava mui longe o desleal
Juliaõ,& Tarif,Magued,& Amete
Rindoſe das vanglorias de Rodrigo,
E de todo o poder,que tràz conſigo;

15

A noute eſcura,& fria convidava
Com doce refrigerio aos cançados,
Todo o animal na cova repouſava,
E nos boſques os paſſaros pintados:
O ſoberano Rey à força dava
Breve quietaçaõ a ſeus cuidados,
Se quietaçaõ tal pòde entenderſe
A quem eſtà em riſco de perderſe.

16

Repouſa o Rey ſublime entre a verdura,
Sonhando com a guerra,& ſeus extremos,
Que ſempre em ſonhos ſe nos afigura
O que mais deſejamos,ou tememos:
Ver queria o ſuceſſo da futura,
Porque ſempre o futuro ver queremos,
Mas eſpertando logo,& vendo os Godos
Dormindo,deſte modo acorda a todos.

O ſono,

17

O ſono,irmaõ da morte,em toda a idade
He hum ladram da vida em todo o inſtante;
Da vida,por roubar della ametade,
Da morte,por lhe ſer mui ſemelhante:
Tem com a guerra eterna inimizade;
Quem nella muito dorme he ignorante,
Conta não tem,ſe bem ſe conſideraõ
As praças,que por ſono ſe perdèram.

18

Prohibe o Turco o vinho em ſua Corte,
E Reyno,& o tem por grande abono,
Que como o ſono he irmaõ da morte,
Irmam o vinho he de muito ſono:
Ambos deslustram as Naçoens do Norte,
Antecipão da vida o breve Outono,
Cauſão mil diſſençoens,& infermidades,
Fazem ſonhar mentiras,& verdades.

19

E os ſonhos illuſam do entendimento
Tal vez os bens,& os males profetizão,
Fazendo vacilar ao penſamento
Com couſas,que mil vezes o agonizaõ:
Dormindo abſorto em fabricas de vento,
Que ou regallaõ tal vez;ou martirizaõ
Por milagre;ou preſtigio claramente;
O futuro ou diſtante vem prezente,

Por

20

Por tanto Capitaens mui valerosos
Não durmais, porque como amanhecer,
Ou aveis de vencer impetuosos,
Ou vencidos sem honra eis de morrer:
Se vos ham de vencer formidolosos,
Melhor serà sem medo emfim vencer,
E defender com força a patria amada,
E não aver a Mouros sojugada.

21

Respondemllie Gotfredo, & seus irmãos,
Em seu nome, & de toda a esquadra fera:
Morrer senhor por vòs sam actos vaõs,
Se a morte o inimigo não supera:
Se assi como està em nossas maõs
O morrer, a vitoria o estivera,
Certa tinheis senhor esta vitoria,
Pois sò morrer por vòs he nossa gloria.

22

Jà vinha neste tempo o Sol pizando
Cos cavallos cançados o ouro fino
Do Oriente rubro, & matizando
A terra informe, o Ponto cristalino:
Diante vinha a Aurora borrifando
As flores co orvalho matutino,
Quando o barbaro Mouro se formava
Para dar a batalha horrenda, & brava.

Era

80

Era no dia placido,& jocundo,
Em o qual o Artifice divino
Da obra descançou do largo mundo,
E asi o consangrou por ser tam dino:
Em hum globo Esphérico,& rotun do
Rodrigo se formou com grande tino
Para contrafazer a formatura
Da meia Lua,em que Tarif segura.

81

Estando de parte a parte assi formados
No campo os dous exercitos terrenos,
Sinco Christaõs valentes,& esforçados
Foraõ desafiar sinco Agarenos:
Saem todos ao campo,& denodados
Dam golpes cruelissimos,& obscenos,
Saem os Mouros mortos,& feridos
Chegaõ ao Ceo da gente os alaridos.

82

Eraõ os sinco Beiroens,que o naõ ignoraõ
Os antigos Chronistas desta guerra,
Beiraõ foi Viriato,& Beiroens foraõ,
Quasi todos os doze de Inglaterra:
Se desanove Reys quinas arvoram,
Oito nacem na Beira,em que encerra
Todo o valor leal,dizendoo os eccos
Dos filhos Egas,Freitas,& Pachecos.

Eis

26

Eis que logo as horriſonas trombetas
Levantaõ aos ares ſeus clamores,
Incitando as gentes inquietas
A dar à perdiçaõ ſeus vaõs furores;
E da parte dos torpes Mahometas
Soaõ tambem trombetas,& atambores,
Frautas,& outros muitos inſtrumentos
De guerra,com que atroaõ o ar,& os ventos.

27

Cerraõ os dous exercitos potentes,
Hum com outro,fazendo grande eſtrago,
Appelidaõ Mafoma os deſcendentes
De Iſmael,& os noſſos Santiago:
Gritando muitos perros inſolentes
Da guerra vaõ aver o eſtygio lago,
E muitos dos Chriſtaõs vaõ ver agloria,
Deixando a ſuas vidas em memoria.

28

Joaõ Guterres das partes de Lamego,
Moço de pouca idade impaciente
De ver tanto furor no Mouro cego,
Entra ſó pello exercito inſolente;
E tomando o valor de Achiles Grego,
Sem o poder perder com tanta gente
Faz rua no exercito adverſario,
Querendo ſò fazello tributario.

29

Com todos briga, ſem que a nenhum tema,
A trinta poem por terra em breve eſpaço,
A Ibem corta os queixos, & a Zulema
Decépa co alfange o dextro braço;
Pella boca o Mouro a voz extrema
Lança, & juntamente o ſangue craſſo,
O braço inda na terra, enſangoentada,
Tem a eſpada na mão mal apertada.

30

Não teve tanto esforço, & tanto brio
O Romano Horacio Cocles, quando
Cos Tuſcos pelejou junto ao rio,
Que de hũa banda o eſtava bem guardando;
Joaõ ſó no hoſtil Mouro, & Gentio
Feitos de eterna fama vai obrando,
Muitos diante delle vaõ fugindo,
E com medo hũs ſobre outros vaõ cahindo.

31

Vendo Aliatam Mouro valente
O valor raro da Portugueſa eſpada,
C'huma lança a cavallo iradamente,
Antepondo a diante aos ſeus brada:
Para onde fugis coitada gente?
Que terras tendes mais gente coitada?
Naõ vedes, que do mar eſtais cercados,
Onde, ſe naõ venceis, ſereis lançados?

Hum

32

Hum homem, que naõ tem mais maõs, que vòs
Póde fazer covardes, tanto estrago,
Degeneraes de vossos pays, & avòs,
E do valor de Tinge, & de Cartago?
Pois que em tal estado assi vos pòs
Vossa fragilidade, aqui vos trago
Nesta lança as furias de Mafoma
Aas quaes o mundo todo hoje se doma.

33

Assi dizendo o forte, & bravo Mouro
Ao Christaõ intrepido acomete,
Assi como no corro o bravo Touro
Ao que mais o busca, mais remete:
Com elle a multidaõ de armas, & de ouro
Guarnecida, que jà no Guadalete
Se escondia com medo, volta, & cèrca
Ao que taõ barato à gloria mêrca.

34

Tocão trombeta, & todos juntos vaõ
A elle, que a nenhum as costas vira,
Antes como hum fortissimo Leão
Furibundo, & feroz ardendo em irá
Se arremessa à mais densa multidaõ,
E ao mesmo Aliatan a vida tira,
Porém passado, & com menos conforto
Armado em cima cae do Mouro morto.

35

E no meio de tantos jà entrega
A vida a quem de antes lha entregàra,
Ficou por teſtemunha a gente cega
Do muito, que ſeu braço pelejàra:
O ſangue fugitivo, & frio rega
O corpo aonde de antes ſe criàra,
Recumbe o bello roſto ſobre o peito,
Que para tal valor foi vaſo eſtreito.

36

Aſſi como o Narciſo, que cortado
No campo foi do agreſte lavrador
Co ferro tenaciſſimo do arado,
Murchaſe a purpurea, & fina flor:
Tal eſtà o mancebo ſubliniado
Morto ſobre o carnifico aggreſſor,
O geſto qual a morte lho deixàra
Perdida a viva cor co a vida chara.

37

Cerraõ ſegunda vez com força intenſa
Os exercitos ambos no combate,
Morre de infantaria couſa inmenſa
De cavallos o meſmo disbarate:
Qualquer dos meios mortos ſem offenſa
Pede a ſeu contrario, que o mate,
Por naõ ſofrer mais dores (triſte ſorte)
Que apeteça hum homem a propria morte.

38

Mas neſte tempo o Sol precipitando
Hia o coche âs prayas do Occidente,
Os ſylveſtres outeiros aſſombrando
Com a declinaçaõ da luz cadente:
Os exercitos ſe hiaõ tetirando
Cada hum a ſeu poſto cõ vehemente
Trabalho, do furor da quelle dia,
Co medo, & co temor da noute fria.

39

Meio caminho a noute tinha andado,
E a vida de algũs caminho inteiro
Por deſtino do Ceo do triſte fado,
Que ali lhe poz ſeu curſo derradeiro:
Gotfredo valeroſo, & esforçado
Arrojado, & valente cavalleiro,
Expoſto a padecer todo o perigo,
Deſta maneira fala à Dom Rodrigo.

40

Jà ſabes alto Rey (ſem voz fingida)
E ſe o naõ ſabes, ſabe, & conſidera,
Que aſſi como por ti dou huma vida;
Mil vidas, que tivera por ti dera;
De mim meſmo ſerei proprio homicida,
Se com iſſo teu Reyno ſe eſtendèra,
Quem vida, & tudo dà por ſeu ſenhor
Bom conſelho darà muito melhor.

41

O Mouro, como nos, està cançado
De pelejar comnosco em todo o dia,
Grande dano tem hoje exprimentado,
Maior serà, se vir maior porfia:
De noute he taõ medroso, & taõ coitado,
Que qualquer sombra o espirito lhe infia,
Dá licença senhor, que nesta noute
Eu cos meus lhe và dar hum grande açoute.

42

Respondelhe a isto elRey Rodrigo,
Como quem delle na alma se magoa,
Naõ temo filho meu ó meu perigo,
O que mais temo he vossa pessoa;
Mas tudo isto a guerra trás comsigo,
Sem perigo naõ pòde aver Coroa,
Ide com este a braço, & vosso alento,
O Rey do Ceo prospère vosso intento.

43

Estava na companhia hum velho annoso,
Que no real Conselho residia,
E vendo hum Espanhol taõ animoso,
Do peito estas palavras proferia:
Senhor dos altos Ceos sempre piedoso,
Governador da Hyspana Monarchia,
Assi como ao Gotifredo esforço dais,
Dai fim a tantas lagrimas, & ays.

 Sahindo

44

Sahindo pois o inclyto Gotfredo
Com outros ventureiros,que o seguiaõ
Com sometida voz muito em segredo
Investem os batalhoens,que naõ dormiaõ:
Com furibundo esforço,& nenhum medo
Com as armas fataes,que retiniaõ,
Nos escudos dos Mouros vão rompendo
Por elles,braços,& pernas desfazendo.

45

Nunqua naõ,nenhum rapido ribeiro,
Com força de tormenta fez mais danos,
Pellos campos, do que este cavaleiro
Fez nos sobresaltados Africanos:
Vai seguindo a victoria aventureiro,
Fazendo feitos altos,mais que humanos,
Em modo, que se elRey o socorrera
Na quella noute à guerra se vencera.

46

Chega Gotfredo forte ao Real
Do exercito feliz,donde assistiaõ
Tarif gladiador,& o desleal
Juliaõ,consultando o que fariaõ:
A ambos acomete,& por seu mal,
Porque ambos com valor se defendiaõ,
Com a guarda Real,que em seu favor
Sempre delles estava em derredor.

47

Era jà neste tempo descuberto
Pello arrayal todo o desatino
De Gotfredo, que tinha em muito aperto
A os seus Capitaens com susto indino:
Correndo todos vaõ no campo aberto,
E cercandoo co ferro adamantino,
Lhe fazem dar a vida, & à cabeça
Lhe arrancaõ dos hombros mui depreça.

48

Madrugava a solar Embaixadora
A borrifar de perolas os prados,
Que o vingador da bella Caçadora,
Em grilhoens de cristal lhe tinha atados:
Todo o Orbe universo se enamora
De seus frescos crepusculos dourados
Com hum lenço o Sol vem enxugando
As lagrimas que della estaõ manando.

49

Quando os Mouros no perfido arrayal
Achaõ mortos aos pés com grande afronta
Albucacin, Mami, & a Perimal,
E outros muitos de conto, mas sem conta;
Pasmaõ de ver o estrago universal,
Que em taõ breve Gotfredo lhe desconta
Levaõ gritando em cima de hũa lança
De Gotfredo a cabeça por vingança.

50

A vista vaõ do exercito de Espanha
Com aquelle espectaculo estupendo,
Alegrasse de o ver toda a companha
De Mafoma,os Christaõs estaõ gemendo:
Rodrigo enternecido,& triste banha
Com lagrimas seu rosto inculto,vendo
A pàlida cabeça de hum seu primo
Posta na quelle pao com sangue infimo.

51

E dizlhe assi,com voz pezada,& dura,
Que do coraçaõ intimo arrancava,
He aquelle Gotfredo por ventura,
Que a todo meu Reyno esforço dava:
Que no meio de tanta desventura
A mim,& ao meu Conselho animava,
Sem força,sem cabeça,& jà sem alma,
Morrendo grangeou da guerra a palma.

52

Vaite embora Gotfredo,estreito amigo,
De teu Rey,tua Patria,& tua Gente,
Que onde viver o nome de Rodrigo,
Vivirà o teu nome juntamente:
Esta consolaçaõ leva contigo,
Que morto has de viver eternamente,
Que tal morte dà vida: & assi dizendo,
Em choro se involveo c' hum grito horrendo.

Jà

53

Jà neste tempo as Barbaras trombetas
Davaõ sinal de longe enrrouquecido,
Incitando as gentes inquietas
Ao trabalho da guerra mal sofrido:
As esquadras se formaõ Mahometas
Com grande estrondo, grita, & alarido,
Cerraõ terceira vez indifferentes
Os grandes dous exercitos potentes.

54

Com tal furor, & ira os valerosos
Godos se arrojàraõ aos contrarios,
Que romperaõ em breve os numerosos,
Esquadroẽs dos Triarios, & Hastarios;
Os Mouros se defendem animosos,
E aos nossos offendem temerarios,
Levantase hũa aspera batalha
Marte assàs duvidoso se baralha.

55

Assi como em peleja, os Elementos
A vingarse hũs dos outros se resolvem,
Agoas contra Agoas, Ventos contra Ventos
O Mar, co Ceo, o Ceo, cõ Mar involvem
Com Trovoẽs, & Relampagos violentos,
As areas do fundo se revolvem,
As nuvẽs prenhes de agoa vaõ parindo
Diluvios sobre o Mar, que està bramindo.

Taes

56

Taes os fortes exercitos lutando
Hum com outro crueis ſe disbarataõ,
Mataõ os Chriſtaõs a muitos pelejando,
E os Mouros tambem os Chriſtaõs mataõ:
Em meia lua os Mouros vem cercando
Os Chriſtaõs,que afligidos ſe relataõ,
E as coſtas vaõ dando ao aſtuto
Inimigo,que os ſegue reſoluto.

57

E vendo o Rey Chriſtaõ ſeus companheiros,
Que naõ podiaõ jà ſuſtentar guerra,
Eſtas palavras diſſe; ó Cavaleiros,
Em quem o esforço belico ſe encerra,
Vòs,aquem eſcolhi nos derradeiros
Dias,em que parti da Hiſpana terra
Por ſocios na ſorte extrema,& dura,
Não me deixeis em tanta deſventura.

58

Mas antes cometei juntos comigo
Com valor ſummo eſta infauſta gente,
E daremos ſeveros o caſtigo
A perro taõ cruel,taõ inſolente:
Aſſi dizendo avança ao inimigo,
Elle,& junta com elle toda agente,
Que poſto,que primeiro deſmaiàraõ,
Com eſtas vaãs palavras animàraõ.

59

A tanta força, tanta força ocorre
Com furia, soaõ as concavas bucinas,
Brigasse incertamente, o sangue corre,
Em rios pellas liquidas campinas:
O Tenente geral da armada morre
Opprimido das armas peregrinas,
Outra gente sem conto, & sem medida,
De nenhum alli està segura a vida.

60

Hum Mouro, que Maumete se chamava
Revestido de pura argentaria,
Vendo a multidaõ, que elRey matava.
Para elle soberbo assi dizia:
Com o povo covarde, & gente ignava
Vem a ser toda a tua valentia
Se medires a espada com valentes,
Fracos viraõ a ser teus accidentes.

61

Ea, mede a espada a qui comigo,
Cessarà teu furor impaciente:
Responde mui sereno elRey Rodrigo,
Nem o sou, nem me prézo de valente;
E se o sou, ou naõ, nunqua contigo
Posso mostrar que o sou, porque es da gente
Mais bàrbara, & covarde, que a natura
Produzio na terrestre architectura.

O Mouro

62

O Mouro ouvindo isto, denodado
Ao Rey soberano se arremessa,
Mas elle tam feroz como esforçado
A espada pello peito lhe atravessa:
Cae morto o miseravel debruçado
No escudo, & acode com gram pressa,
Outro Mouro cruel de armas douradas,
Tirandolhe huma, & muitas estocadas.

63

Mas Rodrigo animoso sem demora
Se defende, & ao Barbaro acomete,
E c'hum golpe ao revés lhe bota fòra
A cabeça co aureo capacete:
A cabeça cortada ainda chora
Frias lagrimas, que o cerebro derrete
Com saudades da alma desunida,
Que do corpo fugio junto co a vida.

64

Vai cessando Tarif forte, & guerreiro
Com medo de perder a chara vida
O mesmo Capitaõ foi oprimeiro
Motivo da investida, & da fugida:
Sojeitos a perpetuo cativeiro
Ficaõ huns, & os outros tem perdida,
Co desejo de ter soberbo, & lóuco
A vida, que val muito, & dura pouco

Nunqua

65

Nunqua ſe vio a força do inimigo,
Nem de ſeus armamentos a grandeza,
Senaõ deſpois de poſto no perigo
Da guerra,& deſpois da rara empreza:
Alli o campo involto traz comſigo
Dos Perſeos,& Sabeos a riqueza
De tantos cobiçada,& de contino
Vomita o meſmo campo o ouro fino.

56

Volta Tarif atraz triſte,& corrido
Com faſtio da vida vergonhoſa,
Vendoſe de taõ poucos opprimido,
Elle com tanta gente numeroſa:
Cuidando ſer dos fados repellido,
Tem a guerra por muito duvidoſa,
Fortificaſe jà com pouco alento,
Tendo contra ſi certo o vencimento.

67

Mas jà o claro dia luminoſo
Hum pouco declinado caminhava
Para as prayas do Douro deleitoſo,
Cujas ondas cos rayos matizava:
E por cima do mar tempeſtuoſo
As nevoas purpureas deixava,
E o Ceo no Occidente todo louro,
A té molhar no mar ſeus rayos de ouro.

Pelayo

68

Pelayo do Real ſangue gerado,
E ſobrinho delRey, ditoſo, & pio,
Virtuoſo, gentil, forte, & esforçado,
Deſta maneira falla a elRey ſeu tio;
Gotfredo teu privado, foi privado
Da vida corporal em o deſafio,
Que a Abenzarca fez na noute ignara,
Vendendo ſua vida a ſſaz bem cara.

69

Neſta ſegunda noute os Mauritanos
Não eſperão de nòs nenhum combate,
Porque tem conhecido noſſos dannos,
E o ſeu, & o noſo disbarate:
Com eſtes conhecidos deſenganos
Não ſe eſpera ora là nenhum rebate,
Todos dormem cançados, & hoje todos
Deſcançaõ, & deſtemem os noſſos Godos.

70

A razaõ, & ocaſiaõ ſenhor convida
A ſe lhe dar ſegunda inveſtidura,
Para ella offereço minha vida,
Que quando por ti falte, entaõ mais dura:
Não dilates ſenhor eſta partida
Nem eſta execuçaõ, que te aſſegura
O Reyno, a peſſoa, & a Coroa,
E invencivel farà tua peſſoa.

A voz

71

A voz do Rey benigno ſe ſuſpende
Com tam pios affectos,& amoroſos,
Com lagrimas dos olhos ſò ſe rende
A caſos taes,a feitos taõ famoſos:
A Pelayo permitte o que pretende,
Dalhe ſoldados fortes,& animoſos,
Que poſſaõ degolar toda a canalha,
Que ſe lhe antepuzer com anta,ou malha.

72

Parte Pelayo invicto aventureiro
Com numero de gente bem armada,
Qualquer delles quizera ſer primeiro,
Que dera ao Mouro torpe a cavalgada;
Tarif tanto feliz como guerreiro
Pellas meſmas razoens tinha traçada
A meſma inveſtidura em Dom Rodrigo,
Que o que cuidamos,cuida o inimigo.

73

Expede Abderramem Mouro valente,
E feliz com ſeiscentos cavaleiros,
Em contra com Pelayo em o patente
Campo,& hũs,& outros ventureiros:
Inveſtem hũs com outros,ferve agente,
Perecem,morrem perdemſe os primeiros
Sô eſcapa o inclito Pelayo
Ferido,& Abderramem do meſmo enſayo.

O reſto

74

O reſto,que eſcapou da gente impura
Com o reſto da pura ſe baralha,
Travaõ nas ſombras vaãs da noute eſcura
Hũa tremenda,& horrida batalha:
Cerraõ todos,& todos de miſtura
Não conhecem,nem ſabem quem lhe valha,
Chriſtaõs mataõ Chriſtaõs,Mouros aMouros
Maldizem cada hũs de ſeus agouros.

75

Com agrita dos mortos,& feridos
Os exercitos ambos ſe eſtremecem,
Soaõ miſeros ays,& vaõs gemidos,
Com que as meſmas eſtrellas ſe enternecem:
Quaſi todos os fortes,& eſcolhidos
No temeroſo encontro alli perecem,
Tornaſe para os ſeus Abderramen
Mal ferido,& Pelayo aſſi tambem.

76

Duvidoſo, & ofuſcado jà apartava
A noute eſcura do vezinho dia,
E tam mal hum do outro ſe parava,
Que nem dia,nem noute parecia.
O exercito todo murmurava
De ver taõ maos ſucceſſos cada dia,
Culpa as reſoluçoẽs do bom governo,
De Pelayo o valor,& esforço interno.

77

Desgraça he do seculo invejoso,
Em que naõ pòde aver acçaõ obrada
Por hum soldado forte,& valeroso,
Sem do covarde ser vituperada:
Desenganese todo o poderoso,
Que muito quer luzir,sem fazer nada,
De que a verdade póde mais que o medo,
E que tudo se sabe,ou tarde,ou cedo.

78

He muito velha,& muito escandaliza,
Esta tacha de entaõ, frequente agora,
Tempo em que todo o nescio ajuiza
A guerra,que de popa a proa ignora:
Militares acçoés escrupuliza
A boca chea o que està defora
Se se meter de dentro,o mais pintado
Creo,que ficará mudo,& pasmado.

79

Pueril infante segue a companhia,
E á custa de seu sangue armas aprende,
Entre o rumor beligero se cria,
Invelhece na guerra,& naõ a entende:
Bisonho a caso a vio por força hum dia
Charlataõ, que por Cesar se nos vende,
Bravéa sem sahir fora da terra,
E sem nunca aprender,ensina a guerra.

80

Que me direis a hũs que a guerra eſtudaõ
Por livros, em que muito ſe recreaõ,
E ſem chegarem donde a vejaõ, cuidaõ,
Que daõ quinaos aos que melhor guerreaõ:
Os livros, muito a quem milita ajudaõ,
Mas a quem naõ milita muito enleaõ,
Ou calle o que delles ſe acompanha,
Ou estude nos livros da campanha.

81

Pois entendei vòs là co a gozaria
Da plebe, que mordás em tudo entende,
E o que mais do inimigo ſe deſvia,
Mais ladra a quem melhor delle o defende:
Não ha que diſcurſar tal barbaria,
Gozo que muito ladra pouco offende,
Quantos fizeraõ ſobre a guerra alardes
Sem averem, ou fracos, ou covardes.

82

Logo com graõ furor ſe deu batalha
Cruenta, cruel, triſte, & temeroſa
Pelejou com valor toda a canalha,
Mas ficou a victoria duvidoſa:
Dos oppoſtos qualquer muito trabalha
Por alcançar a palma glorioſa,
Mas naõ ſe lhe permitte em quanto Marte
Se naõ inclina a hũa, ou outra parte.

83

Pelejouſſe com intima incerteza
Até o oitavo dia em graõ perfia,
Até que o Mouro deu com tal braveza,
Que rompeo toda a Hyſpana Monarquia:
Não valeo naõ dos Godos a deſtreza,
A magnanimidade, & valentia
De Capitaẽs, de Meſtres, de Soldados,
Que tudo atropeláraõ ſeus peccados.

84

Ninguem deve invejar proſperidades,
Sabendo, que nenhũa he permanente,
Que ſempre as principais felicidades
Saõ flores, que emmurcheſſem brevemente:
Bem as pode chamar fragilidades,
Quem as perde, ou alcança de repente,
Que qualquer dos que o mundo mais celebra,
Qual vidro fino entre as maõs ſe quebra.

85

Fabricaſe hũa grande Monarquia
Com o ſangue de muitos valeroſos,
Em muitos annos, perdeſſe em hum dia:
Taõ pouco duraõ goſtos taõ cuſtoſos.
Pavem do mar, que o vento deſafia,
Eſcotas largas dobra os tromentoſos
Cabos, & quando o porto buſca atento,
Toca no baixo, acaba em hum momento.

Toda

86

Toda a cousa que faz grande violencia
Tarde,ou cedo ameaça graõ ruina,
Imperio que ergueo grande potencia,
De armas,ouro,ou valor cedo arruina:
Ensinao de Alexandro a experiencia,
Do Tamorlaõ o exemplo no lo ensina,
Que se Imperios em breve conquistàraõ,
Brevemente com elles acabàraõ.

87

Durou muito o Romano,& ainda dura,
Porque foi acquirido em muitos annos,
Mas naõ pode escapar à desventura,
Que se danos causou,padeceo danos:
Onde ha guerra,naõ ha cousa segura,
Exemplo sejaõ os miseros Hyspanos
Tão florentes no tempo antecedente,
Em toda a Espanha,& rotos no presente.

88

Quando rompe em campanha hũa batalha
De poder a poder, tambem ferida,
E regrada,que em tudo se trabalha
Pella victoria sempre appetecida:
E quando se confunde,& se baralha
Hũa parte,que emfim fica vencida,
Sem que esquadrão lhe fique, nem bandeira,
Esta he a Victoria verdadeira.

89

E quando hũa das partes deſtroçada
Se retira a eſtandartes arvorados,
Tocando caixas,ou fortificada
Com boſques,rios,montes,ou valados,
Sem de todo ficar disbaratada,
Suſtenta poſtos,& eſquadroens formados,
Donde a parte contraria a não rebota,
Eſta ſe chama propriamente Rota.

90

Vendo tudo o miſerrimo Rodrigo
A Coroa,& a honrra jà perdida,
E que lhe não faltava no perigo,
Mais que tambem perder a chara vida:
Inda aſſi naõ queria do inimigo
Retirarſe,ou abſterſe,que incendida
A mente na dor tinha,& vituperio
De n'hum dia perder tão alto Imperio.

91

Quiz perdido entregarſe à dura morte,
E acabar ſeu fado alli de todo;
Mas Pelayo taõ ſabio, como forte
Saluçando,lhe diſſe deſte modo:
Pàra na guerra,pàra,pois Mavorte
Contra ti ſe declara o alto Godo,
Retira,o que mais he,tua peſſoa,
Pois tens perdido o Reyno,& a Coroa.

92

Não ha na guerra acçaõ de mòr perigo
(A ti o digo meu ſenhor)que quando
Se retiraõ na face do inimigo
As ordens Militares perturbando:
Gente perìta,General antigo,
Uniforme valor,ſevero mando
Pede qualquer perfeita retirada,
Para ſer como deve executada.

93

Campea todo o exercito luſtroſo
Procurando ào contrario avantejarſe,
E aquelle fica logo deſairoſo,
Que ante tempo começa a retirarſe:
Afrontoſo naõ he,ſe he perigoſo
O retirar a fim de melhorarſe,
Que em dolo,retirar cauto,ou fingido,
Mais periga o que ſegue,que o ſeguido.

94

Não ſe ha de crer,que foge o retirado
Antes de roto, nem querer cortallo
No campo roto, ou paſſo aventajado,
Porque ſabe o que he ſciente franqueallo:
Aquelle retirar he mais honrado,
Que tocando aos de pé, & aos de cavallo
Marchando vai à viſta do inimigo,
Ou com perigo ſeja, ou ſem perigo.

95

Faz muito, quem de empresa desgraçada
Retira a honrra, sem perder a vida,
Que do Tropico o Sol faz retirada,
Por ser delle impossivel a sahida:
O mar se sabe retirar da entrada,
Que fas nos rios em maré crecida,
E o Leão se retira dos perigos,
Quando vé que o não vem seus inimigos,

96

Do Solsticio vernal antecipado
Se retira o Veraõ, & os passarinhos
Se tornão despois delle retirado
A recompor os descompostos ninhos:
Do baixo se retira o nauta ousado,
Torcendo canto os liquidos caminhos,
Retiramse nos mares, & nos rios
Os peixes, quãdo aos quẽtes, quãdo aos frios.

97

Poucas vezes costuma retirarse
De empenhos grandes, gente Portugueza,
Porque antes quer morrer, que duvidarse
De seu valor a minima fraqueza:
Donde com honrra o mal pòde evitarse,
Investillo com impeto he bruteza,
He sua condiçaõ de rayo ardente,
Que investe o mais difficil, mais vehemente.

A Marce-

98

A Marcello, que intrepido investia
Annibal orgulhoso desprezava,
Mais respeitando à Fabio que o seguia
Cauteloso, & sagàs se retirava:
Não se julga senhor por covardia
O cauto retirar da furia brava
Do inimigo, que excede em violencia,
Antes he rara, & pura providencia.

99

Ajustouse o Rey alto, & miserando
Aas razoẽs do prudente, & fido amigo,
E foise pouco, & pouco retirando
Da vista do atrocissimo inimigo:
Tocando caixas, & esquadroẽs formando
Pouco, & pouco sahindo do perigo,
Atè que ultimamente se intromete
Nas ondas do sagrado Guadalete.

100

Dalli com mais presteza vai fugindo,
Porque a mente incendida lhe dictava,
Que o soberbo Mouro o vai seguindo
A parte para donde caminhava:
Com esta mà sospeita proseguindo
O caminho atè a onde Doris lava
As prayas da alta ilha Guaditana,
Onde bem se segura, & bem se engana.

101

Tarif co gosto vaõ da rica preza,
No campo se entretem com grande gloria,
Gozando do mór bem, da mòr riqueza,
Que jà mais se gozou nunqa em victoria:
Soa pell a Hyspana redondeza
Da batalha campal a triste historia,
Começaõ de sentir o mal presente,
E o futuro tambem, que jà se sente.

102

Não pàra o forte Mouro na vingança,
Que conseguido tem tanto a seu gosto,
Mas logo sem detença, & sem tardança
Prosegue de hum a outro presuposto:
No campo a Juliaõ, que naõ descança
Deixa em seu lugar posto em seu posto,
A Gadez parte fero, & cobiçoso
De matar a hum Rey triste, & medroso.

103

Leva consigo trinta mil soldados,
Que com a presumpçaõ do vencimento
Podem escalar muros bem armados,
Que o vencer causa sempre grande alento:
O arrayal se estende pellos prados,
Em centurias, & turmas cento, & cento,
Não vão jà muito longe da fermosa
Ilha de Gadez fresca, & deleitosa.

LIVRO

LIVRO SEXTO.

ARGUMENTO.

ORa Venus a Iupiter pella vida delRey D. Rodrigo, e Iupiter lha concede; levalhe Mercurio a viso, q̃ se absente. Absentase da Ilha de Cadis pello mar cõ muitos companheiros. Chega Tarif furioso ẽ seu seguimento, & naõ o achando freme cõ ira, & raiva. Matalhe hũa tormenta 500. Mouros. Lamẽta a Raynha cõ lagrimas, e furores a perda delRey seu marido. Chega Rodrigo a hũ porto de Genova, entra pella fós do rio Arno; ouve em hũ barco irse cantando tristemente a perdiçaõ de Espanha. Tomaõ terra, segue Mẽdo a Sirene, foge ella, cõvertese em Ave, e Mendo em Arvore, & despeis ẽ Veado, & seu cõpanheiro em Fera. Fogem os mais para o pêgo. Pelejaõ cõ hũ mõstro Marino, & o mar negro se faz vermelho. Manda elRey lançar a Crespino feiticeiro no mar, passea fantastico sobre as õdas, faz varias, e medonhas illusoẽs a Rodrigo, & cõpanheiros. Tira da forca a seu filho Alfeno Blasfema mẽtirosas, & injustas queixas contra Rodrigo.

1

NO alto Olympo a alta, & soberana
Princesa da Venerea Monarchia
Vendo em tanto aperto a terra Hyspana,
Para Jupiter bravo assi dizia:
Porque queres senhor que a furia insana
De Tarif chegue a tanta hydropezia,
Que naõ só esteja as terras possuhindo,
Mas và seguindo a hũ Rey, que vai fugindo.

2

Bem ſei, que no conſelho que tomaſte
Cos Deoſes eſtando eu ahi contigo
De Deſtruir a Eſpanha decretaſte,
Mas a peſſoa naõ de Dom Rodrigo:
Com palavras fingidas mitigaſte
A dor, que de contino anda comigo,
Com dizer tornaria a lingoa Hiſpana,
E a terra aos meſmos donde mana.

3

Mas jà conheço bem, que naõ ſòmente
As terras dado tens ao Mouro indino,
Mas permittes, que o barbaro inſolente
Disbarate c'hum Reyno, hum Rey benino:
Sei eu que a cauſa ſou do mal preſente,
Em amar tanto ao povo Iberino,
Que ſe eu taõ veraxmente o naõ amàra,
Teu furor contra elle ſe acabàra.

4

E pois que a cauſa ſou de tanta guerra,
Quero quererlhe mal de hoje em diante,
Para ver ſe com iſſo ſe deſterra
Teu odio pertinàs, & penetrante:
Se ao Mouro naõ baſta toda a terra
Hyſpana, & paſſar quer inda arrogante
A cortar a cabeça a Dom Rodrigo,
Dalhe ſobre hum caſtigo, outro caſtigo.

Jupiter

5

Jupiter lhe responde filha minha
Bẽ sabes quanto Espanha a mim me aggrava,
E que neste castigo me detinha
Para ver se Rodrigo se emendava:
Tanto tempo esperei quanto convinha,
Que elle se emendasse, elle naõ dava
Por meus santos rectissimos mandados,
Antes perseverava em seus peccados.

6

He justo que o castigo merecido
Se comece de obrar, grave castigo,
Mas se o queres antes ver perdido,
Que morto seja embora elRey Rodrigo:
Assi dizendo, manda o permittido
Aviso, porque escape do perigo
O miseravel Rey na noute fria
Co pezo do trabalho emfim dormia.

7

Quando o Nuncio em sonhos lhe apparece,
Dizendo, fuge Rey do povo Hyspano
Dos males, que Tarif malvado tece
Por te chegar ao fim, & extremo dano:
O fresco vento, & o Ceo te favorece
Placido tens o humido Oceano,
Fuge, como te digo, Hyspano amigo,
Antes que vejas o ultimo castigo.

8

ElRey ouyindo a voz trifte,& medonha
Parado hum pouco efteve co cuidado,
E não ouvindo mais,cuida que fonha,
Dorme outra vez quieto,& foffegado:
Torna o mefmo,& diz naõ tens vergonha
De eftares nefte porto,que abrafado
Serà pello foberbo Caõ,depreffa
Antes que o Sol no mundo refplandeça.

9

Mandado fou a ti do Olympo claro
Com efta nova acerrima,& preclara
A te dizer,que fujas jà do avaro
Tarif,que cruel morte te prepara:
Levantate,& iràs confufo,& ignaro,
Em as concavas naos pella agoa amara
Atè Deos te moftrar por derradeiro
O caminho que he certo,& verdadeiro.

10

O mefmo fou,que de antes vim a verte,
E te trouxe o avifo de emendarte,
Pois naõ quizefte então fe naõ perderte,
Trata agora fe podes,de efcaparte:
O Reyno,que perdefte he vão,& inerte,
Bufca a quem maior Reyno pôde darte,
Que he Reyno fẽpre firme,& naõ te efqueças
De partir logo antes que pereças.

Sere-

11

Sereno o tempo tens,& o falſo argento
Te levarà nas naos placido,& brando:
Ea,fuge crúel;que o leve vento,
Eſtà nas vellas do Carbaſſo aſſoprando:
Veràs ſe eſperas tumido hum momento,
Mil eſquadras,que os muros vem cercando,
E naõ ſeràs na morte o derradeiro:
Até aqui diſſe o fido menſageiro.

12

E logo com hum voo levantado
Foi fendendo ás nevoas eſcuras,
Entre as nocturnas ſombras miſturado
Até mais ſe naõ ver que nevoas puras:
O Princepe ficou mudo,& paſmado
Mal dizendo de tantas deſventuras,
Quantas lhe vai moſtrando a dura ſorte,
Mas contudo propoem fugir da morte.

13

Da cama ſalta,& chama iradamente
Por mandado de Deos aos companheiros,
Tocaõ trombeta, acorda,& ferve agente,
A as naos caminha elRey entre os primeiros:
A todos he commum deſejo ardente
De navegar a Reynos eſtrangeiros,
Ou com conforto triſte,ou ſem conforto,
Com lagrimas ſe abſtem do doce porto.

Jà

14

Jà a rosada Aurora semeava
Os campos de boninas,& de flores;
Que de gramineo aljofar borrifava
Pintando pellas terras varias cores;
Quando Tarif fortissimo chegava
Com a soma atraz dita de invasores,
Aa vista da Cidade onde entendia,
Que a cabeça de Espanha arrancaria.

15

Marchando pellos campos vão qualhados
De escudos,armas, peitos reluzentes,
Os veloçes cavalos jaezados,
Os freos vão mordendo entre os dentes:
Gritaõ,entrão os asperos soldados
Pellas portas urbanicas patentes
Com celeuma tamanha,& tal ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

16

Mas na alegre Cidade como entrârão,
E vazias as casas virão, logo
Da victoria alcançada desgostârão,
Vendo salvarse elRey sem ferro,ou fogo:
Tambem por outra causa a naõ logrârão
Muitos dias,que emfim o Marcio jogo
He como tudo o mais cà no universo,
Ditoso hum dia he,& o outro adverso.

Dete-

17

Detevesse Abenzarca na Cidade,
Por ver se do trabalho descançava,
Entre as flores, & fresca amenidade,
De que a nobre ilha se esmaltava:
Eis que desce hũa horrenda tempestade
Com trovão coruscante, que assombraya
O mundo, & lhe matou quinhentos Mouros,
Sem lhe valerem seus tristes agouros.

18

Rodrigo indo jà no mâr undoso
Livre da crueldade Mauritana,
Vio de longe o rumor tempestuoso
Que descia na Ilha Guaditana:
Mil graças deu a Deos todo poderoso
De o livrar da tormenta deshumana,
Do tempo, & de Tarif, duas tormentas
Crueis ambas, & ambas mui violentas.

19

Discorrendo, & vagando a fama asinha
Da perdida delRey foi tanto andando,
Até chegar à misera Raynha,
Que tremendo a estava jà aguardando:
O toucado, & adorno, que em si tinha
Resgando, & os cabellos arrancando,
Prostrada no estrado em que jazia,
Estas palavras tristes proferia:

20

Unica vida minha, emfim pudeste
Deixarme neste misero aposento;
Ah cruel, que deixandome só, déste
As palavras, & vellas vaãs ao vento;
Sem mim, de mim te foste, & acolheste
Deixandome de meu só meu tormento;
Que cedo acabarà miseramente
Com a vida mesquinha, & descontente.

21

Sem mim, de mim te foste, & com perjura
Palavra te absentaste enganoso
A fazeres acerba sepultura
No regaço cruel do mar undoso:
Deos, que lá da Celeste Architectura
Isto vedes, mandai com braço iroso
Hum rayo, qne os nós da alma me corte,
Que para tristes he alivio a morte.

22

Que razaõ a mor meu foi poderosa
Para assi commetteres tal caminho,
Com presteza, & deixares tua esposa
N'hum cativeiro misero, & misquinho?
Faze tua vontade astuta, & gosa;
Esses enganos vaõs, & o mar vesinho:
Que te juro, que antes que te apartes
Te naõ ham de faltar Palas, nem Martes.

Não

23

Não ha armas no Hesperо Occidente?
Não hà (como avia) povo Hyspano,
Não hà naos, que com curso diligente
Sobvertaõ este Eneas no Oceano:
Onde estou ou que digo nesciamente?
Que doudice, me muda o peito insano?
Desditosa mulher sem ter ventura
Chora tua perpetua desventura.

24

Isto dito, as lagrimas a pares
Lhe lavavão a face veneranda,
A piedosa voz penetra os ares,
E em ecco convertida o ar abranda:
Quiz pór de todo o fim a seus pezares
Com acabar a vida miseranda,
Mas vendo as criadas seus furores,
Com lagrimas lhe abrandaõ tantas dores.

25

Passados já alguns dias, que passados
Eraõ tantos trabalhos lacrimosos
Cortava elRey Rodrigo, & seus soldados
Do Ligustico mar os vaos undosos:
Foraõ com vento prospero chegados
Nas naos aos campos verdes, & abundosos
Do rio Arno, rio sempre acerbo
Rey das agoas Hesperidas soberbo.

26

Eſte famoſo rio he derivado
Do ſacro monte Alverne (onde o mais pobre
Recebeo de Jeſu Crucificado
As Chagas, com às quais ficou taõ nobre)
Fertiliza de Genova o Eſtado,
Rega a Florença, a Piza, & emfim deſcobre
A Leorne, indo jà perto do Porto
A donde ſe ſepulta, & fica morto,

27

Corria o rio Arno tão ſereno,
Que parece, que as agoas naõ corriaõ,
As flores do mais proximo terreno
Co vento brandamente ſe movião;
Os ramos verdes do arvoredo ameno
No criſtal da agoa creſpa ſe eſculpião,
Entre as ondas, que correm deleitoſas
Com paſſo tardo às prayas arenoſas.

28

Por baixo deſta liquida corrente
Preſuroſo nadava o peixe mudo,
Nas arvores cantava docemente
O paſſarinho garrullo, & agudo:
Tudo no rio eſtava mui contente,
O meſmo rio o eſtava, mais que tudo,
Por ver o tempo brando, & ver que era
O Otono, ſegunda Primavera.

Leves

29

Leves embarcaçoens de pescadores
Sahião ao pelago espumante,
Algũs cantando vão de seus amores
Ao doce som do rio sussurrante:
Patricio entre todos os cantores
Tocando a sua Cythara sonante,
Com que as agoas, & os ventos enfreava,
Estes funestos versos modulava.

30

Concavos vales, verdes arvoredos,
Nayades da agoa doce sempre ufanas,
E vós saltantes Satyros, que ledos
Seguis as Hamadriadas montanas:
Que novo ardor? que causa? ou que segredos
Occultos de materias sobre humanas,
Causaõ em vòs tanta festa, & tanto riso,
Que emulais em a terra ao Paraiso?

31

Naõ he tempo de haver tanta alegria,
Mais o he de sentir tanta desgraça,
Pois dimitio o filho de Maria
Os povos Espanhoes de sua graça:
Pereceo toda a Hyspana Monarquia,
Por peccados tambem nos ameaça
A mesma perda, pois peccamos tanto,
Convertase o canto em triste pranto.

32

Aſſi cantando os barcos, que remavão
Por hũa, & outra parte navegando
Da deſditoſa armada ſe admiravaõ,
As triſtes naos em giro rodeando:
Mil lagrimas os Heſperos lançavaõ
A mente a chara patria revocando
Com a paſſada perda, que preſente
Lhe recitava o muſico excellente.

33

Que terras póde haver, dizem chorando,
Neſte terreſtre globo do univerſo
Onde noſſo trabalho miſerando,
Eſcrito não eſteja em proſa, ou verſo?
Aſſi dizendo, as popas inclinando
Se hiaõ para o caes do porto adverſo,
Tomaõ vellas; a anchora pezada
Da proa deſce, amaina toda a armada.

34

Mas neſte tempo a triſte noute eſcura
As azas caligineas eſtendia
Sobre toda a humana creatura,
Que pellas largas terras ſe eſparzia;
Não ſoa o vento, o rio naõ murmura,
Tudo em puro ſilencio adormecia,
Os canſados, & laſſos navegantes
Dormiaõ, ſe bem ſempre vigilantes.

Porém

35

Porém como o fulgor da fresca Aurora
O dilatado mundo alumiou,
Começàraõ algũs de sahir fôra
Junto ao fresco rio, que acordou
Notando os jardins váo da branca Flora,
Que de flores os campos semeou
Mais cheirosas,& frescas,que as de Pindo,
Eis que a hũa mulher vem ir fugindo.

26

Divina parecia á vista humana,
Não tendo ella nada de divina,
Era hũa virgem louca,que Diana
Tinha alli n'hũa fonte cristalina:
Mendo louco de amor com furia insana
Seguindo vai a Ninfa peregrina,
Dizendo em alta voz,ô Ninfa bella
Do Ar reputação,da Terra Estrella.

37

Por mais,& mais que corras,mais depressa
Tràs ti corre meu leve pensamento,
Jà te tem alcançada,& te tem presa,
Hum preso ter não pòde movimento:
Não te embrenhes cruel na mata espessa,
Nem regras de correr vàs dando ao vento,
Que por mais que lhas des,& elle te leve,
A minhas maõs viràs em tempo breve.

38

Que Tigre,Basilisco,ou que Dragão,
Que Lobo,ou Caõ varoz te vai seguindo,
De hum brando,& derretido coração,
Que de si,ati foge, vàs fugindo?
Matas a quem por ti se mata,& saõ
Duas mortes n'hum corpo,que bramindo,
Està por quem o mata em tanta dor,
He contra si,por ser co matador.

39

Isto disse o mancebo, & naõ deixava
De seguir a quem de antes jà seguia;
A Ninfa vaã c'hum choro,que arrancava
Do peito,estes prodigios lhe dizia:
O insolencia grande,ó furia brava
O soberba,que o peito insano cria,
Que até na humilde gente feminina
Queres provar a força adamantina.

40

Casta Sirene sou,que de Diana
Sigue o passo,& o casto pensamento,
Se isto ouves tyrano,que te engana
A creres corromper meu sacro intento?
Transformado seràs da forma humana,
Em castigo de tanto atrevimento,
Tu,& os mais companheiros,que te seguem,
Pois como tu lascivos me perseguem.

Assi

41

Aſſi o peço à inclyta Erecina,
Que monſtros pellos mares ſe levantem
Contra vòs,& com furia ſerpentina
Voſſas audacias aſperas quebrantem:
Transformeſevos Thetis criſtalina,
Em ſangue rubro, em modo, que ſe eſpantem
Voſſas naos,& do mundo abominados
Sejaes em feras,& arvores tornados.

42

Eſtas palavras tais hia dizendo
A Ninfa, que fugia atribulada:
Quando ſe preſentio ir desfazendo
Em vento ſuſſurrante, em ſonho,em nada:
De vento ſe foi logo convertendo,
Em hũa ave de cores variada,
Taõ bella,& taõ fermoſa,que ſe abria
As azas,todo o ar reſplandecia.

43

Continuadamente a Ninfa pura
Deſpois,que foi em ave convertida
Chorando anda na praya,& na eſpeſſura,
Onde de antes mudou a chara vida:
A voz jà naõ ſe entende,mas murmura,
Entre às folhas da mata abaſtecida,
Chora mais em a noute mais ſerena,
Aſſi como a queixoſa Philomena,

44

O trepido mancebo injusto,quando,
Em ave vio tornar a Ninfa cega,
Queixumes vaõs ao Ceo sereno dando,
Com medo a voz às fauces se lhe apega:
Em raizes os pês se vaõ tornando,
Fica arvore,& o sangue frio rega
A casca volto em sumo,os ramos bellos
Saõ braços,& as folhas saõ cabellos.

45

Os outros dous mancebos,que correndo
Traz ella vaõ nas candidas areas
O prodigio dos altos fados vendo,
Hum gelido tremor lhe corre as veas:
Temem,& indo afflito dos tremendo
Veneravaõ as Ninfas semideas,
Pedindo remissaõ dos cassos duros,
Que a informe Ninfa alli contou futuros.

46

Tornaõse para a frota desditosa
Jacente na maritima enseada,
Contaõ toda a historia lastimosa,
Que pouco havia entre elles foi passada:
Então sabida a causa temerosa
Bota elRey para o pègo toda a armada;
Espuma o vasto mar co as naos rompentes,
E impeto das proas estridentes.

Não

47

Não eraõ, não passados sinco dias,
Que se foraõ dalli tristes cortando
O negro mar, fazendo varias vias,
As vellas com temor ao vento dando:
Quando da celsa gavea as vigias
Os olhos pellas agoas alongando
Vem levantar do mar hum monstro imforme
De corpo, & estatura assas disforme.

48

Ethiope na cor, na face horrendo,
No corpo, & nas maõs todo piloso,
Aa vista negro, horrido, estupendo,
Tão medonho, & voràs como espantoso:
Os bracos, & o soberbo còlo erguendo
C' hum tridente na mão comprido, & grosso,
Como, que confundir as naos queria,
Para todos raivando assi dizia.

49

O gente tão perdida, como insana,
Que desterrada jâ do patrio assento
Por lasciva, a hũa filha de Diana
Quizeste combater com bruto intento:
Que confiança he essa, que te engana?
Em que fundas teu louco atrevimento?
A Sirene seguindo em amor bruto,
Que em ave se desfez por correr muto.

Não

50

Náo ſerà aſſi, mas logo confundidos
(Iſto dizendo, acena co tridente)
E com força magnanima punidos
Sereis deſte Dagrão maripotente:
Os triſtes miſeraveis combatidos
Daquelle monſtro fero, & inſolente,
Que promeſſas fariáo, & que votos,
Em mares táo horrificos ignotos.

51

Como viráo, que a via Neptunina,
E a vida eſtender ſe lhes vedavá,
Vendo diante ſi a morte indina,
Tiràraõ da fraqueza furia brava:
Eis que da proa a ferrea bucina
Com força hum dos Tibicines tocava,
As naos, que pellos mares ſe eſparzìráo,
Em breve logo alli ſe conduzìraõ.

52

No meio o cercàraõ todos juntos,
Opprimindoo com varias garrochadas,
Tomava varias formas, & traſumptos,
Dava, & reparava mil lançadas:
A muitos fez tambem ficar defuntos
Involutos nas agoas prateadas
Os ſoldados jà certa a morte vendo
Hiáo deſanimando, & enfraquecendo.

Mas

53

Mas Alberto valente,em breve eſpaço
Se expòs ou aperdello,ou a perderſe:
Elle vendo faltarlhe a força,& braço
Tratava entre os limos de eſconderſe;
Carrega nelle elRey co fulgente aço
A offendello hora,& defenderſe,
Atè que de hũa vez com toda a preſſa
Lhe tira hum golpe,& cortalhe a cabeça.

54

De feſta toda a armada fàz extremos
Continuaſe o nautico aparelho,
Recuperaſſe a frota,aptaõſe remos
Para a longa viagem ſem conſelho:
Paſmaõ de ver no mar tais Polifemos,
E o mar cenleo volto em mar vermelho
Co ſangue,que do perfido manando
Se foi co as vaſtas ondas miſturando.

25

Bem podes novo Eritreo conſolarte
Co nome,que aos vagos mares dèſte,
Que ſempre durarà em quanto Marte
Morar na caſa Olympica celeſte:
Chamaſe mar vermelho em toda a parte,
Que goza o ar do Leſte,& Noroeſte,
E ainda tem ſemelhança as ondas feas
Do Rubro mar das agoas Eritreas.

As

56

As insensiveis naos vendo o mar claro
Todo em rubro sangue convertido,
Fugìraõ para trâs c'hum choro amaro,
E mostràraõ sentir sem ter sentido:
Hum mancebo Simaõ jà quasi ignaro,
De que a Sirene atràs tinha offendido,
Vendo tantos prodigos do alto fado,
Em fera Sylvestrina foi tornado.

57

Cumpriraõse as profanas profecias
Da casta (mas malevola) Donzella,
Que a razaõ, em que seja entre Gentias
Faz milagres a quem se estriba nella;
Mas neste tempo elRey mil graças pias
A Deos dà de o livrar de tal procella,
Prosegue a viagem por diante,
Sem saber onde vai vago, & errante.

58

Neste tempo aõ perfido Crespino
Manda lançar nas agoas salebrosas,
Por ser da companhia sua indino
Com suas vaãs fantasmas temerosas:
Crespino feiticeiro arguto, & fino,
Que com força das ervas poderosas
Assi, & as naos, & a tudo quanto via
Transformava naquillo que queria.

No

59

No tempo que o Imperio excelſo,& rico
Dos Godos em as armas florecia,
E elRey o Occidente em giro oblico
Com braço potentiſſimo regia:
Jà Criſpino entaõ mancebo inico
Natural de Valença, ſe entendia,
Que tratava cos monſtros infernaes,
Por fama,& por clariſſimos ſinaes.

60

Lançado pois nas ondas,que ferviào,
A as ondas mais ſobidas ſe ſobia,
E quanto as mais ligeiras naos corriào,
Tanto por cima dagoa elle corria:
Se com lanças das naos o opprimiào,
No golfo incontinente ſe eſcondia,
Penſativos aſtavão todos quando
As naos em torres vãs fez ir mudando.

61

E indo ao meſmo tempo eſcurecendo
O globo,& os coraçoẽs dos miſeraveis
Deu de longe o mar hum ronco horrendo,
Com que todos ficàrão trepidaveis:
Foramſe pello mar largo acendendo
Lumes,& legioẽs inexplicaveis
De demonios,ſegundo parecia,
E em fogos infernaes o pégo ardia.

Com

62

Com Coriſcos, & Rayos atiravão
As naos voltas em torres de improviſo
Feros trovoẽs,& rayos ſcintilavão,
Com que todos perdião o juizo:
De cada vez parece que abraſavaõ
As naos ſem lhe fazerem prejuizo,
De maneira,que em tanta penna,& dor,
Era menor o dano,que o temor.

63

Por muito tempo incertos pelejàrão
Sem fazer na peleja nenhum dano,
Rayos da parte Eſtigia ſe atiràrão,
Coriſcos fabricados por Vulcano:
De longe os polos concavos foàrão,
Retumbando no tremulo Oceano,
Das armas o rumor que não feria,
Sobre as naos,& cabeças retinia.

64

Em guerra tão tremenda,& tão profana,
Eſtavão todos tremendo penſativos,
Que muitas vezes teme a gente humana
Couſas vaãs,quanto mais demonios vivos.
Mas a potencia excelſa,& ſoberana,
Que ſempre com favores exceſſivos,
Com que premea aos bós, aos maos poẽ freio
Uzou para com todos deſte meio.

Man-

65

Mandou do Firmamento ethereo logo
Hum mancebo veſtido de ira,& ſanha,
O qual vibrando hum jaculo de fogo
Perturbou a Plutanica companha:
Desfezſe n'hum momento o Marcio jogo,
Desfezſe n'hum momento a guerra eſtranha,
Os quaes como fazer mal naõ puderaõ,
Todos em nuvens negras ſe fizeraõ.

66

Iſto feito, o mancebo ſe tornou
Para a caſa,& cognito apoſento,
Donde avia mui pouco que baixou
Mais veloz,que hũa ſetta,ou leve vento:
Todos chamando aquelle,que o mandou,
E dandolhe louvores cento,& cento
Lhe pedirão os não deſemparaſſe,
E que a porto ſeguro os guiaſſe.

67

Quantas vezes os rudos marinheiros
Forão em mudos peixes convertidos,
Quando das naos decião ventureiros
A deſpegar os remoras temidos:
Quantas vezes aquelles,que primeiros
Erão aos maſtos ingremes ſubidos
A concertar as vellas, que eſtendéraõ.
Em paſſaros no ar ſe converteraõ.

68

Eſtas,& outras couſas variamente
Ordenava o venefico Creſpino,
Prezandoſe de Mago claramente,
Uzando da triſte arte de contino;
Tambem ſe ſoube alli de algũa gente,
Que Alfeno filho ſeu ainda menino
Tinha trato com bruxos,& infernais,
Que os filhos de ordenario ſeguem os pais.

69

Jà cos rayos do Sol enrruivecia
O ceruleo criſtal do mar ſalgado,
E a ſerena Aurora reſurgia,
Em coches de jaſmins no Ceo ſagrado:
A partaſe da amara fantaſia
O nocturno temor atraz paſſado,
O negro mar ſe volve em grão bonança,
E a gente ſe alenta em eſperança.

70

Andava inda Creſpino pellos mares,
Paſſeando com grande deſafogo,
Dando a elRey,&aos ſeus muitos pezares,
Lançando pellos olhos ira,& fogo:
Movido elRey dos ditos populares,
E Magica do filho Alfeno, logo,
Manda mover contra elle com rigores
Para caſtigo ſeu de ſeu pay dores.

71

Escrevese o justissimo decreto
Do Rey,& do conselho sublimado,
Que Alfeno por venefico inquieto
Seja na forca excelsa pendurado:
Lese o decreto em publico,& secreto,
E porque logo fosse executado
Manda pòr aos perversos marinheiros
Na popa capitaina tres madeiros.

72

Armãose os paos em angulo quadrante,
A maneira da forca atravessados,
Os cordeis ensevados de barbante,
Estão de hũa alta trave pendurados:
Prompta a escada,& pompto o arrogante
Algoz,que entre os miseros soldados
Por culpas lhe foi dado aquelle encargo,
Assi mesmo o dioso, à gente amargo.

73

Sae o pregaõ horrendo com gemido
De algũs a feiçoados,que pasmavaõ
De ver a Alfeno na alva revestido
Com as cordas de esparto,que o liavão
As maõs atràs,o rosto humedecido
Das lagrimas amaras que regavaõ,
A macilenta cor do rosto undante
Palido com a Morte properante.

74

Mal vivo,& com deſmayos aſcendia
Pella eſcada da forca,& jà chegava
A mèta onde o miniſtro lhe metia
A cabeça nas cordas,que apertava:
Sobre elle impiamente ſe ſobia,
E ſufocando o ar, que o animava,
Com que co corpo o eſpirito ſe unìra
Os corporeos nòs de ſata, & tira.

75

Tres quartos eſteve o eſpirito lutando
Com a gélida morte impaciente,
Eſtava o pendente corpo vomitando
Da boca ſangue tepido,& fervente:
Singultos a garganta dava,quando
Creſpino,que era o pay do padecente
Olhando para o filho pendurado
Do mar eſtas palavras diſſe irado.

76

Como filho unigenito ſubiſte
Ao lugar,que a mim ſó me convinha,
Como de mim taõ cedo te partiſte,
E me deixaſte em vida taõ meſquinha:
Onde ſempre ſerei moleſto,& triſte,
Sem ti, conſolaçaõ da vida minha,
Que pudeſte deixarme em taes perigos
Entre ondas,& peixes,& inimigos.

Rodri-

77

Rodrigo, que taõ feras injuſtiças
Fazes n'hum filho meu com peito inſano,
E entre teus vaſſallos tanto atiças
A morte de hum pequeno corpo humano:
Se em tanta quantidade jà cobiças
O extremo trabalho, extremo dano,
Matame, & fartarâs injuſtiçoſo
A ſede de teu peito venenoſo.

78

Matame vil tirano, aſſi to peço,
Porque ſó, ſem meu filho, tenho em nada
A vida, que obteſto, & aborreço,
Sem a ſua preſença ſempre amada:
A morte, que lhe déſte, eu a mereço,
E naõ devera ſer executada
Nelle, mas ou em mim, ou em ti, que mandas
Caſtigo dar por provas taõ nefandas.

79

A iſto vim por terras, & por mares?
Nem baſta, que a mim meſmo me deſnegue,
Deixando a terra amada, & patrios lares,
Por ſeguir a quem tanto me perſegue:
Tu pay, que dos Olimpicos lugares,
Cujo poder naõ ha quem minta, ou negue,
Se iſto ſeguro ves da Etherea Corte,
Ou me ajuda a vingar, ou dame a morte.

80

Eſtas palavras taes vociferava
O pay de Alfeno jà quaſi inſolente,
E com muitos ſuſpiros, que arrancava
Muitas blasfemias diſſe iradamente:
O povo vil tambem o acompanhava
No pranto, que fazia triſtemente,
Que a morte, inda que ſeja merecida,
Sempre dos mais piedoſos he ſentida.

81

Com a luz ſe involvia a noute eſcura,
E a caſta Latona vinha abrindo
As portas da celeſte Architectura
Com mudo movimento reluzindo:
Eſtava em ſilencio toda a creatura,
Com quietação placida dormindo,
Sem lembrança da vida, & do trabalho,
Sobre as hervas cahia o frio orvalho.

82

Todo o animal na cova repouſava,
Sereno eſtava o tempo, & ſoſſegado,
Sò elRey ſobre a proa vigiava,
Que o bom Rey nunca dorme deſcançado:
A caſo para a força excelſa olhava,
Quando vio a Creſpino coroado
De candeas de enxofre, & bem cingido
De pelles pretas, & funerais veſtido.

83

Precauto o pay na popa tinha posto
Hũa mão de hum defunto, que trouxera
De Esgueira, quando em Cadis foi disposto
A partir pella via estranha, & fera:
Com que peito, cõ que olhos, com que rosto?
Veria elRey queimar a ardente cera
Junto dos companheiros seus, & junto
Da mão palida, & negra do defunto.

84

Em cada dedo tinha a mão profana
Hũa candea acesa de tal lume,
Que obrava, que dormisse a gente humana
Muito mais do que tinha por costume:
Dormi lhe disse elRey ò gente Hyspana,
Que em quanto a cera ardente se consume,
Se consumem dormindo vossas vidas
Com as naos, que já vejo estar perdidas.

85

Não se sente rumor, nem alvoroço,
Todo o soldado, & Capitaõ dormia,
Quando o pay assoprando no pescoço
Do filho algũs feitiços lhe fazia:
Quebrãose as cordas, & baixa o triste moço,
Morto segundo a elRey lhe parecia,
E em quanto das maõs o desatava
Os inmundos espiritos chamava.

86

Outra vez se alevanta,& assoprando
Contra os rayos,que lança a Lua errante
Escureceo os ares perturbando
Os thalamos de Phebo rutilante:
Hum fragor se ouvia rouco,quando
Da parte do Antartico,& Levante.
Hum espesso chuveiro muito asinha
Para junto da forca andava,& vinha.

87

Espantouse de ver em tempo enxuto
Chuva,que por hũa corda caminhava
Sem causa,estando o Ceo de estrellas muto
Cheo,que mui bem via,& enxergava:
N'hum ponto vio co as chuvas involuto
O corpo vaõ de Alfeno,& murmurava
Graõ rumor de diabos delle acquistos,
Sem mais o pay,nem filho serem vistos.

LIVRO SEPTIMO.

ARGUMENTO.

TRiste vai elRey com os seus falãdo nos sucessos illusões, e trãsformações atrás passadas. Entrão a barra do rio Rodano. De noute lheaparece Crespino, e lhe recita suas desvẽturas. Deixa elRey nas naos dous Capitães, e vai cõ algũs dos seus falar a Dabul Gingẽ Governador da Galia Aquitânia: Recebeos o Frãces cõ festiva cea. Vão á caça, nella tomão as feras, ẽ q forão cõvertidos Mendo, e seu cõpãheiro, e a Ave em q Sirene foi cõvertida. Falão ẽ hũa cova subterranea cõ hũa Profetiza q abi habitava, a qual lhe conta todos os disbarates, e tyranias de Espanha, & como Muça cõ inveja fora estorvar a gloria, q a Tarifse dava do vencimẽto, e como ambos forão chamados a Africa, & deixárão o Governo a Abdalazis. Descobre a Profetisa a Rodrigo por Rey. Torna a Ave, q elRey levàva, q era Sirene ẽ mulher os veados, q erão os atràs transformados em homẽs. Casão a Mendo cõ Sirene. Furta Dabul a Sirene. Trata de matar a elRey: navega elRey o mar de Mauritania desẽbarca em Barcelona.

I

DAs ondas de Neptuno mansamente
Se erguia a Estrella da Alva luminosa;
Mensageira do dia transparente,
E reliquia da noute tenebrosa:
Tràs ella vinha andando Phebo ardente
Com presuroso passo, & luz fermosa,
Conta elRey ao povo jà cançado
O que na noute atràs era passado.

2

Medroſos,& perdidos,& coitados,
Vaõ todos triſtemente praticando
Nos caſos de Creſpino atràs paſſados,
E de Sirene o caſo meditando:
Vendo ſeus companheiros transformados,
Em arvores,& em feras,& o mar brando
Convertido em ſangue bem vermelho,
Perdido do criſtal o claro eſpelho.

3

Aſſi foraõ paſſando triſtemente
Algũs dias ſem goſto, ou eſperança,
De poder melhorar o mal preſente,
Ou perder o paſſado da lembrança:
Vendoſe elRey neſte ultimo accidente,
Sem nenhũa eſperança de bonança,
Volta as vellas ao mar,que a França banha
Para dahi ſaber o fim de Eſpanha,

4

Entraõ na fôs do Rodano arenoſo,
Aonde os triſtes fados o levàvaõ;
Deſembarca nos pès de hũ monte umbroſo,
A quem flores purpureas eſmaltavão:
Lançados pello campo deleitoſo
Cos deſejos da terra ſe alegravão,
E os trabalhos,com taõ debil mudança
Se lhe perdem da viſta,& da lembrança.

Outra

5

Outra vez eſtendia a noute eſcura
As azas no emisferio eſcuro, quando
Sentem longe hũa voz funeſta, & dura,
Que para elles vinha caminhando:
Jà mais perto a parece hũa figura
De alto corpo, & geſto formidando
Com taõ fero eſtridor, que parecia,
Que a todos juntamente enguliria.

6

Começavaõ jà todos de ir fugindo
Para as naos, quando chega aos coitados
Cos olhos lycaonios reluzindo,
A boca negra, os oſſos esbulhados:
Do cume da caveira vem cahindo
Nas fontes os cabellos enriçados,
O fumo que lançava naõ ſe ſofre
Por ſer como o do etneo, enxofre.

7

Co ſubito temor da voz pezada
Ficou o ſangue frio o toda a gente,
A todos com a falla inuſitada
Se enriçou o cabello juntamente:
Logo ſoa hũa horrenda trovoada:
De baixo dos pés muge a terra albente,
E no meio de trevas, & da morte,
A todos ſala o monſtro deſta ſorte.

Creſ-

8

Crespino sou,que venho aqui mostrarme
No tromento que passo,& no castigo
Bem pudera eu misero vingarme
Das cruas injustiças de Rodrigo:
E matallo com causa,pois matarme
Sem ella quiz,& a hum filho amigo,
Mas seu peccado,& seus brutos furores
O guardaõ para ver males maiores.

9

Por hora saiba o Barbaro arrogante,
Que o que tem perdido elle o quiz;
E que perdeo hum Reyno taõ prestante
Por seus barbaros feitos,& incivìs:
Saiba,que sua espoza tanto amante,
Està cazada co Mouro Abdalazis,
Dezatando de amor os doces laços,
E atando ao cão com seus abraços.

10

Os Clerigos, & Frades degolados,
Amigos,& parentes confundidos
Os Templos,& Conventos profanados
Os muros,& castellos destruidos:
Não quero dizer mais dos desastrados
Casos a cada qual acontecidos,
Que esses verà o barbaro homicida,
Porque lhe penem mais,que não ter vida.

Isto

11

Isto dizendo o perfido danado,
 Reposta do que disse naõ aguarda,
 Desfazse em negra sombra, & dâ hum brado
 Mais alto, que hũa altisona bombarda:
 Toda a noute passàraõ com cuidado,
 E ella lhe parecèo bem longa, & tarda,
 Tendo por illusaõ vingança mera
 Tudo o que o vaõ Crespino lhe dissera.

12

Do rosto de cristal resplandecente
 Sacode o negro veo a bella Aurora
 Mostrandose em cabello taõ contente,
 Que a Terra, o Ar, & o Mar, tudo enamora:
 No Carro de Esmeraldas do Oriente
 A segue o graõ Pastor, que a luz arvora,
 Mas por mais, que a siga, & que se cance
 Jà mais lhe pode nunquâ dar alcance.

13

O Princepe perdido, & miserando
 Com algũs de entre os seus mais escolhidos
 Pello ameno valle vai buscando,
 O objecto, a que tendem seus sentidos:
 Deixa nas naos a Alberto, & a Fernando
 Com os mais bastimentos permittidos,
 E avendo andado jà algũ espaço,
 Vé junto a hum castello hum grave paço.

Nelle

14

Nelle fòra dos muros habitava
Gingen Dabul famoſo cavalleiro
Que a Galia Aquitania governava,
Entre todos os Galos o primeiro:
Por entre a gente toda, que o guardava
Ruderico paſſava aſſas inteiro,
Com grande admiração do povo todo
Falla a Dabul Rodrigo deſte modo.

15

Senhor, que por influxo alto moderas
Hum diſtricto taõ largo,& taõ famoſo
Com prudencia,& amor,& armas ſeveras
A todos agradando imperioſo:
Hum Capitaõ naſcido nas Iberas
Terras, a quem rodea o mar undoſo,
E vem por mar das terras de Alemanha
Te pede,que lhe des conta de Eſpanha.

16

Dos Mouros dizem algũs, que ſojugada,
Eſtà,& de Mafoma a ley aceita
Pellos Judeos da terra,& degolada
A fée que não aceita a dita Ceita:
Não quizera là entrar com minha armada,
Sem ter diſto noticia mui perfeita,
Porque não ſofra eu,& o povo meu
O grande mal, que à outros ſucedeo.

Paſſei

17

Paſſei por tanto mal, tanto perigo,
Tanta tormenta,& illuſaõ averna,
Até que aqui a teu ſeguro abrigo
A tuas prayas,& cidade eterna,
Livre de tempeſtade,& vento imigo
Me trouxe o Summo Deos q̃ o Ceo governa,
Para que aqui me contes,& me digas
Se poderàõ ter fim minhas fadigas.

18

Reſpondelhe o Monciur da antiga França;
Não poderei dizerte com certeza
O que paſſa em Eſpanha,nem ſe alcança
Tanto por cà da Maurica braveza:
Do trabalho maritimo deſcança,
Que antes o que o Sol dè volta à redondeza,
Te moſtrarei peſſoa taõ diſcreta,
Que a tudo quanto pedes ſe ſometa.

19

Com eſtas eſperanças mal ſeguras,
O disfarçado Rey triſte formava,
Refrigerio em ſuas deſventuras,
Por ſe ali não ſaber o que paſſava:
As azas neſte tempo eſtende eſcuras
A noute,& com ellas abraçava
O mundo do Oriente o Occidente,
Deſcançāo os animais,feras,& gente.

20

Manda Dabul fazer ſeſtiva cea
Para aplaudir ao forte Capitão,
E todo em ver ſeu talhe ſe recrea,
Seu ſojeito,ſeu geſto,& manſidão:
A meza ſaturifera ſe arrea
De iguarias em grande multidão,
Mas em mayor ſe poem os vitreos vazos
Do bacanal licor continuo razos.

21

Com feſtival aplauſo,& vaõs clamores,
Se rompe o ar diafano, & os ventos,
Tangem frautas,& belicos tambores
Harpas,cravos,& doces inſtrumentos:
Outros cantaõ cantigas das melhores,
Com ſuaves,& angelicos accentos,
Contão ſuceſſos mil,varias hiſtorias,
Em louvor de ſeus feitos,& vanglorias.

22

Diſcumbem dous,& dous com feſta eſtranha,
Brindão todos com grande confiança,
Por mais que beber queiraõ os de Eſpanha,
Nunqua podem beber como os de França:
A feſta entre todos foi tamanha,
Quanta no deſpedir foi a mudança:
Saõ couſas ordinarias deſta vida
Dar hum principio bom, mà deſpedida.

A cea

23

A cea ſe a cabou com inſtrumentos,
E muſicas brichotas concertadas,
Dos clarins os finiſſimos accentos
Davaõ cos eccos vaõs vozes dobradas:
Recolhéraõſe aos Regios apoſentos
Dabul,o Capitão, & os camaradas,
E todos deſcançàraõ em ſono manço,
Se em triſtes pòde haver algum deſcanço.

24

Sahia o Sol de rayos coroado,
Dourando os baixos valles,& altos montes,
Triunfando no coche acelerado
Dos Signos,& Planetas, & Oriſontes:
Dabul a eſta ſazaõ tinha traçado
De aliviar os hoſpedes inſontes
Com caças,& com jogos de alegria,
O que propoz fazer em o meſmo dia.

25

Cavalga n'hum cavallo fronte aberto,
Fendido da anca,& alto da cabeça;
Aſſi meſmo Rodrigo o encuberto
A outro igual cavallo ſe arremeça:
O mais povo tambem na arte experto
Para ſahir ao campo ſe adereça,
Sahindo vaõ da inclyta Cidade
Com cavallos,& caens em quantidade.

26

Jà pellos campos floreos se esparziaõ
A cavallo os destros caçadores,
Algũs pella carreira apar corrião,
Outros faziáo giros pellas flores:
Voltando em caracol se intrometiáo
Hũs por outros com fervidos furores,
Até,que ultimamente deste geito
Parárao,por seguir da caça o effeito.

27

Espalhase a famelica companha
Dos caens duros,mordaces,& latrantes
Pello espesso mato,& serra estranha,
Entre as sylvas,& murtas viridantes:
Qualquer buscando vai por arte,& manha
Cos ventos,que assopravão respirantes
Nos narizes caninos, os veados
De hum monte,a outros montes trespassados.

28

Mendo atràs em arvore mudado,
Dos ramos formou cornos mui compridos,
E se foi transformando em hum veado
Fugitivo aos matos mais subidos;
Simão, que atràs em fera foi tornado,
Acompanhava a Mendo com gemidos,
E ambos cos cornos altos entre as plantas
Não podião salvarse em brenhas tantas.

Hum,

29

Hum,& outro animal tardo imagina
De poder retirarſe ao vale ameno,
Sem ſer viſto da gente,& da canina
Companhia eſparzida no terreno:
Quando do cume a Enea bucina
Com força toca o Belga cantileno,
Latem, ſeguem os caens,ſeguem Zelino
Mongroi,Cercut,de Eſpanha Conſtantino.

30

Jà com iſto a graõ variedade
Das vozes,& dos caens ao Ceo feria,
O boſque ſoa,a vaã concavidade
Dos valles,as palavras repetia;
Corre Dabul com ſumma alacridade
No ginete veloz, que deſafia
Ligueirezas de Africo,& Eolo,
Quando o ceio correm de hum a outro polo.

31

Outros muitos com grande armipotencia
Os ſeguem com clariſſimo perigo
Da vida,os animais ſem paciencia,
Saltaõ Robert de vinho muito amigo:
Concorre a gente toda,& com clemencia
Se poſtrão junto aos pês de Dom Rodrigo,
Que facilimamente os traspaſſara
Co golpe,ſe hum,& hum ſe não poſtràra.

32

Prodigio entende ſer do mobil fado
O triſte,& encuberto Rey clemente,
De caſo taõ fatal maravilhado
Se admira,& mais ſe admira a outra gente:
Rendidos pois,& o cervo coroado
De murtas para irem de preſente
A mulher de Dabul fermoſa,& bella,
Se guardaõ com grandiſſima cautella.

33

Os Gaviaẽs rapaces,& os Açores
Deſpois diſto ſe expedem,que voando
Com as azas no ar verſicolores
Vão regras de correr ao vento dando:
Levantaõſe da terra vaõs clamores,
Outra vez as Eſtrellas penetrando
Com a preſa,que fez hũa ave inica
N'outra ave,que della preſa fica.

34

Voando pello Reyno vai delgado
Do Ethereo globo elemental,
Que ſempre para as aves foi ſagrado,
E hoje por ſeus dilitos não lhe val:
Hũa ave de bico delicado
Tomada na carreira em voo igual
Trà s hum falcaõ,que em predas ſe ſuſtenta,
E ao Rey disfarçado a aprezenta.

Toma

35

Toma na naõ Rodrigo a aurea ave,
E medita entre as maõs ſua belleza,
Unhas,& bico de ouro,a cor ſuave,
Unica perfeição da natureza:
Eſtando niſto,aſſopra hum vento grave
No ſylveſtre ramal,com tal braveza,
Que fez juntar com medo os caçadores,
Mal dizendo da caça,& ſeus rigores.

36

Logo hũa grande nevoa na alta ſerra
Taõ denſa,& tão cerrada ſe eſpeſava,
Que nenhum ſoube mais,ou em que terra,
Ou em que Região do mundo eſtava:
Com Dabul o Rey inclito ſe encerra
Na eſpeſura da ſombra,& mata brava,
E ſem ſaberem nada,ſe achão dentro
Da terra,ſem ſe abrir da terra o centro.

37

Eſtà debaixo da terra hum miſerando
Habitaculo obſcuro de altas traves,
Mil paſſaros nocturnos vão cantando
Pello tecto,mais triſtes,que ſuaves:
Batendo as azas vai o negro bando
De Curujas, Morcegos,& outras aves,
C'hum zonido tão triſte,& tão profundo,
Que parecia couſa do outro mundo.

38

O musgo,& a folugem está sem meo
Nas paredes da caza,& juntamente
A immundicia tem o solio cheo,
Intractavel emfim à viva gente;
Por este mao caminho çujo,& feo
Se passa a hũa caza taõ luzente,
Que quanto a outra tem de escuridade,
Tanto estoutra tem de claridade.

39

Alli chegando viraõ hũa donzella,
Que só na dita cauza aurea habitava,
Que por induição de sua estrella
O vindo,& o por vir adevinhava:
Chegando os Capitaẽs n'hum passo a vella,
Qual quer de lhe fallar se acovardava,
Ou com medo da parte suspeitosa,
Ou pejo de averem taõ fermosa.

40

Estava a fermosissima donzella
Tecendo no tear com graõ sentido,
Logo Dabul lhe disse,ò Dama bella,
A quem adevinhar he concedido;
Com desejos de verte,& sem cautella,
Pois sem saber por onde fui trazido
Cego,aonde a nuvem me lançou,
Sei donde vim,naõ sei a donde estou.

Hum

41

Hum Capitão expulso por desgraça
(Que he este que aqui vés)de gente, em gēte,
Te pede,que lhe contes o que passa
Cos Mouros là nas terras do Occidente.
Assi disse;& a moça pouco escaça
Queria responderlhe em continente,
Mas naõ pode fallar como queria,
Porque o seu Astrolabio o defendia.

42

A boca poz em ambas as orelhas,
Fazendo estrondo mao cos brancos dentes,
A boca negra,as curvas sobrancelhas
Denotavaõ da morte os accidentes:
As faces brancas hora,hora vermelhas,
Ao ar dando queixas descontentes,
De bella como era,& de fermosa,
Se tornou n'huma torpe alma raivosa.

43

Mas como a fera raiva,& graõ locura
Cessaraõ,& o pestifero accidente,
Tornando a seu juizo,& fermosura
Estas palavras disse abertamente:
Mui grande foi,Dabul,a desventura
Dos miseravies povos do Occidente,
Mas maior foi a perda de Rodrigo,
Que ou perdido,ou ganhado està contigo.

44

Deſpois que elRey Rodrigo foi vencido,
O ſeu cavallo Orelia foi achado,
E a Coroa de ouro,& Sceptro erguido
Mui perto donde foi disbaratado:
Elle por mar,ou terra foi fugido,
Mas não ſe ſabe adonde foi lançado,
Eu o ſei muito bem a donde eſtou,
Pois o que paſſa ſoi,& o que paſſou·

45

Disbaratada pella gente impia,
A maior fortidaõ,& flor de Eſpanha,
Foi fugindoa Nobreza,& Fidalguia
Da doce patria para terra eſtranha:
Chegando à Cidade Armentaria
De Eceja,que inda em lagrimas ſe banha,
Tantos em breve tempo alli vieraõ,
Que a dar outra batalha ſe atrevéraõ.

46

Jà pellos campos floridos ſe eſpalha
O Chriſtaõ povo,o meſmo os Caens temidos
Derão ſegunda vez fera batalha,
Onde ſegunda vez foraõ vencidos:
A Cidade opulenta,& a muralha,
Foi queimada em fogos acendidos
De Santa Florentina as muito amadas
Filhas,foraõ alli martyrizadas.

47

De concelho do torpe Juliaõ,
Partio Tarif o exercito potente
Com Magued Mogueir, que era Chriſtaõ
Renegado, mas forte, & mui prudente:
Eſte ſe foi a Cordova, & em vaõ
Se lhe oppoz da Cidade a debil gente,
Deſcabeça os que ſeguem a Ley de Deos,
E a deixa povoada de Judeos,

48

Tarif por outra parte vitorioſo
Toma a freſca Jaem por entrepreza,
Dególa os moradores, & induſtrioſo
Rende a Granada, a Malga, & a Monteza:
Naõ ha monte, nem vale cavernoſo,
Que poſſa offendello, ou tér defeza
Toda a Eſpanha de huã a outra ponta,
Co nome de Tarif ſó ſe a medronta,

49

Alta reputaçaõ em todo o eſtado
Sempre teve, & terà melhor partido
Hum General, que eſtà bem reputado,
Difficilmente pode ſer vencido:
Ganha reputaçaõ qual quer ſoldado,
Logo em poſto aos mais he preferido,
As aves, & animaes tambem ſe invejaõ,
E por reputaçaõ muitas pelejaõ.

50

Em quanto ve que o vem o generoſo
Leaõ,fugir naõ quer de preſumido,
Corrido foge o touro ao boſque umbroſo,
Quando à viſta da vaca foi vencido;
Acompanha com ella o vitorioſo,
Porque a reputaçaõ tem acquirido
Toda a fera entre as outras ſe reputa,
Ou por mais fera,ou por mais aſtuta.

51

Não ſofre a Aguia Real,que ſe lhe opponha
Oſſifrago ſevera caſtigando,
Todo o Ciſne,Falcaõ,Gralha,ou Cegonha
Reputaçaõ,& Imperio conſervando:
He a reputaçaõ alta hũa medonha
Oppiniaõ,que a todos vai pizando,
Lança de Marche,& ramo de Minerva,
Que a guerra a viva,& que a paz conſerva.

52

Muita reputaçaõ com pouca gente
Fez,que venceſſem com geral eſtrago
Ceſar Europa,Alexandre Oriente,
Hannibal Roma, os Scipioẽs Carthago,
Baco Levante, Alcides o Occidente
Numancia Italia,Eſparta o Ariopago,
Aos Samnites Papirio,aos Cimbros Mario,
Aos Galos Fario,aos Godos Beliſario.

Grande

53

Gande reputaçaõ, grandes augmentos,
E victorias acquire com graõ dita,
Acha gente, dinheiro, baſtimentos,
E a conducçaõ de tudo facilita;
Prodigos faz aos proprios avarentos,
A valentes os timidos incita,
Mas ſe declina a quem foi levantado,
Tudo quanto acquirio vai declinado.

54

Todas eſtas Cidades povoadas
Deixa Tarif de Mouros, & Judeos,
Que hũs, & outros ſeguem as leys dannadas,
Pella ley de Jeſus ſupremo Deos:
A Leaõ, Murca, Aſtorga debelladas
Deixa, a Medina, Amaya, & confis ſeus,
A Toledo de gente achou vaſia:
E de gente a encheo Marua, & Judia.

55

O perfidos Judeos, quem conheceſſe
Voſſa maldade, & dobre fingimento,
Para que com ſevera mão vos déſſe
Caſtigo igual a voſſo atrevimento:
Em vós idolatria, & intereſſe,
E cegueira he certa fumo, & vento
Com Chriſtaõs atè agora vós criaſtes,
E agora por Mouros os trocaſtes.

Nunqua

56

Nunqua me admirarei de voſſos modos
Fingidos,nem de voſſos falſos tratos,
Nem que ingratidaõ moſtreis aos Godos,
Quando ao meſmo Deos foſtes ingratos:
Bem fora que em hum dia foreis todos
Queimados por nefarios inſenſatos,
E como aſſi naõ he,nem ha Chriſtaõs,
Nem zello,nem valor,nem pès,nem maõs.

57

Porque o Chriſtaõ,que hũa,& outra vez
Sabe que idolatrais,& a Ley ſagrada
Deixais de Chriſto,a mando a de Moyſes,
Sendo hũa Santa,& a outra jà abrrogada:
E todos vos naõ colhe de hum revès,
Nem tem zello,nem brio,nem tem nada,
E ainda o tem menos outros mutos,
Que querem padrinhar voſſos tributos.

58

Algũs,que por os voſſos vaõs dinheiros,
Hũs por reſpeitos,outros por amigos
A juſtiça pervertem,& conſelheiros,
Só por honrar de Chriſto os inimigos:
O meſmo Chriſto a eſtes verdadeiros
Caſtigos lhe dará,& mais caſtigos,
Nos corpos,almas,cazas de tal modo,
Que por elles ſe eſtenda ao Reyno todo.

Quem

59

Quem de Chriſto inimigos honrra,& ama
He do meſmo ſenhor grande inimigo:
Em vaõ ao Ceo lagrimas derrama,
Quem de imigos de Chriſto he fido amigo:
Gente que naõ quer peixe ſem eſcama,
Coelho,& porco pello rito antigo,
E acha amigos Chriſtaõs,acha Sandeos
Pois todos fazem liga contra Deos.

60

Anaſtaſio Pontifice inſciente
Por dar favor a herejes obſtinados.
Foi de Deos caſtigado aſperamente,
Que Deos naõ diſſimula taes peccados:
A bulla do Paſtor lugar tenente
De Pedro em ſeu principio eſcomungados
Chama,a todos mayores,& menores,
Que forem dos herejes defenſores.

61

Vede os bens,& os titulos honrados,
Que tiraes da amizade deſta gente,
Ficardes mui ſoſpeitos,& infamados,
E inimigos de Chriſto Omnipotente
Do povo largamente abominados,
Que lhe tirais ſeu foro competente,
E o dais por dinheiro a quem não he
Legitimo a Deos,ao Rey,& à Fè.

Que

62

Que vos direi dos Princepes,que eſtaõ
Deſpachando Judeos cheos de vicio,
Em lugares de letras,aonde vaõ
Ordens;& comiſſoẽs do Santo Officio:
Que juſtiça,& ſegredo guardaráõ
Aſi,& a ſeus parentes no exercicio,
Das prizoẽs,& ſequeſtros?graõ monçaõ
Foi eſta dos Ebreos,do fiſco não.

62

Vendo Muç a Tarif,que cà mandou,
Que de véras ganhava a nobre Eſpanha
Fatigado de inveja ſe embarcou
Para lhe eſtorvar glória tamanha:
Com gente em Alguezira ſe aportou,
E logo com cuidado, & arte,& manha
Tomou Sidonia,Merida,& Carmona,
Sevilha,Beja,& manda a Tarragona.

63

Muça logo de Merida ſe parte
A Toledo,onde entaõ Tarif eſtava
Deſcançando da belica de Marte,
E em Toledo tambem jà o aguardava:
Trata Muça por modo aſtucia,& arte
De aniquilar a gloria,que ſe dava
A Tarif das vitorias,que tivera,
Attribuindo tudo a ſua esfera.

Tam-

65

Tambem lhe pede conta mui eſtreita
Dos theſouros de Eſpanha,& mais da meza
Verde de Eſmeralda,a mais perfeita,
Que nas veas criára a natureza:
Tudo ſofre Tarif,& tudo aceita,
E a tudo ſatisfaz com madureza
Tanta,& tal que Muça de inimigo
Se converte,& ſe volve em grande amigo.

66

Vencida a grande Eſpanha finalmente,
Tirada aos neturais a propria terra,
Domada muito mais a forte gente
Das culpas,& peccados,que da guerra:
Andão os Eſpanhoes miſeramente
Fugidos com temor,de ſerra,em ſerra,
Neſte tempo os dous cabos ſaõ chamados
A Africa,eſtando ambos conformados.

67

Deixaõ a Abdalazis(que de Belona
Mamàra o leite)por Rector da Heſperia,
Eſte caza co a inclyta Egilona
Mulher de Dom Rodrigo (ò graõ miſeria)
Tomou Coroa de ouro,& a Matrona
Lhe deu para a tomar larga materia;
Foi notado à miſera Raynha
Cazarſe com hum Mouro taõ aſinha.

Por

68

Por tanto ò Rey Rodrigo naõ tropeces,
Em desventuras taes,triste não chores,
Porque as adversidades,que padeces,
Se ham de volver ainda em bens maiores:
Essa ave,que ahi tens,que não conheces,
Que tomaste na caça com os Açores
He Sirene,em ave convertida,
Vella outra vés,ahi tornada à vida,

69

Isto dizendo a ave taõ fermosa,
Que elRey tinha na mão fica mulher,
Tão branca,& tão vermelha como a Rosa
No jardim, quando quer a manhecer:
Prosegue a Profetiza graciosa,
Mal creràs o que digo,sem tu o ver
O cervo que ahi vés,he o forte Mendo,
Que em arvore se foi mal convertendo.

70

A fera,que ahi vés de peito ondado
Com a còr do cabello arripiada
He Simaõ,que em fera foi tornado,
Por pragas de Sirene atribulada:
Vellos ambos tornados ao estado
Antigo,a sua fórma costumada,
Eis que ambos(cousa rara,& espantosa)
Tornaõ a seu ser,& fòrma milagrosa.

Pas-

71

Paſmado fica elRey,& toda a gente
Com taõ grandes prodigios da ventura:
A Mendo caſaõ logo em continente
Com Sirene,de eſtranha fermoſura;
Ambos ficaõ contentes,deſcontente
A Prophetiſa eſtà,com raiva pura
De ver taõ repentino caſamento,
Sente por mais,que encobre o ſentimento.

72

Como eſtas couſas fez,& diſſe a bella
Vaticina, não pòde Dom Rodrigo
Mais deixar de chorar,triſte arrepella
As barbas,& às guadelhas ſò conſigo,
Sentindo mais,que o Reyno todo aquella
Polução de ſeu thoro tanto amigo,
Vai juntando tormentos, à tormentos,
Penſamentos,a varios penſamentos.

73

Admirado de ver tanta mudança
Fica Dabul,& toda a mais companha,
E de tratarem com tanta confiança
Ignaros a Rodrigo Rey de Eſpanha:
Hũa nuvem mui denſa neſta eſtança
Os leva pellos boſques,& a companha
Atè os pòr nos montes levantados
Donde no dia atràs foraõ tirados.

74

Recolhemſe a caſa os caçadores
Com lembrança da penna, que os magoa,
Rodrigo disfarçando ſuas dores,
Não pòde disfarçar ſua peſſoa:
Grandes males Dabul aos ſeus feitores
De Rodrigo publica, & apregoa,
Dizendo, que encuberto em França entrâra,
Para a deſpojar da vida chara.

75

Não contente de urdir eſta mentira,
Se emcaminha a outro infame mal;
Furta a bella Sirene, que ſe admira
De ver hum homem, à outro desleal:
Não a pode gozar, que em quanto vira
A buſcar defenſaõ de oprobrio tal,
Rodrigo, Simaõ; Mendo muito àſinha
Atiraõ do apoſento donde a tinha.

76

A Tuba do metal rouco, & canoro
Com tremendo alàrido raſga os àres;
Reſponde o ecco là do ſanto Coro
Dos Anjos, reſponde o ecco là dos mares:
Envolveſe a Hyſpana gente em choro,
E derramando lagrimas a pares,
Invocaõ o remedio ſanto, & puro,
Que em porto os queira pòr firme, & ſeguro.

O povo

77

O povo là no meio da Cidade,
Em furibundas armas todo ardia,
Micantes lumes davaõ claridade,
Arremedava a noute a luz do dia:
Entendendo Rodrigo a falſidade
Occulto foge,& a chara companhia
Dos Franceſes bilingues gente infrena
Encubertos co dom da noute amena.

78

Recolheſe às naos arguto,& ledo
Com a preda,& cèlebre rapina:
Qualquer ſombra ridenda cauſa medo
A elle,& à companha feminina:
Não chegàraõ âs naos jà muito cedo,
Porque a candida Aurora matutina
Com a rubente face deſterrava
As Eſtrellas do Ceo,& o deſdourava.

79

Dabul ſobre Rodrigo vinha andando,
Com mil,para vingar a raiva impia,
Poem ſe da ſua parte o vil Fernando,
Que na nao Almiranta preſidia:
Vendo Rodrigo o peſſimo, & nefando
Conſocio,que contra elle ſe volvia,
E que grande perigo o aguárdava
Se do porto cruel não ſe apartava.

80

As ancoras,& a marras ſoltar manda
Do falſo porto,em breve movimento,
Repartemſe por hũa,& outra banda
Os nautas com celeuma,& argumento:
Jà remoto da praya formidanda,
As brancas vellas vai dando ao vento,
Que para as grandes naos afla oportuno;
Treme Doris;eſpuma o vão Neptuno.

81

Tam brandamente às ondas o levavaõ,
Que parece que o mar ſe hia detendo,
Os ventos nas antenas reſpiravão,
Co ſopro as vellas candidas enchendo:
As criſtalinas agoas ſe eſprayavão,
As ſalgadas eſcumas desfazendo,
Repreſentando o mar,& as criſtalinas
Agoas,hum verde prado de boninas.

82

As ondas navegava do Occidente
No mar de Mauritania,quando via
De Phebo preſuroſo o rayo ardente
Tingirſe na maritima agoa fria:
Voltando à maõ direita ao Poente
A renovar as magoas,que trazia,
Toda a noute paſſou com mil ſentidos,
Penſaõ certa dos triſtes,& affligidos.

Logo

83

Logo as agoas ſerenas apparecem,
Os Peixes no mar nadão ledamente,
Os rayos Apolineos reſplandecem
Por cima da agoa trémula,& fervente:
Deſcontentes porém todos parecem,
E elRey mais que todos deſcontente,
Quando o meſmo Rey de longe via
Hum monte, que Cidade parecia.

84

Torres altas,& muros ſe moſtravaõ
De longe,& eſcaçamente ſe declina
Serem hũs muros negros,& aſſentavaõ,
Que era a terra promiſſa de Erecina:
Para là logo as proas ſe inclinavão,
Varrendo a ſalſa via Neptunina,
Cedem do vaſto mar tumidas ondas
As vellas carbaſſeas,& redondas.

LIVRO OUTAVO.

ARGUMENTO.

CHega Rodrigo disfarçado ao porto de Barcelona, & ahi fala com o Mariscal Lamberto q̃ estava fortificando o mesmo porto, o qual lhe conta o fatal estrago da Christandade, & os terrivẽs martyrios dos Sãtos. O q̃ vendo Rodrigo se escondeo dos mesmos seus, & trocou o vestido cõ hũ Pastor, e indo vagamẽte caminhando, encontrou o exercito de Abdalazis, & levado perante elle escapou milagrosamente: de noute lhe apareceo em sonhos hũa Visaõ q̃ lhe deu utilissimos documentos para seguir a virtude, e aborrecer o vicio: achase elRey no mosteiro de Cauliniana: Leva cõ o religioso chamado Romano a imagem de Nossa Senhora de Nasaret a hũ monte junto ao mar, aonde fizeraõ varias penitencias. Morto Romano, foi elRey levado a Viseu, aonde em hũa cova se meteo no sitio q̃ hoje he Ermida de S. Miguel, e ahi santamente acabou a vida.

1

IA chegaõ ao sereno Porto amigo
De Barcellona triste, & temerosa,
Sem se saber, que era elRey Rodrigo
Desembarcão na praya deleitosa:
Achaõ nos naturaes seguro abrigo,
Refeiçaõ da jornada trabalhosa,
Certificasse elRey por arte, & manha
Da perda universal de toda a Espanha.

Estava

2

Eſtava na praya o Mariſcal Lamberto,
Em vaõ fortificando o porto ameno;
Com lagrimas lhe pede o encuberto
Novas dores do afliᵭo ſeu terreno:
Elle no deſconcerto, Hiſpano certo,
E no furor do pérfido Agareno
Com lagrimas banhando o roſto todo
Para Rodrigo falla deſte modo.

3

Referirte a fatal calamidade,
Que na infelice Eſpanha eſtà pendendo
O rigor da divina Mageſtade,
Que ſobre ella ſevero eſtà decendo:
Não ha lingoa, que poſſa com verdade
Bem contallo, fallando, ou reſpondendo
Dos martyrios direi ſòmente agora,
O que a fama pregoa; a gente chora.

4

Em todas as Cidades onde entràraõ
Com braveza os Mouros inſolentes,
Os muros, & caſtellos arrazaraõ,
E queimaraõ os Templos preheminentes:
A mancebos, & velhos degolàraõ,
Femeas eſpedaçando, & innocentes
Perdoando ſòmente aos Judeos,
Imigos dos Chriſtaõs, & amigos ſeus.

5

E despois que matar mais naõ podiaõ,
Fartos do Christaõ sangue puro,& mundo
Aos homens ferravão,& feriaõ,
As mulheres com golpe torpe inmundo:
Aos Frades,& Freiras,dividiaõ
As arterias,com odio furibundo,
A Clerigos tambem naõ perdoavaõ
Nem menos a Ermitaẽs,e aos mais q̃ achavão.

6

A todos os que clara,& santamente
Sem medo confessavaõ a Ley de Christo
Metiaõ em metal,& pez fervente,
Genero de martyrio nunqua visto:
A outros immolavão lentamente
Com tormento de fogo,& ferro mixto;
A outros despenhavaõ dos mais altos
Precipicios crueis,& ingremes saltos.

7

A outros trespassavão com lançadas,
A outros as cabeças lhe partião,
E a outros em traves levantadas,
Pregavão,& com settas os rompião:
A outros as mininas taõ prezadas
Dos olhos,arrancavão,& espremião,
Em arvores a muitos penduravaõ
Quando de mais tormentos jà cansavaõ.

8

Dos coraçoens,que ſangue derretendo
Eſtão os claros Martyres divinos
Por veas de alabaſtro diſcorrendo,
Formão rios de ſangue criſtalinos;
Alagamſe os campos,pingueſcendo
Co doce humor os frutos Iberinos,
Eſte ſangue por toda a Eſpanha extenſo
De graças ha de dar hum mar inmenſo.

9

Os torpes Mauritanos taõ temidos
De tantas ſem razoẽs triunfadores,
Neſta batalha ſaem deſtruidos
Dos ſoldados de Chriſto preliadores:
A qui os vencedores ſaõ vencidos,
E os vencidos ſaõ os vencedores,
Pois que ſaem com palmas glorioſas,
E os Mouros com armas vergonhoſas.

10

De lagrimas de dor nacem bonanças,
E de bonanças nacem deſventuras,
Que ſaõ proprias do mundo eſtas mudanças,
Onde naõ pode haver glorias ſeguras:
Sò prometem futuras ſeguranças:
As que por alcançar glorias futuras
Se derramaõ por Deos,que tanto as ama,
E apôs ellas a vida ſe derrama.

Para

11

Para te relatar eſpecialmente,
O martyrio cruel de cada ſanto,
Era preciſo ſer mui eloquente,
Nem que o fora podia explicar tanto:
Os Serafins do Ceo podem ſòmente
Modular em o ſeu ethereo canto
A multidaõ inmenſa das peſſoas,
Que merecéraõ a Deos tantas Coroas.

12

Não ſofreraõ, ſegundo ſe acha eſcrito,
Tam duro, nem aſperrimo flagello
No cativeiro horrido do Egyto
Os pays dos que chapeo trazem amarello:
Como ſofrido tem o povo aflito
De Eſpanha do Maurifico cutello;
Hũs tiveraõ ſómente a ſervidão,
Os outros toda a Maura indignaçaõ.

13

Jà naõ lamenta a pobre Espanha tanto
Os inſultos do Barbaro inimigo,
Nem a perda de Reynos tantos, quanto
A falta do amantiſſimo Rodrigo:
Havia em nòs hum Rey taõ recto, & ſanto
Taõ guerreiro, & dos povos tanto amigo,
Que ſe o viras ſómente ou conheceras,
Vida, & alma, & tudo lhe renderas.

Como

14

Como nas armas vio,que a ſorte ingrata
Dava ſinaes de ſua deſventura,
Dos olhos ſe apartou da patria grata,
Deixando a meſma patria em treva eſcura:
Ouvindo elRey de ſi, iſto,deſata
Em choros,& ſuſpiros de amargura,
E com lagrimas triſtes ſe deſpede
Do Capitaõ,que em lagrimas o excede.

15

Como mais vio,que tudo era perdido,
E pouco havia jà para perderſe,
Aſſi como até alli veio eſcondido,
Quiz alli dos ſeus meſmos eſconderſe:
Troca da rica purpura o veſtido
Por outro de hum Paſtor ſem conhecerſe,
Deixa os ſeus, & as naos, & o que trazia
A fortuna,& a Deos toma por guia.

16

Triſte,errante,& ſò peregrinando,
Sem ſaber aonde vai,ou donde vem,
Por entre os denſos matos vai chorando,
Fazendoos com dor chorar tambem;
Jà não ſabe quem he,quem foi,nem quando
Teve imperio,riqueza,ou mal,ou bem:
Pobre,morto de fome,& perſeguido
Torna às terras perdidas jà perdido.

O mun-

17

O mundo enganoſo, quem porcura
Teus caſtellos no ar,torres de vento,
Que cheges hum Monarca a tanta altura
Para o lançar em tanto abatimento;
O falta de juizo,ò graõ locura,
Do homem que naõ tem conhecimento,
Do excelſo,& Summo bem, mas antes quer
Por couſas vãs trocar o eterno ſer!

18

Mas que muito que torne o ſublimado
Rey à quella rudeza,em que naſcèo,
Se o meſmo fez o tempo acelerado
A Imagem da Raynha do alto Ceo;
Na lapa de hum monte inhabitado
A ſacroſanta Imagem ſe eſcondeo,
Sentindo o eclypſar das luzes bellas,
A luz,que cega o Sol,Lua,& Eſtrellas,

19

Contudo, Rey benigno, naõ te agaſtes
Com aperda de tanta Monarquia;
Com pobrezas, miſerias,& contraſtes
Tais males hũs ſobre outros cada dia:
Os meſmos teve o grande Zoroaſtes,
Deſpois de ter rendida a graõ Bactria,
Eſte por deſventuras ſe perdeo,
Tu por ellas irás ſubindo ao Ceo.

Se-

20

Seguindo pois Rodrigo o ſeu deſtino,
Foi ter a Saragoça de Aragaõ,
Onde inda não chegàra o Mouro indino,
E todo o povo della era Chriſtaõ:
Chorando eſtava a gente de contino,
Do Rey,& Reyno a grande perdição,
Rodrigo ſe alojou em hum forno ardente;
N'hũ forno,o que mandou todo o Occidente?

21

Dalli partindo,& tardamente andando
Foi deſcobrindo os campos alongados
Da eſteril mancha,onde o formidando
Abdalazis paſſava com ſoldados:
Com as maõs atràs preſo,& vozes dando,
Deſcuberta a cabeça,os pès atados,
O leva a Abdalazis toda a primeira,
Eſquadra,& elle lhe diz deſta maneira.

22

No roſtro moſtras ſer fidalgo honrado,
E no veſtido pobre preguiçoſo;
Se es o que diz o roſtro,es deſgraçado,
Se o que diz o veſtido,es venturoſo:
Eſte que ſou,jà fui paſtor de gado,
Diz Rodrigo,& taõ pouco cuidadoſo,
Que por minha má guarda,& paſto eſtranho
Me degolou o Lobo o meu rebanho.

Agora

23

Agora ſem rebanho,& ſem fazenda,
E ſem goſto da vida ando pedindo,
Eſmola,quem naõ tem,ou gado,ou renda
Chorando andarà ſempre,& nunqua rindo:
Com palavras taõ prenhes,taõ verenda,
Repoſta,o Mouro caõ foi imprimindo
Tais duvidas no cerebro,& na mente,
Que ficou por hum pouco indiferente.

24

Manda chamar Joſeph ſoldado nobre
Capitão de cavallos que na brava,
Batalha atràs ſe achou com ſoldo dobre,
E co Mouro deſpois cativo andava:
Dislhe que reconheça aquelle pobre,
Que pellas apparencias,que moſtrava,
Era elRey,que ſe o foſſe com verdade,
Grande premio teria,& liberdade.

25

Chega Joſeph aos pès de Dom Rodrigo,
Com quem havia pouco militára,
Conheceo por ſeu Rey,ſenhor,& amigo,
A quem como a ſeu Rey,& amigo amàra:
A vida quer pòr antes em perigo,
Que entregar a ſeuRey (fineza rara)
Ao Mouro diz,que aquelle paſſageiro
Moſtrava ſer hum pobre pegureiro.

Porque

26

Porque elle ſe achàrà na batalha,
E conhecia a toda a fidalguia,
A todo o que trazia, ou anta, ou malha,
E o tal homem porèm naõ conhecia;
O Mouro com acordo da canalha
O demitio de ſua companhia,
Das palavras confuſas eſquecido,
Que algũa vez ſe eſtima, o mao veſtido.

27

Deſpedido Rodrigo, alegre emfim,
Porque Deos de tais monſtros o livràra,
Se embrenhou nas ſerras de Ermoſim,
Onde ſeguramente ſe alojàra:
Hum Judeu natural de Bermoim
Deſpois diſto, arrogante publicàra,
Que aquelle paſtor era Rodrigo,
Por todos os ſinais, que tràs conſigo.

28

Tanto ſegurou niſto ao Mouro forte,
Que das palavras prenhes relembrado,
Mandou, que ambos de dous ſofreſſem morte,
Hum por leal, o outro por calado:
Queimàraõ o Judeo, & a dura ſorte
De Joſeph foi que foſſe a pedrejado
Fóra do arrayal n'hum poſte aduſto,
Igualmente caſtiga ao mao, & ao juſto.

Era

29

Era noute, & a Lua vagarosa
Vestida de alvas nuves caminhava
Pellos campos de estrellas, & amorosa,
A terra, & o largo mar alumiava:
Rodrigo em hũa cova cavernosa
Medroso, & com cuidados repousava
Quando em sonhos na cova lhe apparece
Hũa visaõ, que todo o estremece.

30

E dislhe assi; que sonhos, que cuidados
Saõ os teus, pobre Rey, com que enlouqueces,
Apeteces os bens do mundo amados,
E os eternos do Ceo naõ apeteces?
Ea, deixa ambiçoẽs, deixa peccados,
No intimo veràs como enriqueces
Cos doẽs do Rey, que paga por hum cento,
Os outros tudo he sonho, tudo he vento.

31

Se foras Rey, bem creo, que puderas
Passar a breve vida alegremente;
Màs he certo no cabo, que perdéras
A alma, que he o bem, que mais se sente:
Não he melhor naõ ser Rey, & entre as feras
Do monte passar sempre descontente,
Com penitencias, com que ao Ceo se avança
Bem cego he, quem isto naõ alcança?

Tu

32

Tu naõ ſabes quem es ſoberbo Godo,
De que materia vil foſte formado
De cinza, podridão, de terra, & lodo,
E que em cinza has de ſer logo tornado?
De menſtruoſo ſangue armado todo,
Com o meſmo no ventre ſuſtentado,
Porque tanto, que o parto ſe concebe,
Logo a mulher o menſtruo em ſi recebe?

33

Deſte peſſimo ſangue algũs Autores,
Dizem, que no em que toca, nada creſſe:
Se nas ervas, nas plantas, & nas flores,
Ou qualquer outra flor logo em murcheſſe:
Os animaes, que em tudo ſaõ menores,
Se algum delles o bebe ſe entorpece:
Pois ſe gerado foſte em tantas faltas,
E em tantas podridoẽs, de que te exaltas.

34

Do ar foraõ as aves produzidas,
E os peixes das agoas criſtalinas,
Do fogo as Eſtrellas acendidas,
Tu de materias peſſimas, & indinas:
As flores cheiraõ, as arvores floridas
Daõ fruto, & as agoas ſaõ divinas,
Os Elementos claros, & as Eſtrellas
Daõ a ambos os Orbes luzes bellas.

35

Vê,que comparaçaõ,homem terreno
Póde com isto ter tua torpeza,
Lançando inmundicia,& flato obsceno,
Por quantas partes purga a natureza:
Sò cos animaes brutos,que no feno
Da terra pascem,tens igual bruteza,
Pois como tu,da terra foraõ nados,
E como tu, em pó seràõ tornados.

36

Pois logo lodo,esterco,& podridaõ
Cinza,terra,fedor,vaso de espanto,
Para que tens soberba,& oppiniaõ
Se es a mais vil escoria deste encanto!
Regalas a teu corpo,que he ladraõ
Dos bens da alma,& ella em triste pranto,
Ou sem juizo es furioso,& louco,
Ou se juizo,tens sabes mui pouco!

37

Que foi do grande Imperio do Thebano
Alexandro,Nabuc,Rey furibundo,
Xerxes,Julio,Anthioco,& Trajano,
E outros que mandàraõ todo o mundo?
Que foi de Alcides forte,Heitor Troyano
Viriato,Sansaõ,Cyd,Sigismundo,
Tudo em pò,& em cinza està tornado,
As urnas sò se vem de tanto estado.

Di-

38

Dirás, que aproveitou ao grande Augusto
Vencer o mundo de hum ao outro polo,
Do Herculano Calpe ao Indo adusto,
E de quantas naçoẽs refresca Eolo:
Gozar tantos triunfos vir o nusto
Das Indìas, fazer rico mauseolo?
Se no inferno està vituperado
Para sempre em chamas abrasado?

39

Em chamas abrasado, padecendo
Outros tormentos mais ainda maiores,
Em derretido azougue, & pez fervendo
Passado com farpoẽs, & inmensas dores,
Sofrendo o estridor bravo, estupendo
Dos Espiritos maos, & seus horrores,
Trocando a doce gloria, & paz serena
Por guerra, por tormento, fogo, & penna?

40

Quanto fora melhor a este Monarca
Naõ nacer, nem reger tam alto Imperio,
Se de lugar taõ alto a justa parca
Trazello avia a tanto vituperio;
Quanto no Mundo, o Mar, & o Sol abarca
Tudo fingido he, tudo he aerio;
Tudo vanglorias saõ, sem fundamento,
Torres postas no ar, que leva o vento.

41

Dirà este infelice Emperador,
Quando se vir no dia do Juizo,
Vendo os pobres com tanto resplendor,
Quanto soube acquirir seu muito avizo:
Estes saõ os que andavão em tanta dor,
Que mais nos naõ serviaõ, que de rizo;
Eilos todos alli filhos de Deos;
E nòs todos aqui loucos sandeos.

42

Erramos o caminho peregrino,
E suave, da Bemaventurança;
Que nos aproveitou ter ouro fino,
Ter riqueza, soberba, & ter vingança?
Tudo foi vento, & sonho repentino,
Fumo, que se desfez em breve estança:
Erramos o caminho da verdade,
Por seguir o caminho da maldade.

43

Que servio o cabello semelhante
Ao ouro, o nariz, face rubente
De branca neve, & purpura o sembrante,
Nem os olhos do Sol posto no Oriente;
Os beiços de coral? se em hum instante
Beiços, face, naris, ouro fulgente,
Cabellos, neve, purpura, & brancura
Tudo o consumio a sepultura;

Deixa

44

Deixa Rodrigo as cousas deste mundo,
Se queres com prazer de todo a Deos,
Porque quem ama o mundo fica immundo,
E quem ama a JESU merece os Ceos:
Não pòde amar a Deos alto,& profundo,
Quem ao mundo amar,& a gostos seus:
Este mundo he cousa transitoria,
Sem ter ser,& o tem sómenre a Gloria.

45

Pello peccado ficas grande amigo
Do Diabo,& de seus monstros disformes,
E de Deos teu amigo grande imigo;
Vè como estas razoẽs estão conformes;
Se conheces,& vès tanto perigo,
Como rìs,como folgas,como dormes,
E te naó metes dentro em hũa cova,
Deixando a vida velha,& vindo à nova?

46

Aborresce Deos tanto ao peccado,
Que pello do malvado Lucifer
Destruhio,& cortou o Ceo sagrado,
Lançando os seus sequazes a perder:
A seu Filho Unigenito,& amado
Fez por males alheos padecer,
Que pay poderá aver,que do inimigo
Se vingue com matar seu filho amigo.

47

He do peccado tanta a fealdade,
Que o infeliz, que nelle assi morrer
Da Mãy de Deos naõ basta a divindade
Para de tanta penna o absolver:
A penna delle he a immensidade
De pennas, que se não podem sofrer,
Que he certo, que hũa sò hora do profundo
Penna mais, que a dos martyres do mundo.

48

E affirmaõ algũs (ò caso horrivel
Digno de aflicçaõ, & terna dor)
Que he tanta a differença do sensivel
Fogo ao do inferno abrasador;
Quanta de hum pintado, & aprazivel,
Ao fogo natural de estranho ardor
Dâ tambem hũa obscura claridade,
Para se ver dos maos mais a maldade.

49

Se alcançàras, ò Rey, de Salamaõ
O saber, & o poder de Ptolomeu,
De Henoch a larga vida, & de Sansaõ
As forças, & as riquezas de Theseu;
Parecertia tudo hum sonho vaõ:
Se viras despois disso o corpo teu
Entregue a bichos, & teu alto esprito
Entregue ao infernal monstro maldito.

Se

50

Se viras no amargo,& grande dia,
Teu corpo como espirito apartado
Da doce,& agradavel companhia
Dos justos,ao inferno arrojado
Cos demonios;que graõ melancolia,
Que choro,que tristeza,que cuidado,
Ouvindo ao Juiz alto,& Superno,
Apartaivos malditos ao inferno.

51

O argumento maior,a causa vera
Por onde Belzebut conhece os seos,
He só pella soberba horrenda,& fera,
Pois por ella tambem deceo dos Ceos:
Por ella no mar Rubro em agoa mera
Pharao,& aos seus afogou Deos,
A Saul despojou da patria mesta,
A Nabuc converteo de Rey em besta.

52

Pella pia humildade resplandece
A fé dos escolhidos tam bem dita:
E por hum modo,ou outro se conhece
Debaixo de que Imperio se milita:
O humilde em Deos sempre florece
O soberbo co Demo sempre habita
Hum tem virtude,o outro tem vangloria,
Vés aqui os sinais do inferno,& gloria.

53

Não vivas hum inſtante deſcuidado,
Fuge ſempre ſoberbas,& mentiras,
E dos vicios carnais mui enfreado,
Dos odios das vinganças,& das iras,
Do ocio vil,do tempo mal gaſtado,
Que mal te accuſaràõ,ſe te não tiras,
Do errado caminho,que ſeguiſte,
Com que ati,& a teus Reynos deſtruiſte.

54

A donde eſtão os Reys,& Emperadores,
Que ſenhoreavaõ todo o univerſo?
Donde os nunqua vencidos vencedores,
Que nunqua exprimentàraõ caſo adverſo,
Capitaẽs,& Juizes roubadores
Tão celebres no mundo em proſa,& verſo?
Tudo em pó,& em cinza eſtà tornado,
E no profundo lago ſepultado.

55

Onde eſtaràõ algũs que governavaõ
Nos Tribunaes por peitas,& reſpeitos,
E as ſentenças,os bens,& os cargos davaõ
Aquem lhe dava mais,com mais defeitos:
Aos limpos,& rectos atrazavaõ,
E propunhaõ famelicos ſojeitos,
Com eſſas meſmas peitas,ſegundo acho,
Compràraõ para ſi cruel deſpacho.

56

Muitos dos maos deſejão de morrer,
Como os juſtos,com boa deſpedida:
Mas como elles não querem bem viver,
E a morte de ordinario,he como a vida:
Se cos juſtos te queres parecer
Vive bem,& dà eſmolas ſem medida,
Porque nunqua ſe vio por caſo,ou ſorte,
Que o liberal tiveſſe ruim morte.

57

Quando morremos tudo cà deixamos
Ouro,prata,dinheiro,& pedraria
E para o outro mundo ſò levamos
As eſmolas,que damos cada dia:
Por hũa ſò com Deos cento lucramos?
Demos tudo à onzena á mor valia,
Pois ſaõ eſcada certa pera a gloria,
E o que cà nos fica he ҫuja eſcoria.

58

Crueldade ſem fim,dirà inclemencia,
Querer fartar o ventre neſta vida,
E a alma na outra he imprudencia,
Que hum deleite a outro naõ convida:
Trata da verdadeira penitencia,
Que ſeja igual à penna merecida,
Que logo a executes com preſteza
Pois que ſabes da vida a incerteza.

Cuida

59

Cuida ſempre o Princepe na morte
E não peccaràs vendo o pouco que es,
E que te hà de pizar o fraco,& o forte,
E cedo te haõ de pòr em cima os pés:
Que couſa ha mais inſtavel do que a ſorte
Da riqueza,& luxuria,quando ves,
Que a luxuria, & riqueza taõ preſada
Tudo às de deixar ſem levar nada.

60

Se conſiderares com a tençaõ pura
Como do Paço teu ſeràs levado,
A hũa eſtreita,& çuja ſepultura
A ſer de bichos fetidos maſcado
De Paço taõ luzente a taõ eſcura,
Cova,tudo em breve taõ trocado
Creo que com temor taõ exceſſivo
Nella te meteràs eſtando vivo.

61

He de ordinario a alma mui ferida
Com remorſos crueis da conſciencia,
Quando ſe quer partir à outra vida,
Por neſta naõ ter feito penitencia:
Lembralhe na extrema deſpedida,
A ſoberba,o rancor,& a inſolencia
Com que ſe ouve,& o tempo mal gaſtado,
A riqueza,& o ouro mal ganhado.

Conſi-

62

Considerando a tràs na brevidade
Com que o tempo da vida se passou,
E vendo adiante a eternidade
De bens, que Deos aos seus aparelhou,
Acusa dentro em si sua maldade,
Porque em tempo taõ breve naõ ganhou
Altas eternidades de alegria
Por prazeres de tanta aleivosia.

63

O coraçaõ se parte, & se atropella,
A garganta enrouquece, os brancos dentes,
Emnegrecem, a cor logo amarella
Se faz, os olhos quebraõ descontentes:
Chega a morte, assombra a graõ procella,
De agonias, & dores, & accidentes:
Tem medo de sahir a alma fora
Mas he força que saya sem demora.

64

Achamse logo ali muito sedentos
Da vingança do triste peccador,
As màs obras, & torpes pensamentos
As vaãs palavras, & obras sem temor:
Achamse ali tambem os turbulentos,
Demonios, com bramido, & grande horror
Para levar a alma miseravel,
Ao inferno fumoso, & intratavel.

65

Da outra parte a doce companhia,
Dos Anjos està alli prompta, & ligeira
Para levar com gozo, & alegria
Aquella alma à Patria verdadeira:
Mas se o Juiz, que tanto lhe sofria,
Na vida, a julgou de outra maneira
Turbada, & com pavor mui formidando
Contra si mesma triste està bramando.

66

Maldita seja a hora em que naci,
Pois naci pera guerra taõ cruenta
Com lembrança da gloria que perdi,
Que tanto como a penna me atromenta;
Maldito seja o tempo em que vivi,
N'hum corpo que o inferno representa
Ladraõ, Traidor, Adultero, & Falsario,
Avarento, Homicida, & Fornicario.

67

Ay de mim, esta he a branca vestidura,
Qual neve que me deraõ no Baptismo
Tornada em negro pés, & nodoa escura
Volto o alvo candor em paracismo;
Respondelhe o Dragaõ, alma perjura,
Que condemnada estàs ao fero abismo,
Eu te cujei essa alva refulgente,
E della està vestida a màs da gente.

Tu

168

Tu me ſeguiſte em quanto eu queria
Obedecendo em tudo a meu governo,
Por tanto vem em minha companhia,
Para as pennas eternas do inferno
Onde triſteza ha ſem alegria,
Sem deſcanço trabalho ſempiterno
Trevas ſem luz, ſem honra vituperio,
Fome ſem fim, ardor ſem refrigerio.

169

Sai entaõ a Angelica figura
Do Rubi a quem foi encomendada,
E lhe diz, ò maldita creatura
De Deos todo poderoſo abominada:
Amiga do demonio, & ſem ventura,
Por elle para ſempre enganada
Contigo ſempre eſtive, & naõ me olhaſte
Do que te conſelhei ſempre zombaſte.

170

Vaite pois co demonio a quem ſeguiſte,
As chamas que teus vicios acenderaõ
Aonde viviràs ſempre tão triſte,
Quanto tuas màs obras mereceraõ:
A morte corporal que ora ſentiſte
Não he ſombra das mortes que te eſperão:
Aſſi dizendo, os perfidos danados,
A levaõ arraſtando, & dando brados.

71

Em quanto isto se passa na amargosa,
Tragedia do miserrimo mortal
O corpo inda no habito,& chorosa,
Toda a gente da pompa funeral:
Dizem chorando,ó alma gloriosa,
De vida santa,& morte celestial,
Que vivendo morrias,naõ te esqueças
Dos teus,& que com Deos os favoreças.

72

O juizo mundano sempre errado
Tristes dias,& mezes,tristes annos,
Triste mundo,tristissimo cuidado,
Naõ ha em ti,se naõ puros enganos:
Sempre viveste cego,& enganado
Entendendo,que os coros soberanos
Dos Anjos se enchiaõ de escolhidos,
Sendo poucos,& muitos os perdidos.

73

Ea pois,amantissimo Rodrigo,
Abre os olhos d' alma esprituaes,
E considera em tudo o que te digo,
Se queres escapar de males taes;
Aprende a morrer no mundo imigo,
Para viver com Christo em seus Reaes;
Aprende a desprezar os bens de escoria,
Para gozar os altos bens da gloria.

Ventu-

74

Venturoſo he aquelle,cuja ſorte
Foi ſó o trabalhar,ſer tal na vida,
Qual o deſejou ſer na dura morte:
Eſte naõ temerà tanto a partida;
Venturoſo tambem,quem for taõ forte,
Que de ſuas riquezas ſe deſpida,
Repartindo por pobres prata,& ouro
Para achar em o Ceo maior theſouro,

75

Não fies em palavras mal ſeguras
De filhos,& de amigos,que entendi,
Que ſe tu por ti meſmo naõ procuras,
Quem ha de procurar deſpois por ti:
As palavras dos homens ſaõ perjuras,
E ninguem quer tratar mais que de ſi,
E quem de ſi,naõ trata,he disbarate,
Cuidar,que ſendo morto, outrem trate.

76

E para que mais ames,& apeteças
A luz do Paraiſo,& bens da Gloria,
Por penitencia aſpera mereças
O desprezo da vida tranſitoria:
Contarteei do Ceo varias cabeças,
E tambem do inferno em breve hiſtoria;
Poſto que pouco alcança meu juizo
Do inferno,& dos bens do Paraiſo.

Neſte

77

Neſte Ceo criſtalino,& tranſparente,
Marchetado de eſtrellas de ouro fino
Aſſiſte o Trino Deos Omnipotente,
Uno,& Trino Deos,Deos Uno,& Trino:
A Mãy do Filho,& Filha do Regente,
Do Ceo, & Terra, Eſpoſa do divino
Eſpirito,& a Celeſte Hierarchia
Do mortal globo,a gente ſanta,& pia.

78

Não moraõ neſta Patria ſanta,& pura
Os Deoſes vaõs Saturno, Jove,& Jano,
Porque eſſes ſervem ſò pera,a pintura
Poetica da Muſa, & jogo humano:
Foraõ tidos(ó grande deſventura,
O cegueira mortal, ò cego engano)
Por Deoſes: ſendo todos terra,& lodo,
Antigua perdiçaõ do mundo todo,

79

He tal a Gloria,eterna,que ha de vir
A quem com Deos por ella trabalhar,
Que nem orelha humana o póde ouvir,
Olho ver,ou ſentido imaginar:
Não ſe pòde dizer, nem difinir
A gloria, que os bons ham de gozar
A viſta da Eſſencia alta de Deos,
Pizando a fermoſura deſſes Ceos.

Imbebi-

80

Embebidos no gozo,& alegria,
Qua em ſi tem os corpos jà ſagrados,
Gozando da divina companhia
Dos Anjos,& dos bem aventurados:
Da muſica celeſte, & harmonia
Dos Serafins em fogo abraſados,
Das Harpas,& das Citharas dos Anjos,
Das Rabecas dos Thronos,& Arcanjos.

81

Terà naquella Patria ſanta,& pura
Sete doens,todo o corpo,& alma vivente:
O primeiro ſerà de Fermoſura,
Sete vezes maior,que o Sol luzente:
Ligeireza o ſegundo,taõ ſegura
Como a dos Anjos taõ indifferente,
O terceiro ſerà de Fortaleza,
Que tudo moverà com graõ preſteza.

82

O quarto Dom ſerà de Liberdade,
Tal que poſſa mover,& penetrar,
Todas as couſas,tanto à ſua vontade,
Que lho naõ poſſa algum outro eſtorvar:
O quinto de Saude em quantidade,
Tanta,que a quem quizer a pòde dar:
O ſexto Graça,& Gloria em tal maneira,
Que todo ſe encha,& farte,& mais naõ queira

S O ſeti-

83

O ſetimo ſerà a Segurança,
Eterna dos deleites, que computo,
Que ſeraõ tantos mais em a baſtança,
Quanto eu em dizellos diminuto:
Outros ſete doẽs mais a alma alcança,
Como os ſete, que ao corpo daõ tributo,
O primeiro ſerà Saber mui puro
Do preſente, paſſado, & do futuro.

84

O ſegundo ſerà de hũa amiſade,
Intima entre todos os celeſtes,
Como membros, que une a Caridade
Com Chriſto Rey dos Ceos, Cabeça deſtes.
Terceiro, & quarto dom Immenſidade
De honra, qual convem de juro a eſtes:
O quinto dom ſerà de Segurança
De bens, que o termo humano não alcança.

85

O ſexto dom ſerà de Gloria tanta,
Recreaçaõ ſegura, ſem mudarſe,
Deleitaçaõ, fartura eterna, quanta
Neſte mundo não pòde imaginarſe:
O ſetimo que he o que me eſpanta
Ver que o meſmo Deos queira humilharſe
A amar os juſtos, que por Rey o aclamaõ,
Mais doque elles meſmo aſi ſe amaõ.

Mas

86

Mas aſſi como os juſtos glorioſos
Ham de ſer na Deifica cohorte,
Aſſi os peccadores vicioſos
Teraõ mui triſtes a contraria ſorte:
Fedores, pennas, choros amargoſos
Fraqueza, enfermidade, eterna morte,
Neſcedade, dor, raiva, mal, diſcordia
Tormento, & penna, ſem miſericordia.

87

Tem Deos taõ admiravel fermoſura,
Que com os Anjos ſerem mais luzentes,
Que o Sol, que cega toda a creatura,
Naõ ſe fartaõ de ver à Deos contentes;
Se a humana vida, que naõ dura
Mais de oitenta annos em os mais potentes,
Se pudera trocar por cem de inferno
Com certeza de ver o bem eterno.

88

Que graõ felicidade, que alegria,
Que feliz penna, que agradavel bem,
Os cem annos paſſaraõ como hum dia
Mui lepido, & o dia aſſi tambem:
Que deſcuido Rodrigo, ou covardia,
Em caſo taõ forçoſo te entretem
A naõ creres deixar o humano trato
Comprar o Ceo por preço tam barato.

89

Date a ti meſmo,que eſſe preço baſta,
Vé com quam pouco Chriſto ſe contenta,
Com negares a carne,que he madraſta,
Confeſſares a culpa, que atromenta:
Se iſto naõ te alegra,nem te agaſta,
Nem o que tenho dito bem te aſſenta,
Movaõte os altos bens de Deos Eterno,
Ou te movaõ as pennas do inferno.

90

Ajuſta bem a conta, que he forçoſa,
E tem por certo Princepe infelice,
Que ta haiu de tomar taõ riguroſa,
Que com medo o cabello ſe te enrice:
Porque ſerà mais triſte,& eſpantoſa,
Do que até agora foi tua doudice,
Não creas outra couſa,& antes creme,
Que doudo he, quem tal conta naõ teme.

91

Volve por tanto em ti, & à viſta diſto
Te converte ao alto Creador,
Medita o que porti padeceo Chriſto
Pregado em hũa Cruz por raro amor:
Cuida noites,& dias ſempre niſto
Na vida,& aſperiſſimo rigor,
Com que quiz padecer morte inſofrida
Por te tornar ati da morte á vida.

Se

92

Se por elle tambem naõ padeceres,
Ou martyrio, ou vida trabalhosa,
Com jejũs, & abstinencias, & viveres,
Morrendo em sua Ley taõ gloriosa:
Eu te affirmarei por certo teres,
Perdida a salvaçaõ naõ duvidosa,
Que quẽ naõ segue a hũ Deos, q̃ tanto o ama,
Com sua Cruz, a Deos, & asi desama.

93

Cuidares de viver mui regalado,
Com varios manjares, & iguarias,
Altos tapetes, paços sublimados,
Musicas, consonancias, melodias,
Affeites, & vestidos desusados,
Jogos, comedias, danças, & alegrias;
E querer salvaçaõ, saõ puros risos,
Porque naõ pòde haver, dous Paraisos.

94

Passar no fim de hũa à outra gloria,
Não pòde ser por mais que o homem queira,
Que hũa gloria he, outra vãa gloria,
E he opposta a falsa à verdadeira:
A falsa he vil esterco, & çuja escoria,
E caminhando vai pella carreira
Do Reyno de Plutaõ horrendo, & escuro
A outra he gosto eterno immenso, & puro.

95

E quem neste emisferio for mundano,
E viver sem cuidar no Deos que tem
Triste padecerà o eterno dano,
E o contrario serà se viver bem:
Cuida Princepe neste desengano
Nos dias que taõ breves vaõ,& vem,
Nas falsas apparencias dos terrenos,
No em que paraõ grandes,& pequenos.

96

Na cinza funeral, & aereo modo,
Em que paraõ as cousas desta vida
Os Monarchas,os Reys,& o mundo todo,
Que tudo emfim he sombra entrestecida:
Tudo se volve em Cinza, Terra,& Lodo,
N'hũa nuvem co vento esparsida
Que em vento se desfaz no mesmo instante,
Sem rastro lhe ficar,ou semelhante.

97

Os coches,& as carroças taõ douradas,
O estrondo,& tropel dos animaes,
Que as levaõ por ruas, & calçadas
Tudo he cisco,& pò dos muradaes:
As ricas vestiduras perfumadas,
Com cheiros, as insignias Reaes,
Ouro,prata,rubis,matizes puros
Tudo he esterco,& lixo dos monturos.

Que

98

Que importa mais hum ſeixo que hũ diamante
O alquime, ou lataõ, que o ouro fino,
Por ſer mais hum que outro rutilante
Por ventura tem mais fulgor divino?
O ouro, a pedraria mais preſtante,
Por quem os homẽs ſuaõ de contino
Não ſe come, nem bebe, & là na morte
He cinza, & he carvaõ de baixa ſorte.

99

Que mais queres mundano que te diga,
Naõ ouves do cocheiro os vaõs eſtalos
Que vaõ dando pregaõ que hũa formiga
Vai ali em ſeis mullas, ou cavallos:
E ſe o nada, que es, te naõ obriga
A deixares vaidades, & regallos,
E ſeguires aquem por ti morreo,
Obriguete eſſe meſmo Rey do Ceo.

100

Começou o benigno Redemptor,
O ſeu triunfo aſpero, & cruento
Com palmas como Rey, & Emperador,
Aſſentado em cima de hum jumento;
E tu enorme, & triſte peccador,
Falto de doẽns do Ceo, cheo de vento
Andas doudo n'hum coche ſublimado,
Torna atràs, ou ſeràs vento tornado.

101

Assi disse, & com fronte mui risonha,
Entre as sombras nocturnas se escondeo;
Rodrigo sem saber que acorda, ou sonha
Quis responder, porém naõ respondeo;
Levantouse, & foise a infadonha,
Noute, & a luz serena amanheceo,
Achouse o pobre Rey em Cauliniana
Mosteiro junto ao rio Guadianna.

102

Eraõ os frades fugidos do Mosteiro
Com receos dos Barbaros malvados,
De bruços esteve elRey hum dia inteiro
Na Igreja chorando seus peccados;
Hum Monge veo alli por derradeiro
A conhecer quem era, ouvindo os brados,
Que o disfarçado Rey aos ares dava:
Este Monge, Romano se chamava.

103

Perguntoulhe quem era, & donde vinha,
Por ver no pobre traje graõ protento,
ElRey lhe respondeo como convinha,
Sem declarar seu posto, ou seu intento,
Pediulhe confissaõ, & o Monge asinha
Lha concedeo, & o Santo Sacramento,
Era força que elRey na confissaõ,
Lhe declarasse o posto, & a tençaõ.

Como

104

Como entendeo o bom Religioso,
Que aquelle era seu Rey, que por estranhas
Terras andava roto,& lacrimoso
Mil ays tirou das intimas entranhas:
Lançouselhe aos pés,& com piedoso,
Affecto o induziu,& varias manhas,
O quizesse tambem levar consigo
Por socio no desterro,& no perigo.

105

Estava na Santa Caza hũa fermosa
Imagem,que Cyriaco trouxera,
De Nasareth, da Filha, Mãy,& Esposa
Daquelle de quem de antes concebera,
Resplandecia a pulchra,& bella Rosa
Por insignes milagres que fizera,
Estavaõ assi tambem na Igreja emfim
Mais Reliquias n'hum cofre de marfim.

106

Toma Rodrigo a inclyta Imagem,
Da Virgem Nazarena,& assi Romano
As Reliquias,& ambos em viagem,
Por montes vaõ ao vespero Oceano:
Dias vinte,& sete na passagem,
Gastaraõ,desviandosse do humano,
Trato,& maos encontros que este mundo
Tràs sempre a quem busca o bem profundo.

A vista-

107

A viſtaraõ no fim da longa via,
Hum monte inacceſſivel coroado,
De aſpero rochedo,& penedia
Dos areais do mar todo cercado,
Com ſer aſpero à viſta parecia
Hum painel de pinturas debuxado;
Tanto do mar ſe vè delle,& da terra,
Quanto a viſta ſe eſtende,& ſe deſterra.

108

Por lhe parecer muito acomodada,
A rocha para ſeu ſagrado effeito
Sobiraõ ambos de dous por hũa eſcada
De pedra que a natura avia feito:
No alto hũa Ermida pouco ornada,
Eſtava,& o edificio jà desfeito,
As paredes,& o mais de muſco,& lixo
Sò tinha em o altar hum crucifixo.

109

Grande conſolaçaõ teve Rodrigo,
De achar elle,& o doce companheiro,
Em lugar de vingança,& de caſtigo
O premio dos trabalhos verdadeiro:
Poſtrados pella terra,& no paſcigo,
Eſpritual fartando o corpo inteiro,
Com lagrimas de amor brotaõ gemidos,
Dos deleites do mundo arrependidos.

110

Assi foraõ passando as tristes vidas,
Com jejuns, disciplinas, & abstinencias
Comendo ervas do campo mal cozidas,
E fazendo outras varias penitencias,
Pagando as vaãs dilicias jà esquecidas
As injustiças, mortes, & insolencias,
Com suaves rigores de alta graça,
E com taõ pouco Deos se satisfaça.

111

Foi chamado do Olympo soberano,
Romano a gozar da merecida,
Gloria celestial dentro de hum anno,
Que com elRey naõ teve mais de vida,
A elRey com saudades de Romano
Lhe parecia a vida mui comprida,
Sem alcançar por onde, foi levado
A Vizeo para ahi ser sepultado.

112

Em hũa cova escura se escondeo,
Com hũa cobra na alta cova escura,
Em Saõ Miguel mui junto de Vizeo,
E em vida se meteo na sepultura:
A mesma sepultura em que viveo,
A Ermida, & a cova ainda dura
Com hũa pedra furada onde se via
Por onde a cobra entrava, & sahia.

Em

113

Em taõ estreito, & humido aposento,
Taõ tosco, pága elRey à graõ larguesa
Dos Paços de colunnas cento, & cento;
De alta ostentaçaõ summa grandeza:
Palido, penitente, & macilento,
Criado só no amor da mãy pobreza,
Na cova junto aos muros de Vizeu,
Restituìo a vida a quem lha deu.

114

He a pobreza a nao mais franqueada,
Para passar os mares desta vida;
He a via melhor, melhor escada
Para sobir à gloria esclarecida:
Os doze escolheu Deos da mais coitada,
Gente do mundo, mais empobrecida,
Tirando três, que saõ Judas inico
Bertolameu fidalgo, & Mateus rico.

LIVRO NONO.

ARGUMENTO.

EStava o Infante Pelayo em hũa montanha das Asturias com trezentos homẽs sómente com animo de alli se defender, & pelejar contra os Barbaros. Conhecido seu intento de Abdalazis Rey de Cordova lhe enviou o Bispo Oppas, cunhado do Conde Iuliaõ, a dizer, que desistisse de sua determinaçaõ, & q̃ quizesse ser seu amigo, q̃ tudo o que quizesse lhe daria, excepta a dignidade Real, fiado o Infante em Deos, lançou de si ao dito Bispo cõ despreso. Manda elRey Mouro a Alchaman com cento, e oitenta, & sete mil homẽs contra Pelayo, pelejaõ com elle matalhe Pelayo com os seus, cento & vinte & quatro mil Mouros, fogẽ os mais, segueos Pelayo, encostaõse a hũ Outeiro, partese o Outeiro pello meio, e cae sobre elles, e mata sessenta mil Mouros, Escapaõ sómente tres mil para testemunhas de taõ prodigiosas vitorias. Morre Iuliaõ, e seus parentes por mandado delRey Mouro. Referemse algũs Reys Christaõs, que foraõ libertando Espanha.

1

ESCura treva, negra escuridade,
Abismo universal, cegueira estranha
Confusaõ, laberinto, & tempestade
Cobriçaõ algũs annos toda a Espanha:
Até que o Rey da Paz, Pay da verdade,
Embrandecendo em parte a ira, & sanha
Tomou por instrumento mui seguro,
A vòs claro Pelayo, & Rey futuro.

2

A vòs futuro Rey demonstrativo,
Da esperança de todos jà perdida,
Vòs nobre Trasibulo primitivo
Libertador da patria enfraquecida:
Cuja memoria alta em bronze vivo,
Serà por longos annos esculpida
Com tanto aplauso, orgulho, gosto, & Gloria,
Que nunqua mais se visse tal memoria.

3

Na paz Pompilio, & no valór primeiro,
Que Mucio o que os mais da musa estranha,
Que com peito magnanimo, & guerreiro
Inerme libertais a nobre Espanha:
Persagio vem a ser mui verdadeiro,
Que em tudo quanto Thetis cerca, & banha
Com suas salsas agoas rouquamente,
Vosso nome andarà de gente em gente.

4

Cedo resurgirà Mavorte, & cedo,
Darà sinal a horrisona bucina,
Não sem pavor estupido, & sem medo,
Da belatrice Espanha excelsa, & dina:
Que ignorando de todo este segredo,
E o que a Musa antiga vaticina
Cuidarà ser de todo destruida,
Para no mundo ser mais conhecida.

5

No tempo que os Christaõs cruas vinganças,
Padeciaõ de Mouros,& Judeos,
Com poucas,ou nenhũas esperanças,
De remedio pois lhe obstaõ os altos Ceos,
O Deos das compaixoẽs,& das bonanças,
Como que fora Pay, naõ fora Deos
Sendo tudo, mostrou que naõ queria,
Disbaratar de todo a Naçaõ pia.

6

Estava o grande Pelayo na mais forte,
Montanha das asperrimas Asturias
Com as santas Reliquias que o consorte,
Urbano arrebatou das Mauras furias:
No coraçaõ sentindo mais que a morte,
Os estragos de Espanha,& as injurias,
Que o Mouro Munusà lhe tinha feito
Com sua irmãa cazando sem respeito.

7

Metido em hũa cova com trezentos,
Poucos mais que se foraõ ajuntando
Movido de celestes pensamentos,
A pelejar se foi deliberando:
De Abdalazis sabidos seus intentos,
De Cordova onde estava governando
Manda ao Bispo Oppas charo irmaõ,
Da mulher do perverso Juliaõ.

Que

8

Que fosse reduzir ao claro Infante
A sua sojeiçaõ com muita pressa,
Que levar naõ quizesse por diante,
Cousas que darlhe aviaõ na cabeça;
Chega o malvado Oppas,& arrogante,
Fala a Pelayo,& dislhe que se esqueça
De pensamentos vaõs, de tal perigo,
Que seja de seu Rey sincero amigo.

9

Que se elle assi o for,como confia,
Que terà lhe promete com verdade
Honras,riquezas, bens, em demasia,
Tudo o que naõ for Regia Magestade:
O Infante que attento tudo ouvia,
Fiado na suprema Divindade,
E favores do Ceo: de ira aceso,
Lança a Oppas de si com graõ despreso.

10

Dizendolhe que torne a embaixada,
Que traz no mesmo ser ao Mouro bruto,
Que todo o seu poder estima em nada,
E sò o offendello estima em muto.
Que o ramo daquella arvore Sagrada,
Que sem perder a flor deu regio Fruto
O ha de ajudar contra infieis,
Contra Barbaros vìs,Christaõs reveis.

Torna

11

Torna Oppas mui triſte a dar avizo,
Ao Mouro ſeu ſenhor do que paſſàra,
Elle com raiva louco,& ſem juizo,
Vingativos exercitos prepara;
Cento,& oitenta mil vaõ de improviſo,
Sete mais com ſoberba,& furia rara
Aprender,& aſſolar ao alto Infante
De baixo dos poderes de Alchamante.

12

A noute eſcuriſſima atalhava,
As canſeiras dos miſeros mortaes,
Na terra o Deos noctivago andava,
Adormentando os laſſos animaes;
Junto da cova eſcura triſte eſtava,
Pelayo vendo os proximos ſinaes
Da guerra,que futura jâ na mente,
Se lhe repreſentava eſtar preſente.

13

Viaſe com trezentos taõ ſòmente,
Poucos mais,com pavor gente coitada,
Contra tanto poder taõ pouca gente,
E gente tantas vezes debellada:
Ao Rey dos Reys inmenſo Omnipotente,
Que o Ceo,& a terra fez de lodo,ou nada
Soccorro com ſuſpiros mil pedia,
E banhado em lagrimas dezia.

14

Quem terà coraçaõ para pedirvos,
Se antes de vos pedir naõ ſoube amarvos
Mas antes offendervos, & expelirvos,
Do meſmo coraçaõ que devia darvos,
Se contudo, Senhor, quem bem ſervirvos
Deſeja, bem merece de aplacarvos,
E tornar à ſer voſſo, acudi pois
Naõ por quem ſomos nòs, mas por quem ſois?

15

Aſſi dezia, & c'hum profundo pranto,
E lagrimas de dor, & magoa pura
De ſe ver em tal duvida, & encanto,
Se recolheo à cova, & ſepultura:
Rompeo niſto cos rayos Phebo o manto
Com que eſtava cuberta a noute eſcura,
Reſplandeceo no Ceo com luz fermoſa
A mãy de Menon branda, & deleitoſa.

16

Aſſi como a luz alma ſe moſtrou,
Em coches de criſtal no Olympo claro
Todo o povo uniforme alevantou
Por ſeu Rey natural o Infante raro:
A pennas entre os pobres ſe acabou,
A ceremonia de acto taõ preclaro,
Quando perto do monte vinha andando
O eſtrondo do exercito nefando.

Jà

17

Jà cercaõ de repente o alto monte,
Que ſempre ſe chamou a Auſeva terra
E o valle tambem que eſtâ defronte,
Cobrindo de cavallos vale,& ſerra;
Naõ ha coraçaõ naõ que naõ ſe afronte,
De ver para taõ poucos tanta guerra,
Mas em Chriſto animados tem em pouco
O barbaro poder ſoberbo,& louco.

18

Sobem os Chriſtaõs ao alto da alta cova,
E ao alto do monte aſſi tambem,
Fazendo feitos altos de alta prova,
Como quem a Deos Trino por ſi tem:
Arremeſſaõlhe os Mouros(couſa nova)
Sulphureas panelas que ir ſe vem,
Lançando de ſi fogo,& chama infanda
E volverem a queimar a quem as manda.

19

Eraõ tantas as lanças de arremeſſo,
E as ſettas que aos noſſos atiravaõ
Qual o chuveiro he eſcuro,& eſpeſſo,
Ou pedriſco em tromentas que o ar lavaõ;
As meſmas armas voltas ao aveſſo,
Tornadas para tras atraveſſavaõ
A quem as expedia,& Santiago
Entre os Mouros fazia grande eſtrago.

20

Cento,& vinte,& quatro mil valentes,
Arabes no conflicto pereceraõ;
O reſtante com puros accidentes
E pavores da morte as coſtas deraõ:
Pelayo,& os ſeus quaſi inſolentes,
No alcance a muitos eſtenderaõ
Pello valle de Cangas junto ao rio,
Diva,que de ver iſto ficou frio.

21

Paſſada eſta taõ proſpera victoria,
Ordenada do Ceo ſereno,& Santo,
Outra logo chegou de maior gloria
Do mundo admiraçaõ, do imigo eſpanto:
O caſo alto,& digno de memoria,
O muſas inſpirai em mim,que canto,
Que ſe nos livros iſto naõ ſe achàra,
Por fabula jà hoje ſe contâra.

22

Pello valle de Cangas vaõ fugindo,
Os Barbaros da lança de Pelayo,
Que ſobre elles feroz a vai brandindo,
Atropelando tudo o fatal rayo,
Hũs ſobre outros com medo vaõ cahindo,
Atonitos do atraz paſſado enſayo,
Em que o Filho de Deos mui riguroſo
Lhe quiz moſtrar,que ſò era podroſo.

Do

23

Do valle acima dito se alevanta,
Contra o rio Diva hum grande outeiro
De altura,& imminencia tal que espanta
A todo o natural,& passageiro:
Chegando os Mouros à lapidea planta
Do monte desarmado,mas guerreiro,
Se encostaraõ ali fracos,& imbelles;
Eis que o monte se parte,& cai sobre elles.

24

O Divina,& inmensa providencia,
Quem poderá scrutar segredos taes,
Que hontem vingais de Cava aviolencia
E hoje de Pelayo a irmãa vingaes:
Sesenta mil morreraõ da cadencia
Do monte entre as pedras funerais,
Escaparaõ tres mil deste prestigio
Para ser testemunhas do prodigio.

25

Vendo emfim Munusa o disbarate,
Dos barbaros,& vendo Oppas cativo
A Alchaman fundido no combate,
E a cahida do monte vingativo:
Entendendo que o ultimo remate,
Veria a ser com elle sucessivo,
O governo deixou aos vaõs Judeos
Sò por se pòr em salvo asi,& aos seos.

26

Mas Pelayo que novamente armado,
Eſtava da maõ divina o paſſo atalha,
Atraveſſa a Munuſa, elle enfiado,
Dà gritos por Mafoma que lhe valha,
Paſſa ao fio da eſpada invicto, & irado
A multidaõ da Barbara canalha,
Sem deixar hum que foſſe teſtemunha
Da victoria que Deos nas maõs lhe punha.

27

Soou por toda a Eſpanha de repente,
A fama de taõ proſperas victorias
Os Chriſtaõs ſe animaraõ largamente,
Dos Mouros ſe murcharaõ as vanglorias:
Julgou Abdalazis erradamente,
Que o Conde Juliaõ em tantas glorias
Tinha parte,& que a Pelayo aceito,
Queria emendar o mal jà feito.

28

Sem outra algũa prova os Sarracenos
Mandaõ logo matar ao dito Conde,
E a ſeus parentes grandes,& pequenos
Deſpacho que a ſeus feitos bem reſponde;
Naõ padeceo o ingrato, Oppas menos,
Nem Cava,nem Frandina que ſe eſconde,
Por naõ ſofrer o ùltimo accidente
Todos a vida acabão infamemente.

Eis

29

Eis aqui o em que paraõ as privanças,
Miſeraveis dos Princepes do mundo
As treiçoẽs,as maldades,as vinganças,
As ambiçoẽs,de hum peito ſitibundo:
Tudo ſaõ deſvarios,& mudanças,
De hum terreno mal,a hum mal profundo,
Comprando com paixoẽs,& ſentimentos,
Hum morgado perpetuo de tormentos.

30

Tanto que o Conde foi deſcabeçado,
O roubaraõ os Mouros altamente
Por pragas que rogou Martinho irado,
Quando ſe afogou na agoa corrente:
De modo que o tyrano foi roubado,
E morto pellos ſeus miſeramente
Exprimentando em ſi todo o caſtigo,
Que padeceo Martinho amigo,& imigo.

31

Foi chamado do Rey da ſumma altura,
Pelayo Rey,& Pay da Hiſpana gente,
Deixando toda a Eſpanha em noute eſcura
Extincta a clara luz da tocha ardente;
Exaltate ò Eſpanha ſanta,& pura,
Que em quanto alumiar o Sol fulgente
O mundo com ſeu giro radiante,
Não tornarà jà a ver taõ alto Atlhante,

32

Ao invicto Pelayo ſucedeo,
Dom Favila ſeu filho,por diviſa
De Affonſſo o Catolico,que ergueo,
Os animos de Aſturias,& Galiza:
Aurelio offendeo,& defendeo,
Sylo,de Portugal os campos piza,
Muito fizeraõ o Caſto,& Dom Ramiro,
Sancho,Bermudo,& os mais que naõ refiro.

33

Refereos em proſa peregrina,
Hum Bernardo de Brito,hũa Bernarda
Ferreira,de Caliope divina,
Filha adoptiva vera,& naõ baſtarda:
Comprido tens , ò Muſa perigrina,
Tudo o que prometeſte,& jà te aguarda,
Outro canto tal ves mais bem aceito
A aquelle a quem tudo eſtà ſojeito.

34

Alto Princepe excelſo,& ſoberano,
Que por diſpoſiçaõ da Summa Alteza,
Governaes o Imperio Luſitano,
Extremo fim de toda a redondeza:
Donde mandais dar leys ao Indiano,
Que do Sol vè primeiro a chama aceza,
Senhor do Oriente,& Occidente,
Com dous braços cingindo o mũdo ingente.

Eſtan-

35

Eſtando tanto Imperio duvidoſo,
E tendo em voſſa maõ toda a vingança,
Vos moſtraſtes taõ pouco ambicioſo,
Que vencervos naõ pode a Regia herança:
Antes foſtes taõ juſto,& piedoſo,
Que deixaſtes à ſorte,& á mudança,
A ocaſiaõ que tinhens oportuna,
Expondovos aos golpes da fortuna.

36

O meſmo ſucedeo no tempo antigo,
A David na Judéa dividida,
Que colhendo na cova o inimigo,
Podendo; lhe naõ quis tirar a vida:
Antes quis pôr o Reyno em perigo,
De perdello: que ſer falſo homicida:
Muito cõ eſte Rey vos pareceis,
Na lealdade,& em tudo o que fazeis.

37

Os mais (ſenhor) dos Reys,& Emperadores,
De Roma feneceraõ a punhaladas
Por ambiçaõ de injuſtos ſuceſſores,
Que honras quizeraõ ter anticipadas:
Os Halifas a ſeus progenitores,
E irmaõs mataõ,em mezas venenadas.
E muitos dos Chriſtaõs ſeguindo eſte erro,
Por mandar aos ſeus mataõ com ferro.

Ja-

38

Jactavasse Selimo Pajazunda,
Extincto o pay,& os filhos innocentes,
Que naõ avia cousa mais jocunda,
Que reinar sem ter medo de parentes.
Barbara voz sentença furibunda
De hum Turco dada a Turcos insolentes,
Taõ diferentemente o tendes feito,
Quãto vai de hũ Christaõ a hú Turco peito.

39

O clemencia no mundo nunca ouvida,
O Regia,& natural benignidade,
O piedade sempre engrandecida,
O fraterna,& leal fidelidade:
Desprezastes a inveja desmedida,
Da Pigmaleonea impiedade,
Para que veja o Ceo que sem cobiça,
Do Reyno naõ quereis mais que justiça.

40

E como della sois taõ grande amante,
Como em vos bem se vai exprimentando,
Ponde os olhos no Reyno lacrimante,
Que a falta della triste està chorando:
Em vós se espera ver hum semelhante,
De Basilio Rey Grego,que imperando,
Toda a Grecia, só dava os Magistrados,
A varoẽs na inteireza mui provados.

De

41

De nenhũa maneira consentia,
Em seu justo serviço ambiciosos,
Nem filhos da perversa tirania,
Nem faciles,nem loucos furiosos:
Mais que tudo das letras repellia,
Homens afeminados,& jocosos,
Ridiculos nos trajes,& nas cores,
Para Titires mais,que julgadores.

42

Miguel Porphyro genito insciente,
Emperador a jogos costumado,
E delicias,& elle summamente,
Jocoso,festival,& afeminado;
Offrecendolhe guerra a Maura gente,
Foi della facilmente superado,
Junto aos muros reais da propria terra,
Que moles naõ saõ bõs em paz nem guerra.

43

Destes Periandro,& Pittaco deziaõ,
Que eraõ peste dos mizeros terrenos,
Porque com qualquer vento se moviaõ,
A roubar a pobreza dos pequenos:
Trocendo nas sciencias que fingiaõ,
As leys a seus intentos vaõs,& obcenos,
E mostrando com cores ser justiça
O que nelles sòmente era cobiça.

44

Aſſi meſmo eſte Principe ſagrado,
Rejeitava da Curia os pertinaces,
E ſó queria ter no ſeu Senado,
Sojeitos mais prudentes,que loquaces:
Reprendia com animo indignado
Os doctores ſofiſticos mendaces,
Que com ſeu multiloquio,& voz errada,
Votavaō,ſem das leys ſaberem nada.

45

Se com cartas ou dadivas ſoubeſſe,
Que algum a juſtiça pervertia,
Pago anoveado o intereſſe,
Com penoſa ignominia o deſpedia:
Se algum fidalgo, ou grande pretendeſſe
De algum dos pretendentes ſer valia,
Só por iſſo ficava eſte letrado,
Sem deſpacho,& o grande abominado.

46

Por eſtes,& outros modos que buſcava,
Para ter admiraveis julgadores,
Os tinha taō perfeitos,que admirava
Seu governo a Reys,& Emperadores:
Em toda a Grecia entaō ſe renovava
A idade dourada com ſuas flores,
Porque a vera juſtiça,& paz ſerena,
Dourada idade he,gloria terrena.

Alc-

47

Alexandre Severo Emperador,
Na justiça igual a Justiniano,
Tinha no seu conselho superior
Papiniano,Paulo, & Ulpiano:
Com taes Varoẽs , que luz,que resplendor
Se veria no Imperio alto Romano,
Produziria entaõ a terra estrellas,
Fulgindo de justiça o Sol entre ellas.

48

Era no nome,& obras mui severo,
E em vingar injurias mui inteiro,
Em castigar soldados duro,& fero,
Mas dos bős era hum doce companheiro:
Amava com amor puro,& sincero
Aos juizes de zello verdadeiro,
Castigava aos sordidos,& avaros
Com pennas corporaes, tormentos raros.

49

A Turino fingido seu privado,
Por vender seu favor a hum pertendente,
Mandou que fosse morto, defumado
Com fumo de ervas verdes lentamente:
Mandando entaõ lançar pregaõ dobrado
Com trombetas,por toda a terra,& gente,
Que deste fosse o ultimo consumo,
Morrer em fumo,pois vendéra o fumo.

50

Vedava que os officios de julgar,
E os mais,ſe vendeſſem nem pagaſſem
Porque naõ era juſto caſtigar,
Aquelles que vendeſſem o que compraſſem:
Que mais o naõ quizeſſem adorar,
De joelhos,nem Princepe o chamaſſem,
Porque naõ era mais que hum maó regente,
Dos povos Protector,do Imperio ingente.

51

Vós ſenhor neſte Reyno Luſitano,
Tendes Miniſtros taes taõ excelentes,
Que co voſſo exemplo ſobre humano,
podem vender juſtiça as outras gentes.
Mas ha outros de peito taõ profano,
De outras condiçoẽs taõ diferentes,
Que muto ſe parecem co a ignava
Gente,que elRey Baſilio reprovava.

52

Eſtes fazem chorar,& intriſtecer
Voſſo Reyno ſó niſto lacrimoſo,
Que o eſtà vendo ſempre padecer
A viuva, & o orfaõ deſditoſo,
Tirandolhe a fazenda,a honra,& ſer,
E dandoa ao ſoberbo,& poderoſo,
Contra as leys que Licurgo tanto amava,
Nas quaes eſtes dous tanto emcomendava.

Dando

53

Dando ſentenças impias,& inpudendas
Contra os bons por qualquer louco reſpeito,
Tomandolhe os bens,dando as fazendas
A quem nellas naõ tem nenhum direito.
Caſtigando com furias eſtupendas,
Os pobres,por qualquer pequeno feito:
De crimes capitaes livrando os nobres:
Naõ tendo mais valor que contra os pobres.

54

Muito ſenhor de algũs dizer pudera,
E de ſuas maldades,& furores,
Mas a penna ſe abſtem,& ſe modera
A viſta de outros raros julgadores:
Por tanto, alto Senhor, em quem ſe eſpera,
Renovada a memoria dos maiores,
Se quereis ter juſtiçaglorioſa,
Dai os cargos a gente virtuoſa.

55

Dai os cargos a gente ſem cobiça,
E gozareis o Imperio mais jocundo,
Que Octavio Emperador pella juſtiça
O fez Deos vencedor de todo o mundo:
A ſede que o peito acende, & atiça
Do alheo nos leva ao profundo,
E ſe eſta faltar baſta ſòmente
Para eſtar ſempre o Reyno florecente.

Fazeĩ

56

Fazei muito,que os premios,& os caſtigos,
Andem ſempre igualmente executados,
Que os Miniſtros das leys,& patria amigos,
Sejaõ liberalmente premiados:
Que os ſoldados, que expoem aos perigos
A vida,por vòs ſejaõ acreſcentados,
Pois o premio,& caſtigo na balança
Fazem da Corte a Bemaventurança.

57

E tende junto a vòs taes Conſelheiros,
(Quaes os tendes) que poſſaõ ſer chamados,
Pays da canſada patria verdadeiros,
Dos pobres defenſores,& advogados:
E alem de juridicos,& inteiros,
Sejaõ todos dos olhos obcecados,
Que naõ vejaõ o grande,o rico,o rudo,
E ſem affecto algum deſpachem tudo.

58

E procurai tambem,que todos elles
Tenhaõ as maõs cortadas,& os reſpeitos,
Para naõ tomar dadivas de aquelles,
Que em deſpacho algum lhe eſtaõ ſojeitos:
Se aſſi forem,ao menos parte delles,
Mais perfeito ſereis,que os mais perfeitos,
E vereis em Lisboa renovado,
De Beocia o conſelho ſublimado.

59

Naõ admitaes Senhor aos lisonjeiros,
Que com pretexto vaõ de justa guerra,
Ou bem commum: fingindose cordeiros,
Sendo lobos, devoraõ toda a terra:
Vòs,que sois o maior dos Conselheiros,
Em quem toda a prudencia se encerra,
Sabereis bem medir cauto,& venusto,
Se o conselho que daõ he falso,ou justo.

60

He taõ propria em vòs vossa clemencia,
E vossa natural benignidade,
Quanto tamanha he vossa potencia,
Igual em vòs poder,& piedade:
Com taes doens,certo he q̃ a summa Essencia,
Que tudo rege,em toda a eternidade,
Vos darâ hum talento taõ profundo,
Que possais governar o mar,& o mundo.

61

O mesmo sois,que o inclyto,& primeiro,
Joaõ,que entregandoselhe o governo,
Do Reyno:foi nas armas taõ guerreiro,
Que de Governador foi Rey superno:
Naõ só do sangue deste sois herdeiro,
Mas tambem do valor,& esforço interno,
Tanto por vossas partes estendido,
Que quasi està o antigo escurecido.

62

Por Tymbre as Armas tendes do divino
Capitaō, que por nós morreo na Cruz,
Que Rey pode no mundo aver tão dino,
Que na ſtemma logre as chagas de JESUS:
Com tal Eſcudo mais que adamantino,
Mandado pello Rey da eterna luz,
Podeis bem ſegurar voſſa clemencia,
Que armas de Deos naō ſofrem reſiſtencia.

63

Nas armas de JESUS, & voſſas, paraō,
Alto ſenhor meus verſos numeroſos;
Em quanto as Mundas outros me preparaō,
Para voſſos louvores glorioſos:
Se Apolo, & as nove Irmaás me naō reparaō
Nas audacias de feitos tão famoſos;
Ei de formar de vós taō raro canto,
Que a todo o univerſo faça eſpanto.

LAUS DEO.

ILLUSTRISSIMIS INQUISITORIBUS
hæreticæ pravitatis.

SAcri Patres ſervatores fidei, quibus datur unis
Parcere ſubjectis, et debelare pravos.
Occurrent ſi qua in noſtris male firma libellis,
Deleat errores æqüa litura meos.
Iudicijs veneranter veſtris ſubmittimus illos
Nam preter vos recta non licet ire via.

LICENCAS.

VI este livro intitulado (*Destruiçaõ de Espanha*) não achei nelle cousa, que encontre a nossa S. Fè, ou bons costumes, antes entre as ficçoens Poeticas contém algũas moralidades de grande doutrina, como se vé no livro oitavo; pareceme digno de se dar ao Prelo. Carmo de Lisboa, em o 1. de Septembro de 669.

M. Fr. Thomè da Conceiçaõ.

VIstas as informaçoens, pódese imprimir este livro, cujo titulo he: *A Destruiçaõ de Espanha*, seu Author o Doutor Andre da Sylva Mascarenhas, & impresso tornarà para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella naõ correrà. Lisboa 10. de Septembro de 669.

Diogo de Sousa. *Fr. Pedro de Magalhaẽs.*
D. Verissimo de Lancastro. *Alexandre da Sylva.*
Francisco Barreto.

POdese imprimir. Lisboa, em Cabido Sede vacãte, 18. de Outubro de 669.

Cordes. *Peixoto.*

QUe se possa imprimir, vistas as licẽças do S. Officio, & Ordinario, & despois de impresso torne a esta Mesa para se conferir, & taxar, & sẽ isso naõ correrà. Lisboa, & 26. de Janeiro de 671.

Magalhaẽs de Meneses. *Lemos.* *Miranda.* *Carneiro.*